



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISAS E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA



ROSIANE DIAS MOTA

***“Senhor dono da casa, se não for muito custoso, vem abrir a vossa porta que nós viemos de pouso”*: as territorialidades produzidas pelos Grupos das Folias de Reis em Goiânia**

Goiânia
Junho, 2011

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	ROSIANE DIAS MOTA		
E-mail:	rosianeturismo@yahoo.com.br		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Vínculo empregatício do autor			
Agência de fomento:	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico	Sigla:	CNPq
País:	Brasil	UF:	GO CNPJ:
Título:	"Senhor dono da casa, se não for muito custoso, vem abrir a vossa porta que nós viemos de pouso": territorialidades produzidas pelos Grupos das Folias de Reis em Goiânia		
Palavras-chave:	Folia de Reis. Cultura. Território. Identidade. Paisagem Cultural. Goiânia.		
Título em outra língua:	"Sir, the owner of the house, if it is not too much to ask for it, come and open the door of your house to us, because we came here for a sleepover" the territorialities produced by groups of "Folias de Reis"		
Palavras-chave em outra língua:	Folia de Reis. Culture. Territory. Identity. Cultural Landscape. Goiania.		
Área de concentração:	Ciências Humanas		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	01 de julho de 2011		
Programa de Pós-Graduação:	Geografia		
Orientador (a):	Maria Geralda de Almeida		
E-mail:	mqdealmeida@gmail.com		
Co-orientador (a):*	Não se aplica		
E-mail:	Não se aplica		

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Assinatura do (a) autor (a)

Data: ____ / ____ / ____

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

ROSIANE DIAS MOTA

***“Senhor dono da casa, se não for muito custoso, vem abrir a vossa porta que nós viemos de pouso”*: as territorialidades produzidas pelos Grupos das Folias de Reis em Goiânia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais - IESA da Universidade Federal de Goiás - UFG, sob requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Natureza e Apropriação do Espaço no Cerrado.

Linha de Pesquisa: Espaço e práticas culturais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Geralda de Almeida.

Goiânia

Junho, 2011

Ficha catalográfica elaborada
automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MOTA, ROSIANE DIAS

"Senhor dono da casa, se não for muito custoso, vem abrir a vossa porta que nós viemos de pouso": as territorialidades produzidas pelos Grupos das Folias de Reis em Goiânia [manuscrito] / ROSIANE DIAS MOTA. - 2011.

MMXI, 2011 f.: il.

Orientador: Prof. MARIA GERALDA DE ALMEIDA.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2011.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, símbolos, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Folia de Reis. Cultura. 2. Território. 3. Identidade. 4. Paisagem Cultural. 5. Goiânia. I. ALMEIDA, MARIA GERALDA DE, orient. II. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: NATUREZA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
Rosiane Dias Mota**

Ao primeiro dia do mês de julho do ano de dois mil e onze (2011), a partir das quatorze horas, no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, teve lugar a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado de Rosiane Dias Mota intitulada: **“Senhor dono da casa, se não for muito custoso, vem abrir a vossa porta que nós viemos de pouso”**: as territorialidades produzidas pelos Grupos das Folias de Reis de Goiânia. A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 047/2011 da Diretoria do IESA, pelos seguintes Professores Doutores: Profª. Drª. Maria Geralda de Almeida (presidente), Prof. Dr. Fadel David Antônio Tuma Filho (membro titular) e Prof. Dr. Carlos Eduardo Santos Maia (membro titular). Os examinadores arguíram na ordem citada, tendo o candidato respondido satisfatoriamente. Às 16 horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo o candidato obtido os seguintes resultados:

Profª. Drª. Maria Geralda de Almeida – Ass. Almeida

Aprovado (X) Reprovado ()

Prof. Dr. Fadel David Antônio Tuma Filho – Ass. Fadel David Antonio Tuma Filho

Aprovado (X) Reprovado ()

Prof. Dr. Carlos Eduardo Santos Maia – Ass. Carlo

Aprovado (X) Reprovado ()

Presidente da Banca – Profª. Drª. Maria Geralda de Almeida

Ass. Almeida

Resultado final: Aprovado (X) Reprovado ()

Houve alteração no Título? Sim () Não (X)

Em caso afirmativo, especifique o novo título: _____

Outras observações: Recomenda-se, após as modificações sugeridas pela banca, para publicação do trabalho.

Reaberta a Sessão Pública, o (a) Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela secretária do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia.

Secretária Isma de S. Cordeiro

A Deus, que se fez e se faz presente em todos os momentos de minha caminhada.

Aos meus familiares, pelo amor, compreensão e força.

Aos devotos e mestres de folia, pelo acolhimento, carinho e disponibilidade em participar desta investigação.

À minha orientadora, pela dedicação dispensada em sua orientação.

A todos estes dedico estas páginas. Eles contribuíram para que eu pudesse melhor compreender e discutir “as festividades [...] [como] uma forma primordial, marcante, da civilização humana” (Bakhtin, 1987, p.7).

AGRADECIMENTOS

“A felicidade aparece para aqueles que [...] reconhecem a importância das pessoas que passam por suas vidas”.

Clarisse Lispector

O reconhecimento e a gratidão são um dos maiores legados que meus pais me ensinaram desde a infância. A gratidão tem em seu significado o ato de reconhecer os esforços e a contribuição de diferentes pessoas, tanto para minha formação sociocultural, quanto para a realização desta pesquisa. É por causa destas pessoas, ora próximas ora por vezes desconhecidas, que hoje estas linhas podem ser lidas. Destino este espaço para citar e reconhecer aqueles que me ajudaram, e peço perdão se porventura em algum momento me esquecer de alguém.

Em primeiro lugar agradeço a Deus por guardar meus passos e minha vida, por moldar meu ser e minha personalidade, por me dar durante esta investigação a oportunidade de aprender mais sobre o ser humano e a vida.

À Professora Dra Maria Geralda de Almeida, como minha orientadora, por me ensinar e direcionar da melhor forma possível esta investigação. Ousadamente agradeço ela, como pessoa e amiga, por nos ensinar, como orientandos, a festejar os momentos de sucesso e a sermos fortes e persistentes diante de suas limitações; por nos mostrar a todo momento que não há dificuldade ou limitação tão grande que não possa ser superada com dedicação e esforço.

Aos grupos de Folias de Reis: Mestres e Coordenadores - Jamil, Olavo, Orlando, Miguel, Sebastião (seu Tião), Genésio (em memória), Olídio, André, Orange, Adão e Domingas (dona Duzinha) - pelo carinho e atenção dispensados a nossa equipe durante essa pesquisa. Parabenizo-os pela dedicação em manter vivas as histórias, os ritos e a fé nos “Santos Reis”; tal atitude é o que garante a continuidade desta tradição. Aos foliões e devotos agradeço por me receberem tão calorosamente em seus grupos e em suas casas; por proporcionarem ao meu trabalho de campo momentos festivos, agradáveis e alegres. A todos aqueles que, mesmo sem me conhecer, auxiliaram essa pesquisa com informações, receberam-me em suas residências durante os “giros” e contaram suas experiências.

Aos meus pais, João Dias Mota e Marli Maria Amaro Mota que, direta e indiretamente, fizeram comigo esta Dissertação. Agradeço-lhes por darem condições físicas e emocionais para meu desenvolvimento científico e por entenderem e respeitarem minhas

escolhas. Aos meus familiares por se preocuparem comigo, por compreenderem a minha ausência nas festas e confraternizações nestes dois últimos anos, por se interessarem pelo meu tema de pesquisa e por concederem seus depoimentos sobre o formato dos “giros” e das festas de folias no meio rural das décadas de 1970 e 1980. Estas informações me ajudaram na compreensão inicial da formação e continuidade dos grupos de folias advindos do interior do Estado para a cidade de Goiânia. Aos meus pastores Marcelo Marques e Aline Marques por me compreenderem e saberem diferenciar religião e pesquisa científica.

A Joyce Almeida, Nelton Moreira, Zenite Cassimiro, Giselle Lima, Maria Aparecida, Cesar Barreto, Máisa França, Jorgeanny Fátima pela contribuição no trabalho de campo nos “giros” e no Encontro de Folias de Goiânia nos anos de 2010 e 2011, com entrevistas, fotos, filmagens, e discussões posteriores aos eventos.

A Clarinda Aparecida e Gisélia Lima por terem me incentivado a estudar para a Seleção de Mestrado, por terem torcido por mim, e se alegrado comigo em cada momento. Vocês foram e são muito importantes para o que serei e pelo que sou hoje.

A todos os meus amigos que comigo compartilharam suas experiências, sorriram nos dias ensolarados e choraram nos dias chuvosos, o meu muito obrigada! A Silvana Moretti (IESA), Jean Santos (UEG), Ismar Lima (IESA) pela amizade, ajuda na busca por referências bibliográficas, por interpretação de leituras, nas correções de textos, traduções, e principalmente pela paciência.

A Lara Cristine e Rangel pela amizade e por me ensinarem e auxiliarem na produção dos mapas desta dissertação. Àqueles que carinhosamente denomino de “Familia Almeida”: Jakelline Pinto, Muryel, Juliana, Leila Bastos, Leandro Seles, Viviane Custodio, Violeta Pereira, Silvana Moretti, Avacir Santos, Evanildo Cardoso, Jorgeanny Fátima, Mary Anne, Maria Idelma, e Clarinda Silva por tornarem a pós-graduação um período que contribuiu para a minha formação como ser humano que vive em sociedade, repleto de relações de afetividade e sociabilidade.

A Leandro Caetano pelo auxílio na literatura e nas reflexões sobre as Folias e suas particularidades. A Fernanda Alexandre pelo auxílio nas primeiras apresentações e leituras. Aos colegas da pós-graduação pelas calorosas discussões nos eventos, nas salas de aula, nos grupos de estudo e nos corredores do Instituto. A Tito Coelho pelo auxílio nas leituras e pelos ensinamentos sobre os mitos e segredos da folia.

Aos professores Giuliana Andreotti (TRENTO-Itália), Tadeu Arrais (IESA-UFG), Jadir Pessoa (FE-UFG), pela contribuição na construção teórica e empírica deste trabalho. Aos professores Christian Dennys, Eguimar Felício, Celene Cunha, Maria Augusta Mundin,

Ivanilton Oliveira, Geoffroy Filoche, Manoel Calaça, Joana Fernandes, Tadeu Arrais, Maria Geralda, Salete Kozel, pelas discussões e contribuições dadas durante suas disciplinas, momentos que me ensinaram pensar geograficamente.

Ao professor Doutor Arédio Teixeira Duarte (Faculdade Lions), que cuidadosamente leu esta dissertação e auxiliou nas correções da versão final.

Ao Instituto de Estudos Sócio-ambientais – IESA - e ao Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais - LABOTER - que proporcionaram condições físicas de laboratórios, equipamentos, visitas a campo e infraestrutura em geral para o desenvolvimento desta. Aos funcionários do IESA, pela dedicação e prontidão no auxílio às atividades e na obtenção de informações.

À Secretaria Municipal de Cultura e de Turismo de Goiânia, À Comissão Goiana de Folclore, à Agência de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, à Organização Social de Cultura - ABAÇAI de São Paulo, pelas informações e metodologias fornecidas que foram utilizadas no mapeamento dos Grupos de Folias do Estado de Goiás.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - por conceder a Bolsa de Mestrado por meio do Projeto Casadinho - Projeto IESA/USP: Cidades e Práticas Espaciais: Diferentes Dinâmicas em Metrópoles Brasileiras Nacionais e Regionais - Linha de Pesquisa: Cidade e Apropriação Social: Patrimônio, Festa, Gestão e Turismo; no período de 20 meses. Este auxílio propiciou melhores condições para a dedicação na pesquisa, cumprimento das disciplinas, trabalhos de campo e participação em eventos.

Todas estas pessoas e órgãos citados são prova de que "aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós"¹, muito obrigada a todos por deixarem muito em minha vida.

¹ Antoine de Saint-Exupéry

'A folia existe desde o começo do mundo'. Começou na oralidade de um povo, que encontrou na festa a possibilidade de delimitar seu espaço social, e de se afirmar sobre si mesmo. Neste contexto, em um emaranhado de significados, a folia é sociabilidade, é alegria, é reencontro, é saudade. A folia é saída, é giro, é chegada, é passar a responsabilidade para um novo festeiro dar continuidade à festa. É trabalhar para que no próximo ano o ciclo se repita com o compromisso de devoção ao “Santo da Bandeira”, nas toadas das cantorias, nas brincadeiras dos palhaços, no sabor das comidas, na decoração das casas, na hospitalidade da chegada, e na saudade da saída”.

Rosiane Dias Mota

RESUMO

MOTA, Rosiane Dias. “*Senhor dono da casa, se não for muito custoso, vem abrir a vossa porta que nós viemos de pouso*”: as territorialidades produzidas pelos Grupos das Folias de Reis em Goiânia. 2011. 207 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Orientadora: Profa Dra Maria Geralda de Almeida – Instituto de Estudos Sócio Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

Os “giros” de Folias de Reis consistem em uma manifestação do catolicismo popular permeada de ritos, crenças e lembranças. A presente investigação, apoiada na abordagem da geografia cultural, tem como objetivo analisar as territorialidades que emergem pelas relações estabelecidas nos “giros”, apresentações e encontros de Folias de Reis na cidade de Goiânia, bem como obter uma leitura dos significados destas como manifestação e expressão da cultura popular. As Folias de Reis produzem “marcas” no espaço-tempo (território, territorialidades, identidades) que se configuram em paisagens simbólicas. As relações territoriais e as paisagens simbólicas produzidas pelas Folias de Reis, mesmo em diferentes realidades, não modificam sua essência de devoção e tradição. Esses grupos se adaptam ou sofrem modificações físicas e estruturais de acordo com a situação em que se inserem, mas o sentido devocional se mantém e se fortalece a cada cantoria. Os aspectos teórico-metodológicos utilizados no desenvolvimento desta têm como base, entre outras, às contribuições de Almeida (2005; 2006; 2010), que discute relações territoriais no âmbito da geografia cultural; de Geertz (2001), o qual aborda questões conceituais referentes à cultura; de Hobsbawn (1997), com uma reflexão acerca da *tradição genuína e inventada*; e de Cosgrove (2004), que discute as paisagens simbólicas e sua leitura. Utilizou-se, como procedimentos metodológicos, levantamento bibliográfico, pesquisa documental, trabalho de campo, tratamento de dados, produção de mapas, entre outros. Conclui-se que a Folia de Reis consiste em uma festa permeada de relações sociais que evidenciam, durante os “giros”, um universo simbólico dotado de elementos rurais no meio urbano da Capital. São nas celebrações, cantorias e na hospitalidade dos foliões, que são produzidas pelas folias, as territorialidades e as paisagens culturais presentes no calendário festivo do ciclo natalino da cidade.

Palavras-chave: Folia de Reis. Cultura. Território. Identidade. Paisagem Cultural. Goiânia.

ABSTRACT

MOTA, Rosiane Dias. **"Sir, the owner of the house, if it is not too much to ask for it, come and open the door of your house to us, because we came here for a sleepover"**: the territorialities produced by groups of "Folias de Reis" in Goiania, 2011, 207 pages. Master thesis (M.Sc.), Supervisor: Prof. Dr. Maria Geralda de Almeida, Institute for Environmental and Social Studies - IESA, Federal University of Goiás - UFG, Goiania, 2011.

This current research examines the territorialities which emerge from the relations established in the presentations and meetings of the 'Giros of Folias de Reis' in Goiânia. This binomial cultural-religious manifestation consists of an after Christmas seasonal Catholic popular festivity, which is permeated with Christian rites, beliefs and memories. 'Giros of Folias' are, therefore, collective walks practiced by specific fancily-dressed festive groups. Symbolically, 'giros' means the Christ walks, and 'Folias' represents the 'Three Kings celebration'. The research has its conceptual and theoretical approaches within the Cultural Geography realm. It seeks to have readings on the meanings of these expressions of popular culture. The 'Folias de Reis' produce "inscriptions" in space and time (territory, territoriality, identity), which become part of symbolic landscapes. The territorial relations and symbolic landscapes produced by the 'Folias de Reis', even within different realities and contexts, do not have their essence, such as devotion and tradition, changed. These festive groups adapt themselves, or have physical and structural modifications, depending on the situation in which they become part of, but their devotion gets strengthened every time they practice the 'Giros'. The theoretical and methodological aspects used in the research are based, but not limited to, on the contributions of Adams (2005, 2006, 2010) who debates the territorial relations within the Cultural Geography domain; on the work of Geertz (2001), who addresses conceptual approaches related to 'culture'; on the insights of Hobsbawm (1997) who provides a reflection on two types of tradition: real and invented one; and, on the work of Cosgrove (2004), who discusses the symbolic landscapes and its reading. For this investigation, the used methodological procedures and tools were: literature review, documented material, fieldwork, maps production, and data analysis. The findings reveal that the "Folia de Reis" entails a festivity replete with social relations which, per se, put in evidence – during the "Giros" - , a symbolic universe composed of rural elements, but, in this particular case, celebrated in an urban environment. The territorialities and cultural landscapes are then produced during the festival with the songs and the hospitality of the festive groups, and it is an event which takes place cyclically according to a Christmas event calendar of Goiania.

Keywords: Folia de Reis. Culture. Territory. Identity. Cultural Landscape. Goiania.

RESUMEN

MOTA, Rosiane Dias. **“Señor, el dueño de la casa, si no es mucho pedir, venga y abre la puerta de su casa para nosotros, porque estamos aquí para una dormida”**: las territorialidades producidas por grupos de "Folias de Reis" en Goiania, 2011, 207 páginas. Tesis de maestría. Supervisora académica: Prof. Dra. Maria Geralda de Almeida, del Instituto de Estudios Socioambientales - IESA, de la Universidad Federal de Goiás - UFG, Goiânia, 2011.

Esta investigación examina las territorialidades que surgen por medio de las relaciones establecidas en las presentaciones y reuniones de los “Giros de Folias de Reis” en Goiânia. Esta manifestación, un binomio cultural y religioso, consiste en una fiesta que ocurre después de la Navidad católica, y es una celebración popular con ritos, creencias y recuerdos cristianos. "Giros de Folias" son así marchas colectivas practicadas por determinados grupos característicamente vestidos. Simbólicamente, los 'Giros' representan los caminos por los cuales Cristo peregrinó, y las 'Folias' están figurativamente conectadas a la celebración de los Tres Reyes. La investigación tiene sus enfoques conceptuales y teóricos en el ámbito de la Geografía Cultural. Se busca hacer lecturas de los significados de estas expresiones de la cultura popular. Se fue observado que las "Folias de Reis" producen "inscripciones" en el espacio y en el tiempo (el territorio, la territorialidad, la identidad), y ellas se convierten en un paisaje simbólico. Las relaciones territoriales y los paisajes simbólicos producidos por las "Folias de Reis", aún que practicada en diferentes realidades y contextos, no sufren cambios en su esencia, tales como en la devoción y en la tradición. Estos grupos festivos se adaptan, o sufren modificaciones físicas y estructurales, en función de su participación en una determinada situación; sin embargo, su devoción se fortalece cada vez que se practica los "Giros". Los aspectos teóricos y metodológicos utilizados en la investigación se basan principalmente, pero no exclusivamente, en las contribuciones de Adams (2005, 2006, 2010) que promueve un debate sobre las relaciones territoriales como parte de la Geografía Cultural; en el trabajo de Geertz (2001) que contribuye para indicar direcciones y enfoques conceptuales con relación a la «cultura»; en Hobsbawm (1997) que hace una reflexión sobre dos tipos de la tradición: la real y la fabricada; y en el trabajo de Cosgrove (2004) que describe los paisajes simbólicos, haciendo una amplia lectura de ellos. Para esta investigación, los procedimientos metodológicos y las herramientas fueron la revisión bibliográfica, identificación y uso de documentos pertinentes, el trabajo de campo, la producción de mapas y el análisis de datos. Los resultados revelan que la "Folia de Reis" es una fiesta repleta de relaciones sociales que ponen en evidencia - durante los "Giros" -, un universo simbólico compuesto de elementos rurales, pero, en este caso particular, celebrado en un contexto urbano de Goiania. Las territorialidades y los paisajes culturales se producen entonces en estos festivales por medio de las canciones y de la hospitalidad de los grupos festivos participantes, y es un evento que tiene lugar en un calendario de eventos cíclicos relativos a la Navidad en Goiania.

Palabras clave: Folia de Reis. Cultura. Territorialidad. Identidad. Paisaje Cultural. Goiania.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

- Figura 1 - Mapa Espacialização dos Grupos de Folias de Reis de Goiânia definidos como recorte na investigação – 2010 34
- Figura 2 – Participação de crianças e mulheres na Companhia de Reis Aroeiras – Goiânia – Goiás. 36
- Figura 3 – Maracá - Instrumento feito de cabaça tocado na Companhia de Reis Aroeiras – Goiânia – Goiás. 37
- Figura 4 – Afiinação de instrumentos na saída da bandeira do Grupo de Folia de Reis Estrela Guia – Goiânia – Goiás. 38
- Figura 5 – Palhaços de Folias Grupo de Folia de Reis Estrela Guia – Goiânia – Goiás. 38
- Figura 6 – Alferes da Bandeira do Grupo de Folia de Reis Chácara São Joaquim – Goiânia – Goiás. 39
- Figura 7 – Saída da bandeira do Grupo de Folia de Reis Chácara São Joaquim da Capela de Santos Reis, cidade de Trindade – Goiás. 39
- Figura 8 – Uniforme do Grupo de Folia de Reis Estrela do Oriente – Goiânia – Goiás. 40
- Figura 9 – Palhaço do Grupo de Folia de Reis Estrela do Oriente – Goiânia – Goiás. 40
- Figura 10 – Alferes do Grupo de Folia de Reis Nova Esperança – Goiânia – Goiás. 41
- Figura 11 – Bastiana – Palhaço do Grupo de Folia de Reis Nova Esperança – Goiânia – Goiás. 41
- Figura 12 – Grupo de Folia de Reis Capitão Olídio – Goiânia – Goiás. Cantoria realizada a noite na porta de residência no Setor Universitário. 42
- Figura 13 – Palhaço com máscara de E.V.A, Grupo de Folia de Reis Capitão Olídio – Goiânia – Goiás. 42
- Figura 14 – Reizeiros do Grupo “Os Reizeiros da Bahia” tocando gaita – Goiânia – 43

Goiás.

Figura 15 – Chapéu decorado, parte do uniforme do Grupo Os Reizeiros da Bahia – Goiânia – Goiás.	43
Figura 16 – Percussão com colheres no Grupo de Folias Associação Cultural do Brasil – Goiânia – Go.	44
Figura 17 – Foliões do Grupo de Folias Associação Cultural do Brasil vestidos de Três Reis – Goiânia.	44
Figura 18 – Folião tocando Banjo - Grupo de Folia de Reis do Oriente para Belém – Goiânia – Goiás.	44
Figura 19 – Palhaços do Grupo de Folia de Reis do Oriente para Belém – Goiânia – Goiás.	44
Figura 20 – Mapa dos Bairros visitados durante os “giros” de Folia de Reis em Goiânia - 2009/2010	47
Figura 21 – “Foliona” do Grupo de Folia de Reis Estrela Guia cozinha em “fogão a lenha” no Parque Amazonas – Goiânia, Goiás.	55
Figura 22 – No almoço da “Entrega de Folia” do Grupo Reizeiros da Bahia.	55
Figura 23 – Altar, destinado ao presépio e à bandeira da folia em pouso de janta do Grupo de Folia de Reis Chácara São Joaquim no Setor Santos Dumont – Goiânia, Goiás.	56
Figura 24 – “Folionas” do Grupo de Folia de Reis Nova Esperança – Goiânia, Goiás.	56
Figura 25 – Devota e “Foliona” do Grupo de Folia de Reis Estrela Guia coroada como festeira do ciclo natalino 2010/2011.	70
Figura 26 – Foliões, devotos, parentes e vizinhos do festeiro, 2009/2010, assistem e participam da “entrega” da Companhia de Reis Aroeiras – Goiânia - Goiás.	70
Figura 27 – Lavadores de carros utilizam a Praça Santo Afonso como local de trabalho.	71
Figura 28 – Rua José Hermano – Campinas – Goiânia – Goiás.	71
Figura 29 – Infraestrutura montada na Praça Santo Afonso - Bairro Campinas, para a realização do Encontro de Folias de Goiânia, Goiás.	72

Figura 30 – Banheiros Químicos instalados para a realização do Encontro de Folias de Goiânia, Goiás.	72
Figura 31 - Croqui – Espaço destinado às apresentações dos grupos no Encontro de Folias de Goiânia – Jan/2011.	73
Figura 32 - Carta Imagem – Espaço do Encontro de Folias de Goiânia – Jan/2011.	74
Figura 33 - Criança aprendendo a tocar pandeiro com um adulto, na saída da bandeira, Grupo de Folias Estrela do Oriente no Setor Pedro Ludovico – Goiânia, Goiás.	77
Figura 34 - Criança acompanha Grupo de Folias Estrela Guia, Goiânia, Goiás.	77
Figura 35 – “Palhaço” do Grupo de Folia de Reis Estrela do Oriente com máscara de Couro – Goiânia, Goiás.	90
Figura 36 – “Palhaços” “Teimoso” e “Teimosa” do Grupo de Folia de Reis Os Três Reis Seguindo Viagem – Goiânia, Goiás.	90
Figura 37 – Alferes da Bandeira da Companhia de Reis Chácara São Joaquim.	92
Figura 38 – Alferes da Bandeira do Grupo de Folia de Reis Capitão Olídio.	92
Figura 39 – Palhaço de Folia ganha oferta de menina durante Encontro de Folias de Goiânia, Goiás.	92
Figura 40 – Brincadeiras dos Palhaços do Grupo: Os Três Reis Seguem Viagem – Goiânia, Goiás.	92
Figura 41 – Hierarquia da folia durante o percurso do “giro”	93
Figura 42 – Distribuição de Atividades e forma de participação dos Foliões dentro do Grupo de Folia de Reis	94
Figura 43a– Mapa Espacialização dos Grupos de Folias no Estado de Goiás – 2010	98
Figura 43b – Mapa de Incidência de Festas, “Giros” e Grupos de Folias no Estado de Goiás – 2010	99
Figura 44 – Mapa Manifestação das Folias de Reis na Região Metropolitana de Goiânia (2010)	102
Figura 45 – Mapa Grupos de Folias de Reis no Município de Goiânia – Goiás	108

(2010)

Figura 46 – Ciclo do Giro e Festa de Folia de Reis	110
Figura 47 – Pousio de Almoço da Companhia de Reis Aroeira – Goiânia, Goiás.	119
Figura 48 – Almoço para saída da bandeira do Grupo de Folia de Reis Nova Esperança – Goiânia, Goiás.	119
Figura 49 – Foliões e convidados em volta da mesa após o almoço da Companhia de Reis Aroeira – Goiânia, Goiás.	120
Figura 50 – Brincadeiras dos Palhaços à mesa do almoço.	120
Figura 51 – Transporte de Foliões em porta malas.	124
Figura 52 – Transporte de Foliões em veículo alugado.	124
Figura 53 – Apresentação da Companhia de Reis Aroeiras na Abertura do Teatro Liberdade, Centro de Goiânia, Goiás.	125
Figura 54 – Apresentação da Companhia de Reis Aroeiras em Escola de Goiânia, Goiás.	125
Figura 55 - Devotos dos “Três Reis Santos” recebem bandeira da Companhia de Reis Aroeira e pede cantoria na rua – Goiânia, Goiás.	126
Figura 56 - Devotos comerciantes recebem bandeira do Grupo os Reizeiros da Bahia em bar, durante expediente – Goiânia, Goiás.	126
Figura 57 – Devoto comerciante recebe bandeira dos “Três Reis” da Companhia de Reis Chácara São Joaquim em bar, durante expediente – Goiânia, Goiás.	127
Figura 58 – Devoto comerciante recebe foliões da Companhia de Reis Chácara São Joaquim em mercearia – Goiânia, Goiás.	127
Figura 59 - A folia e seu aceite: o receber ou não da bandeira, até a saída do grupo de Foliões de uma residência.	128
Figura 60 - Esquema de demonstração da constituição da paisagem cultural produzida pelas Foliões de Reis na Capital	137
Figura 61 – Presépio montado pela Prefeitura da Capital na Praça Almirante Tamandaré – Setor Oeste – Goiânia, Goiás.	142

Figura 62 – Presépio montado na Catedral Metropolitana de Goiânia.	142
Figura 63 – Presépio montado na casa de coordenador do Grupo de Folias de Reis Estrela do Oriente – Goiânia, Goiás.	142
Figura 64 – Presépio estilizado montado no Coreto de Goiânia, Goiás.	143
Figura 65 – Presépio feito com chapas de aço montado pela Prefeitura de Goiânia na Praça Cívica - Goiânia, Goiás.	143
Figuras 66 e 67 – Presépio feito com bonecos de pano, montado pela Prefeitura de Goiânia, junto papai noel, sinos, a outros símbolos natalinos, na Praça Cívica.	143
Figura 68 – Bandeira da Companhia de Reis Chácara São Joaquim – Goiânia, Goiás.	145
Figura 69 – Bandeira do Grupo de Folia Os Três Reis Seguindo Viagem – Goiânia – Goiás.	145
Figura 70 - Aspecto mais importante dos grupos de folias para o participante do evento (2010)	147
Figura 71 - Significado das Folias de Reis para o participante do Evento (2010)	148
Figura 72 - Aspecto que mais chama a atenção dos participantes durante o evento (2010)	149
Figura 73 - A importância do evento para a comunidade goiana (2010)	150
Figura 74 – Palhaço de grupo de folia com máscara levantada.	151
Figura 75 – Arco decorado com flores para receber os grupos de folias nas apresentações.	151
Figura 76 – Almoço de Folias no Encontro de Folias de Goiânia - 2010	151
Figura 77 – Visitantes e Foliões no almoço de folias no Encontro de Folias de Goiânia – 2010	151
Figura 78 – Grade de contenção, os visitantes não se aproximam da bandeira, e nem dos foliões durante a apresentações. Encontro de Folias de Goiânia - 2010	153
Figura 79 – Vendedor de água no Encontro de Folias de Goiânia - 2010	153

Figura 80 – Vendedor ambulante no Encontro de Folias de Goiânia - 2010	153
Figura 81 – Máscara de Palhaço de grupo de folia decorada especialmente para o Encontro de Folias de Goiânia – 2010	153
Figura 82 - Origem dos Grupos participantes do Encontro de Folias de Reis de Goiânia, por municípios.	154
Figura 83 - Reportagem - Convite para o Encontro	154
Figura 84 - Reportagem - Pós Encontro de Folias	154
Figura 85 - Reportagem sobre tradição	155
Figura 86 - Reportagem sobre Grupo de Folias e suas apresentações.	155
Figura 87 – Mapa mental – ícones: Palhaço, músicos, alferes e bandeira.	159
Figura 88 – Mapa mental – Letras/períodos escritos.	160
Figura 89 – Mapa mental – Distribuição Quadrilátera	160
Figura 90 – Mapa mental – Distribuição horizontal	161
Figura 91 – Mapa mental – Representação dos elementos da paisagem natural	162
Figura 92 – Mapa mental – Distribuição horizontal	162
Figura 93 – Mapa mental – Representação dos elementos móveis.	162
Figura 94 – Mapa mental – Representação dos elementos humanos	162
Figura 95 – Mapa mental – Fé, devoção à bandeira.	163
Figura 96 – Mapa mental – Fé, devoção ao Presépio.	163
Figura 97 – Mapa mental – Comida	163
Figura 98 – Mapa mental - Comida e ritual do sagrado	163
Figura 99 – Mapa mental – Fogueira: elemento próprio do ciclo junino	164
Figura 100 – Mapa mental – Bandeira do Divino Espírito Santo	164

QUADROS

Quadro 1 - Calendário dos “giros” de Folia por dia da semana – Ciclo natalino 2009/2010	45
Quadro 2 - Esquema de participação nos giros de folias – ciclo natalino 2009/2010	46
Quadro 3 - Incidência de visitas aos bairros de Goiânia e RMG durante o trabalho de campo – dez /2009 a jan/2010	48
Quadro 4 – Quadro Comparativo: Folias e herança cultural na família	78
Quadro 5 - Grupos de Folias de Reis de Goiânia – (2009-2010)	107
Quadro 6 - Calendário dos Giros de Folias de Reis dos Grupos escolhidos para o recorte dez/2009 a jan/2010	112
Quadro 7 - Jornada dos Três Reis Santos	111
Quadro 8 – Etapas ocorridas durante os Pousos de “Janta” e de Almoço em Goiânia - 2009/2010	114
Quadro 9 - Comparação dos elementos tradicionais e institucionalizados existentes na Paisagem Cultural produzidas pelas Folias de Reis no Encontro de Folias em relação aos “giros”.	152

SUMÁRIO

Introdução	23
Apresentação	33
Capítulo 1: A Festa como Expressão da Cultura na Geografia	51
1.1. Cultura e Identidade	51
1.2. A festa nas Ciências Sociais	57
1.3. A festa de folia: uma expressão do catolicismo popular	63
1.4. Espaço e a festa	67
1.4.1 Espaço Vivido e Experienciado pelo devoto nas Festas	68
1.4.2 A Reorganização Espacial	70
Capítulo 02: A Tradição das Folias de Reis e Manifestações no Espaço Goiano	76
2.1. A Tradição e as Folias da Ordem	76
2.1.1 Folias da ordem: as folias como festas da ordem na perspectiva da organização e da estrutura	83
2.1.2 Hierarquia e as normas dos Grupos de Folias	93
2.2. O estado de Goiás e o processo de ocupação e de diversidade cultural	95
Capítulo 3. As Folias e as Territorialidades em Goiânia	103
3.1. O Território e a perspectiva simbólica	103
3.1.1 A concepção relacional do território e a produção das territorialidades: sua dimensão simbólica	104
3.2. A capital e a captura das folias rurais	106
3.3. O “giro” e sua singularidade	109

3.4. Experiências e reinvenções do “giro” dos grupos em Goiânia	117
Capítulo 4. Cantoria, dança e prosa: Paisagem Cultural e Simbólica produzida pelas Folias de Reis na Capital	130
4.1. A paisagem e suas concepções	130
4.1.1 O método de leitura dos territórios simbólicos e das paisagens culturais	134
4.2. A Paisagem Simbólica das Folias em Goiânia	136
4.2.1 Uma leitura das Paisagens Simbólicas produzidas pelas Folias de Reis	137
4.3. Elementos da Paisagem e a mídia: Giros & Encontro de Folia	147
4.3.1 Dos giros aos holofotes	153
4.4. O início de uma cartografia dos giros de folia	156
A entrega da coroa para o novo festeiro, para continuar nas considerações finais	166
Referências	168
Apêndices	179
Anexos	208

Introdução

Os estudos da cultura, de modo geral, despertam a atenção de pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento. Na presente investigação, aspectos importantes da cultura como a dinamicidade, a transmissão da herança cultural ao longo das gerações, a abordagem conceitual e a prática do termo pelas categorias geográficas serão destacados.

O conceito de cultura foi construído por diferentes perspectivas. Conforme Geertz (2001, p.22) este conceito é “[...] instável, enciclopédico e normativamente carregado [...]”. Estes três adjetivos se dão pela divergência de compreensões conceituais, pela busca incessante por uma definição do termo e, pela pretensão de apontar normas para que se submetam as manifestações, por exemplo, a possibilidade da afirmação que estas constituam ou não cultura.

A complexidade das discussões conceituais possibilita o entendimento de que a cultura reflete a soma dos valores culturais imbricados nas estreitas relações sociais existentes e produzidas entre os indivíduos, segundo Rossetto (2006). Dessa forma, as relações sociais do ser humano resultam na construção de sua cultura e identidade.

A cultura de um povo é construída ao longo do tempo e não “do dia para a noite”. Mesmo no caso da cultura inventada, é necessário tempo para que esta seja absorvida e consolidada entre a população. A presente investigação pretende discutir as manifestações culturais tradicionais com fortes raízes rurais. Essas manifestações “foram intimidadas” pela modernidade nas últimas décadas do século XX, e pela imposição de culturas nacionalistas com objetivo de aglutinar e uniformizar a diversidade cultural existente. Contudo, na última década do século XX e primeira do século XXI, ocorreram mudanças no comportamento da sociedade e nos meios de comunicação relacionadas às manifestações culturais.

Manifestações tradicionais como as Catiras, as Folias de Reis, as Rezas, dentre outras com raízes rurais, têm recebido maior “atenção” dos produtores culturais, da mídia e de espectadores nas últimas duas décadas (PESSOA & FÉLIX, 2007). De acordo com os autores, a televisão é uma mídia que antes “abafava” as manifestações tradicionais e que hoje as transformam em produtos exibidos em horários considerados nobres. Com tanta atenção recebida, qual é o preço que as manifestações tradicionais pagam por estarem nos holofotes? Pessoa & Félix (2007) destacam que, na opinião dos folcloristas, a descaracterização destas manifestações é um alto preço pago. Todavia, a visibilidade dada, na atualidade, a estas manifestações tem seus pontos positivos, pois fazem “reascender, nos já maduros, o cultivo da

herança recebida, e faz brotar nas novas gerações o gosto pelo aprendizado, realimentando a esperança de que as tradições não morram” (PESSOA & FÉLIX, 2007, p.7).

A Folia de Reis, manifestação escolhida para essa investigação, faz parte dos grupos que “ressurgiram” e tem ganhado destaque no âmbito cultural. É preciso esclarecer que em momento algum os “devotos de Santos Reis” deixaram de existir, e muito menos os grupos cessaram os “giros”². Mas, onde estavam estas pessoas? Estas pessoas de imensa fé e devoção estavam nos desconhecidos bastidores da cultura popular³, nas periferias, local onde ainda se encontram. O “intenso refletor de luz” sobre os grupos não eliminou a devoção e fé no “Santo da Bandeira”.

Em meio a essa condição ambígua, que ora envolve fé e tradição, e ora está na “mira” das apresentações “mercantilizadas”, a presente pesquisa definiu como sujeitos os foliões dos grupos de Folias de Reis da cidade de Goiânia. Esses sujeitos são moradores da Capital, com identidade religiosa que reproduzem, nas folias, suas paisagens simbólicas.

O território e a paisagem simbólica produzidos pelos grupos de folia analisados atraem as seguintes questões: Que tipo de território é formado pelas Folias de Reis durante os “giros” e apresentações? Quais são as diferentes territorialidades constituídas pelos grupos Folias de Reis durante os “giros” e durante as apresentações que levam à formação de territórios diferentes à devoção? Que paisagens simbólicas estas manifestações criam? Os signos e significados de maior relevância para a leitura da paisagem estabelecida pelos grupos podem ser identificados na leitura dos ritos? Como se dá o processo de mercantilização das Folias de Reis em Goiânia e quais conseqüências ela acarreta à tradição?

Todos os questionamentos acima nos levam a formulação da problemática desta Dissertação. Acredita-se, portanto, que as Folias de Reis produzem “marcas” no espaço-tempo - território, territorialidades, identidades e, que elas se configuram em paisagens simbólicas. Tem-se como hipótese que as relações territoriais e as paisagens simbólicas produzidas pelas Folias de Reis, mesmo em diferentes realidades, não perdem sua essência de devoção e tradição. Esses grupos se adaptam ou sofrem modificações de acordo com o tempo e a situação em que se inserem.

Hipotetiza-se, neste contexto, que nos “giros” as territorialidades produzidas resultam em fortalecimento da identidade e das relações interpessoais, e, nas apresentações e Encontros

² O “Giro” representa a saída dos Reis Magos em direção a Belém, para visitar o Menino Jesus. Na atualidade a reprodução da jornada apresentada nos relatos bíblicos é feita pelos grupos de folias que fazem um trajeto, de casa em casa, com rezas e cantorias anunciando e comemorando o nascimento do “Deus Menino”.

³ Entende-se para fins desta investigação que cultura popular é o conjunto de manifestações populares vivas na sociedade, independentemente do nível/classe/contexto social, e que se mantem vivas ao longo dos tempos.

de Folias os aspectos da espetacularização se fazem presentes e são permeados de conflitos de interesses individuais e coletivos. Estes atritos não são impeditivos para a permanência dos grupos, assim como não atrapalham nas relações de pertencimento estabelecidos pelos membros dos mesmos.

A metodologia da presente investigação tem na vertente cultural da Geografia a busca por respostas aos questionamentos levantados. De acordo com Kashiwagi, (2005), a Geografia permite fazer uma interface com outras áreas do conhecimento que possam dar subsídios nas interpretações da cultura. Assim, a autora explica que algumas das discussões e estudos gerados por tais áreas tinham sua cientificidade colocada em dúvida devido aos procedimentos e metodologias utilizadas.

Neste contexto, para as coisas não científicas recorre-se à fenomenologia, porque esta “reaproxima as ciências de nossas vidas, analisa ações e projetos a partir de experiências, relativas à percepção do mundo e seus objetos” (op. cit., p.200). Esta corrente filosófica propõe ao pesquisador realizar uma leitura dos fenômenos de forma a descrevê-los, compreendê-los e interpretá-los até que se constitua a percepção do fenômeno.

As *percepções de mundo* e dos *objetos* obtidas pelos sujeitos, isto é, foliões, devotos e visitantes dos “giros” e das apresentações, se misturam nas dimensões verbais e não verbais. Por meio do estudo geográfico das relações territoriais produzidas pelos grupos de Folias na cidade de Goiânia, compreende-se a viabilidade do estudo das categorias geográficas com a fenomenologia, conforme apresenta Gomes (2003).

O autor dialoga com as idéias de Relph, Tuan, entre outros, e reflete a respeito do uso da fenomenologia na Geografia. Entre alguns dos aspectos geográficos presentes na fenomenologia estão os culturais, a explicação humana do conhecimento – antropocentrismo, além das experiências obtidas no espaço vivido. Gomes (2003) explica que “cada grupo social compreende seu espaço em relação aos hábitos e ao código de valores que lhe é próprio e que derivam dos gêneros de vida” (op. cit., p.327). A fenomenologia, assim, é também adequada para a compreensão do espaço.

A paisagem e o lugar são apontados, pelo autor, como categorias geográficas produzidas no espaço e por isso elas permitem o estabelecimento de estudos fenomenológicos. O território, como uma categoria geográfica criada pela apropriação do espaço, também permite os estudos das relações territoriais por meio da fenomenologia. Os lugares são formados no território, como afirma Bonnemaïson (2002), assim como as paisagens culturais constituem-se numa dimensão do próprio território, como afirmam

Almeida, Mendes e Vargas (2010). Diante disso é possível aplicar a fenomenologia no estudo do espaço, do território, da paisagem e do lugar por dar a “possibilidade de restabelecer o contato entre o mundo e as significações, por possuir a verdadeira medida da subjetividade” (GOMES, 2003, p.328)

O método fenomenológico é dividido, de acordo com Ales Bello (2004), em dois passos: o primeiro destinado à *redução à essência* e o segundo à *redução ao sujeito*. O primeiro passo, de acordo com a autora, é denominado de *redução eidética*, neste coloca-se de lado o fato da existência e evidencia-se somente a essência. A essência neste caso está relacionada à palavra ideia. “Para os gregos, especialmente Platão, a idéia é aquilo que nós conseguimos captar através do pensamento” (op. cit., p.81). E no segundo passo, *redução ao sujeito*, o interesse está em “compreender quem sou eu, mas não eu como indivíduo” (op. cit., p.86).

De modo geral, a aplicação da fenomenologia, nesta e em muitas outras pesquisas, baseia-se nas palavras *essência* e *redução* (ALES BELLO, 2004). Ao longo da investigação estes termos se multiplicarão para entendimentos como o de experiência vivida e pertencimento nas relações produzidas pelos indivíduos.

A construção do método desta investigação se funda em três dos quatro princípios apresentados por Moreira (2002), baseado em Spiegelberg (1971):

1. A *Investigação de fenômenos particulares*. Ela consiste na descrição da manifestação cultural afim de “localizar o fenômeno estudado”, (MOREIRA, 2002 p.97). Essa descrição se faz necessária tanto para que o pesquisador a conheça e a localize dentro de um todo, quanto para auxiliar o leitor a compreender o objeto estudado.

2. A *Investigação de essências gerais* “deve[-se] haver antes [das essências] particulares, [ela se realiza,] seja através da percepção, [seja] da imaginação [...]” (op. cit., p.98). A compreensão das folias por meio da fenomenologia se dá por meio de um trabalho de percepção, mesmo que aliado à imaginação do sujeito, e de entendimento de sua dimensão simbólica.

3. *Apreensão de relações fundamentais entre as essências*. As essências podem ser dadas como “obrigatórias” ou essenciais e proibitivas ou “não permitidas”. As Folias de Reis têm sua essência nas crenças e relações sociais. Estas essências podem ou não sofrer variações, e existem componentes necessários ou não para que esta manifestação sobreviva.

4. E, por último, a *Interpretação do sentido dos fenômenos*. Ela é desenvolvida quando se faz a interpretação de aspectos levantados ao longo da pesquisa. De acordo com Moreira

(2002, p.101) “o que é dado é apenas uma pista para o que não é dado, ou não é explicitamente dado”. Essa interpretação tem sua aplicação nas leituras dos elementos identificados nas territorialidades e nas paisagens construídas pelos sujeitos da pesquisa.

Os passos apresentados acima foram aplicados nesta etapa de coleta de dados e observação deste estudo prolongaram-se na segunda fase, composta de três dos procedimentos metodológicos, conforme o descreve:

A primeira fase compreende a pesquisa bibliográfica e documental. Estas foram importantes por possibilitar o aprofundamento da base teórico-conceitual necessária para o início das demais etapas da pesquisa, como a coleta de dados em campo.

Foram adotados **dois procedimentos** diferentes durante a pesquisa bibliográfica e documental: levantamento da bibliografia produzida e investigação documental de mídia impressa, conforme detalhamento que se segue: **O primeiro procedimento consistiu no levantamento e discussão de bibliografia produzida.** Tal proposta confluuiu-se no levantamento e análise de artigos, revistas, livros, dissertações, teses e vídeo documentário sobre a temática. O levantamento bibliográfico e consultas foram efetuados nas Bibliotecas da Universidade de Campinas – Unicamp/SP, Universidade de São Paulo – USP/SP, Universidade Federal de Goiás – UFG/GO, Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO e Universidade Federal de Uberlândia – UFU/MG, além de consultas aos bancos de teses e dissertações disponíveis *on-line*, como o Banco de Teses da CAPES e a Biblioteca Digital do Portal Domínio Público. Palavras-chave como festas religiosas, Folias de Reis, turismo, patrimônio, folclore foram buscadas durante as pesquisas. A discussão da bibliografia produzida foi realizada no grupo de estudos sobre festas, patrimônio e turismo, existente na instituição.

O segundo **procedimento constituiu-se na investigação documental de mídia impressa:** Recortes do jornal “O Popular” contendo notícias sobre Folia de Reis, no período de dez anos (2000 a 2010), que visou compreender o papel da mídia em relação às Festas de Folias de Reis, sua percepção e como estas são apresentadas para a população da cidade de Goiânia.

Para este procedimento utilizou-se o mesmo grupo de palavras-chave adotado no levantamento e discussão de bibliografia produzida, primeiro procedimento. Após o levantamento das notícias, elas foram tabuladas, sistematizadas e analisadas objetivando a obtenção de material de base para auxiliar na elucidação dos questionamentos ora efetuados.

A investigação documental de mídia impressa nos permitiu analisar como as Folias de Reis se apresentaram nos últimos dez anos, sua relação com o turismo, além de um levantamento quantitativo de grupos que surgiram no período de criação e divulgação do Encontro de Folias de Reis na Capital. É importante lembrar que esta não consiste na ferramenta principal de apreciação das territorialidades e das paisagens simbólicas, como é a proposta desta investigação. Este procedimento contribui como apoio às discussões sobre a espetacularização das folias como produto cultural no meio urbano para a comunidade goiana e para a atividade turística.

A **segunda fase** da pesquisa consistiu no trabalho de campo. Para tanto foi imprescindível a delimitação dos sujeitos da pesquisa. Os sujeitos foram divididos em **dois grupos**: o **primeiro** grupo é dos indivíduos que possuem uma relação próxima e de identificação direta com as Folias de Reis: Coordenadores dos dez grupos de folias de Goiânia que fazem giros e participam, ou não, do Encontro de folias; devotos que acompanharam os dez grupos durante o ciclo natalino e aqueles que os recebem em suas casas. Os grupos foram selecionados de modo a representar diferentes bairros da cidade de Goiânia, dessemelhantes características – grupos de folias com origem mineira, goiana e baiana, além daqueles que se organizaram em associações.

Foram entrevistados, no **segundo grupo**, os principais organizadores do Encontro de Folias - funcionários da Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia e da Comissão Goiana de Folclore, bem como pesquisadores que investigam as festas de folias na Geografia e em áreas que tenham afinidade com o tema. Após o conhecimento dos sujeitos da pesquisa, preocupou-se em analisar o território em sua dimensão simbólica, a territorialidade, e a paisagem simbólica. Adotou-se o método de leitura das paisagens simbólicas apresentado por Cosgrove (2004) para a apreensão das territorialidades. Este autor propõe a análise da paisagem simbólica como “a leitura de um texto” e aponta dois caminhos para a realização dessa leitura: o trabalho de campo e a “elaboração e interpretação de mapas” (op. cit., p.109).

Para a leitura das territorialidades e da paisagem, como um texto, foi necessário fazê-la por meio da interpretação da linguagem não-verbal e compreender quais são os signos e significados existentes nos grupos de folias. Propôs-se, então, a divisão da pesquisa de campo em quatro momentos, com o objetivo de maximizar a qualidade dos dados obtidos e aprimorar a análise dos resultados. Os momentos dificilmente ocorreriam paralelamente por se tratarem de visitas de campo a festas, eventos, ou entrevistas pré-agendadas.

O primeiro momento do trabalho de campo consistiu numa análise do território e da

paisagem a partir da vivência das relações sociais dos indivíduos. Tal análise dos giros e apresentações foi possível com a vivência, com a observação dos sujeitos e ritos e pela identificação dos signos e significados presentes. A interpretação e leitura destes signos possibilitaram a identificação das territorialidades e das paisagens simbólicas, como dimensão do território (ALMEIDA, MENDES, VARGAS, 2010).

No período de 25 de dezembro de 2009 a 20 de janeiro de 2010, foi observado o “giro” de dez grupos de Folias de Reis em Goiânia (Apêndice 1). Durante este período elementos relacionados a devoção, a religiosidade, a continuidade da tradição entre outros foram observados. Na oportunidade fez-se um registro fotográfico do “giro” de folias, com a autorização dos donos das residências e dos grupos. Esse material fotográfico foi utilizado como apoio à discussão das territorialidades e paisagens produzidas.

O método fenomenológico neste primeiro momento foi aplicado na *investigação de fenômenos particulares*. Nesta fase foi possível localizar tanto os grupos de folias na dimensão geográfica quanto realizar uma descrição desta manifestação cultural. A partir destas ações utilizou-se a *investigação de essências gerais* com o objetivo de compreender a essência destes ritos, música e rezas. Durante o roteiro foi necessário observar os novos componentes existentes nestes grupos, e a forma como aparecem.

O segundo momento do trabalho de campo foi destinado a coleta de dados no qual empregou-se o processo não probabilístico. Buscou-se, nesta ocasião, resultados qualitativo-descritivos, utilizando-se, a priori, da entrevista como técnica de coleta de dados para a leitura das territorialidades e da paisagem simbólica.

A coleta de dados, na concepção de Dencker (2000, p.137), é o momento de “obter as informações sobre a realidade”. A entrevista, de acordo com a autora, consiste na relação entrevistador e entrevistado, em que o entrevistado responde a perguntas previamente elaboradas pelo entrevistador, e este registra suas respostas para posterior análise.

As entrevistas gerais foram semi-estruturadas e se aplicaram a todos os grupos selecionados – Grupos de Folias, Festeiros, participantes dos “giros”, dos encontros, poder público, e pesquisadores. Mesmo em se tratando de uma pesquisa qualitativa, pontua-se que foram realizadas 10 entrevistas com coordenadores dos grupos, 100 com visitantes do encontro de folias, 33 com devotos, foliões e festeiros dos “giros” de folias, 2 com organizadores do encontro e 3 com pesquisadores. Consoante a especificidade de cada um, questionamentos foram adicionados ao roteiro geral.

Neste momento, a *investigação de fenômenos particulares*, realizou-se com

detalhamento dos acontecimentos. Posteriormente, na fase de *interpretação do sentido dos fenômenos*, buscou-se compreender o significado daquele evento para os entrevistados e qual a ligação deles com a tradição e a devoção a “Santos Reis” por meio de entrevistas. Cem participantes do 9º Encontro de Folias da cidade de Goiânia, no dia 24 de janeiro de 2010, foram entrevistados com o objetivo de conhecer seus pontos de vista com relação ao evento, à infraestrutura, à organização, aos relacionamentos interpessoais, assim como a identificação dos pesquisados com as Folias de Reis (Apêndice 2).

O terceiro momento do trabalho de campo foi realizado posteriormente aos “giros” e ao Encontro de Folias. Neste, coordenadores, festeiros e membros dos dez grupos de Folias de Goiânia, foram escolhidos antecipadamente para compor o recorte, para serem entrevistados. No roteiro de entrevistas, a principal preocupação foi de identificar e mapear os grupos de Folias de Reis existentes em Goiânia e Região Metropolitana; fazer o levantamento de como, onde e quando o grupo de folias se iniciou; verificar, com os coordenadores, a existência de alterações no grupo ao longo dos anos; analisar a dinâmica dos “giros” dos grupos, o uso de uniforme com o interesse em realizar uma leitura das modificações ocorridas nestes grupos com o passar do tempo e das territorialidades construídas pelos grupos de folias (Apêndice 3 e 4).

Nestas entrevistas aplicou-se a *apreensão de relações fundamentais entre as essências*. Em conversa com os Coordenadores destes grupos, principalmente, buscou-se compreender o significado da tradição para os grupos de folias, suas regras e suas proibições e como estas interferem no desenvolvimento e continuidade do grupo.

No **quarto momento do trabalho de campo** foram entrevistados os organizadores do Encontro de Folias: Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia e Comissão Goiana de Folclore (Apêndice 5). Também foram entrevistados três pesquisadores que investigam esta manifestação em Goiânia, com o objetivo de obter diferentes perspectivas/visões sobre as relações territoriais proporcionadas pelo Encontro de Folias e sobre as transformações dos grupos em associações (Apêndice 6). As respostas obtidas com os visitantes do Encontro de Folias consistiram, juntamente com as entrevistas aqui realizadas, na *interpretação do sentido dos fenômenos* proposto pelo método fenomenológico.

Na **terceira fase**, depois de feita a análise, tabulação e transcrição das entrevistas, foram produzidas as cartas cartográficas com as informações coletadas. Foi possível realizar uma leitura das territorialidades produzidas pelos foliões e da paisagem simbólica produzida pelos grupos utilizando os mapas, conforme método escolhido (COSGROVE, 2004).

As fases e momentos que constituíram a metodologia se fizeram necessários para a elaboração do presente texto. Este, por sua vez, é estruturado em seis partes, a primeira constitui a descrição do diário de campo e as demais consistem em quatro capítulos e a conclusão.

A “Apresentação”, primeira parte, que antecede os capítulos da dissertação, consiste na apresentação dos trabalhos de campo realizados em 2009/2010 e 2010/2011, e dos Grupos de Folias que compõem o recorte, sujeitos de pesquisa. Realiza-se, nesta, um detalhamento do calendário festivo do ciclo natalino 2009/2010 e do calendário desenvolvido para a realização dos “giros” neste mesmo período. Delineia-se o perfil dos Grupos investigados em suas particularidades.

No primeiro capítulo, “*A festa como expressão da cultura na Geografia*”, discute-se os conceitos de cultura e identidade em diferentes áreas do conhecimento. Reflete-se sobre as concepções de festas, a relação destas no cotidiano do ser humano e as folias como festas e a relação de pertencimento do devoto com as Folias de Reis. Faz-se uma leitura do espaço, apresenta-se conceitos de espaço e reflete-se sobre o espaço vivido e experienciado pelos devotos, assim como a reorganização espacial proporcionada por estas Festas.

No segundo capítulo, “*A Tradição das Folias de Reis e manifestações no espaço goiano*”, discute-se as folias como uma tradição *genuína* e/ou *inventada* e, como festa da ordem, com uma estrutura hierárquica e normativa. Reflete-se sobre o processo de formação sócio-espacial do Estado e seu papel na consolidação dos “giros” de folias no território goiano. E encerra-se este capítulo com a espacialização das folias de reis em Goiás e em Goiânia.

No terceiro capítulo, “*As Folias e as Territorialidades em Goiânia*”, investiga-se os conceitos de território e sua aplicação nesta pesquisa. Analisa-se a influência da migração na constituição dos grupos de Folias. E reflete-se sobre as experiências e reinvenções dos “giros” desses grupos em Goiânia e das territorialidades produzidas durante o ciclo natalino.

No último capítulo, “*Cantoria, dança e prosa: Paisagem Cultural e Simbólica produzida pelas Folias de Reis na Capital*”, reflete-se sobre os conceitos de paisagem e busca-se realizar uma leitura, por meio da metodologia adotada, dos elementos da paisagem cultural produzida pela folia de reis na Capital, e apresenta-se o início de uma cartografia dos “giros” das folias de reis na cidade de Goiânia.

Tem-se, nas “*Considerações ainda não finais, mas a entrega da coroa para o novo festeiro*”, a certeza de que os intensos vinte e quatro meses vivenciados nesta investigação

foram insuficientes para compreender tudo o que a folia tem para ensinar, assim como uma vida também seria insuficiente para tal. A Folia de Reis em muito me ensinou, como pesquisadora, como ser humano, e sobre este aprendizado reservam-se estas páginas.

Apresentação

Há pouco mais de vinte e quatro meses a presente investigação foi iniciada. As atividades ligadas à dissertação alternam-se entre a pesquisa bibliográfica e documental, e o trabalho de campo, que permitiu “vivenciar” os “giros” e apresentações dos Grupos de Folias de Goiânia, além do exercício de correlação entre a teoria e a prática. O levantamento bibliográfico e documental teve um papel fundamental para o entendimento de conceitos relacionados à investigação. Os estudos que antecederam as visitas de campo objetivaram a compreensão da Folia de Reis como festa, sua estrutura, e significado do “giro”. Cultura, identidade, território, tradição, entre outros, foram conceitos lapidados neste momento da pesquisa.

Informações relacionadas às Folias de Reis da cidade de Goiânia demandaram a realização de um levantamento específico dos grupos de folias existentes na Capital, no período de julho a novembro de 2009. Os resultados evidenciaram quem e quantos grupos são, onde estão, e quando “giram”. Essa identificação iniciou-se com uma lista dos grupos participantes dos Encontros de Folias de Goiânia, disponibilizada pela Secretaria Municipal de Cultura da cidade. Além disso, foram consultados órgãos públicos, associações, *sites* na *internet* e o jornal “O Popular”. Outros dados foram alcançados junto ao escritório do Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional, às Secretarias Municipal e Estadual de Turismo, à Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira – todos em Goiânia – e ao Instituto do Olhar Etnográfico, com o Programa “Goiás Festeiro” - sediado em Brasília.

O levantamento e as informações referiam-se, inicialmente, aos grupos de folias, apenas da Região Metropolitana de Goiânia. Buscava-se: os locais de maior concentração, quantidade, localização e contato dos grupos existentes (Apêndice 7)³. Com o aprofundamento das análises, foi possível realizar um panorama da manifestação das Folias de Reis em todo o Estado de Goiás, o que excedeu às expectativas iniciais que compreendiam Goiânia e Região Metropolitana.

As informações obtidas no levantamento foram imprescindíveis para a definição do recorte de dez grupos de Folias de Reis da cidade de Goiânia (Espacialização dos grupos de folias, Figura 1), para esse estudo.

³ O mapeamento destes grupos no período de dois anos de mestrado é impossível. “Toninho Macedo”, Diretor Cultural da Organização Social de Cultura Abaçai, afirmou ter levado dez anos para realizar o mapeamento dos grupos folclóricos do estado de São Paulo. Toninho explicou que, mesmo depois de publicado o mapeamento, ele tinha certeza que este estava incompleto. Essa afirmação se deu pela dinâmica dos grupos de cultura popular que nascem, mudam de nome, ou de localidade, e até mesmo acabam.

Espacialização dos Grupos de Foliás de Reis - Goiânia (GO) / 2010

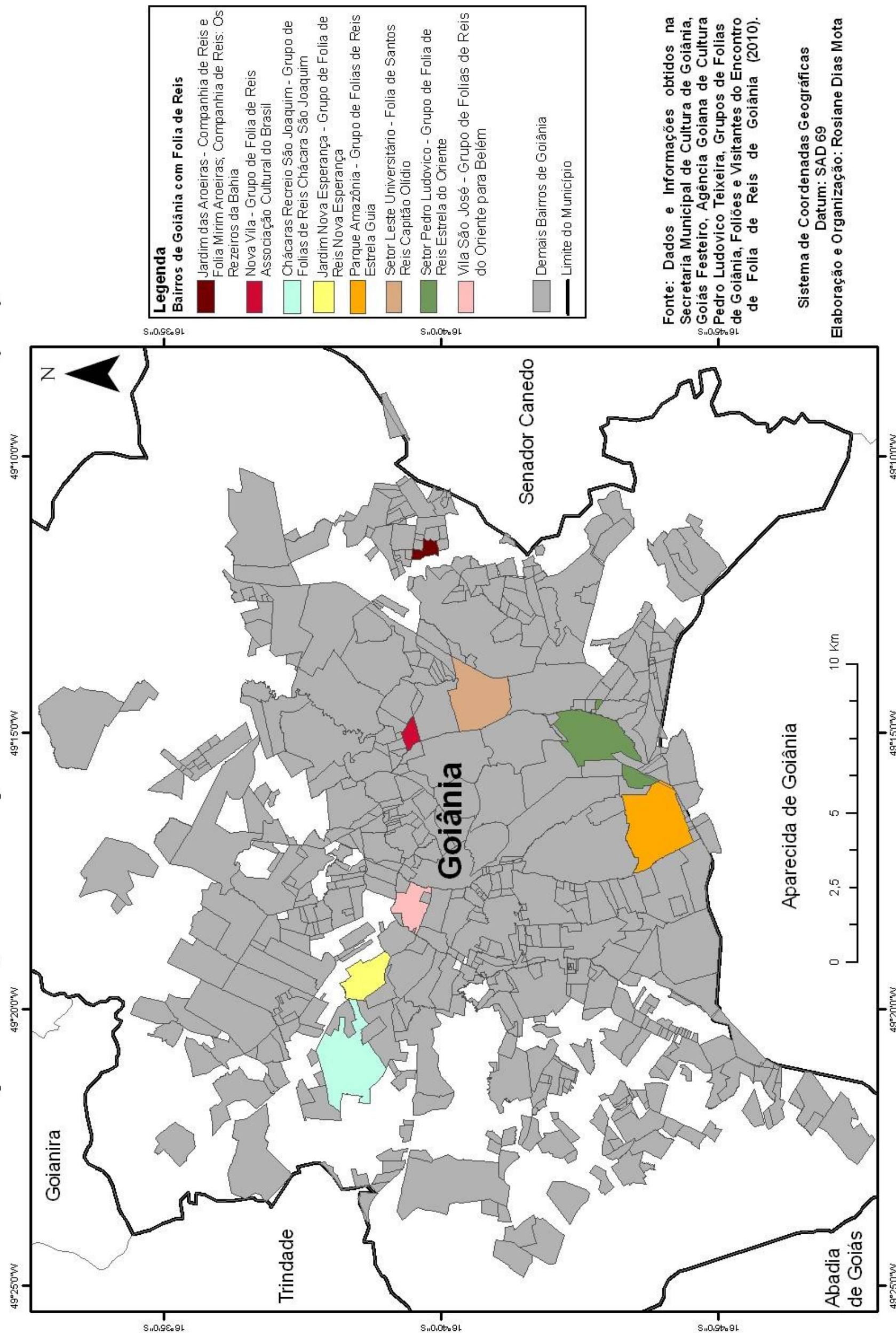


Figura 1 – Mapa Espacialização dos Grupos de Foliás de Reis de Goiânia definidos como recorte na investigação - 2010
 Fonte: Mapa desenvolvido para trabalho de campo da mestranda.

Conforme apresentado no mapa, o recorte definido é assim formado: Companhia de Reis Aroeiras e Folia Mirim Aroeiras, Grupo de Folia de Reis Associação Cultural do Brasil, Grupo de Folia de Reis Chácara São Joaquim, Grupo Os Reizeiros da Bahia, Grupo de Folia de Reis Nova Esperança, Grupo de Folia de Reis Estrela Guia, Grupo de Folia de Reis Estrela do Oriente, Grupo de Folia de Reis os Três Reis Seguem Viagem, e Grupo de Folia de Reis Capitão Olídio. Para a composição do recorte, os critérios utilizados para seleção dos grupos foram: bairros diferentes e grupos com distintas características (grupos de folias que se denominam mineiros, goianos e baianos), grupos familiares e/ou institucionalizados, que consolidaram associações.

Destarte, os coordenadores destes grupos foram contatados com o fim de conhecê-los, explicar-lhes a proposta da dissertação, solicitar-lhes autorização para “girar” com eles, fotografá-los e aplicar as entrevistas. A aceitação foi unânime e os “giros” foram praticados com os dez grupos.

Conhecendo os Grupos de Folias do Recorte Espacial

O fato de vivenciar a festa, de ter contato com os grupos de folias e foliões possibilitou a percepção dos significados de elementos presentes no “giro” e do rito, e a compreensão de questões obtidas conceitualmente acerca da manifestação festiva. Estar na festa oportunizou momentos de diálogos, e entrevistas auxiliaram a apreensão das reações territoriais produzidas na folia. Foram observadas durante todo o percurso as relações de compadrio, os conflitos, os risos de satisfação e as lágrimas que representavam ora alegria e gratidão, ora a dor da saudade de um folião.

A construção de dois quadros (Apêndice 8), preenchidos ao longo do “giro” e durante as entrevistas com os coordenadores dos grupos, tornou possível realizar-lhes uma breve apresentação e melhorou o conhecimento sobre o grupo e sobre os foliões pertencentes ao recorte, que foram acompanhados durante o “giro” nos ciclos natalinos de 2009/2010 e 2010/2011.

Os nomes próprios dos sujeitos de pesquisa, coordenadores dos grupos de folias, as fotos, as entrevistas e os vídeos realizados durante o trabalho de campo e, aqui apresentados foram autorizados mediante documento assinado.

Os grupos seguem-se então, com dados sobre sua composição e características:

1. Companhia de Reis Aroeiras e Folia Mirim Aroeiras

A Companhia de Reis Aroeiras e a Folia Mirim Aroeiras compreende dois grupos coordenados pelo Capitão de Folia, senhor Miguel Prudêncio, chamado carinhosamente por todos os foliões, de “seu Miguel”. Criada em 1989 e localizada no Jardim das Aroeiras, a grande Companhia é composta de dois grupos de folias, um adulto e um mirim. Os dois grupos reúnem aproximadamente 45 foliões, com forte presença de jovens, mulheres e crianças. A participação do sexo feminino neste grupo é de aproximadamente 50%. Diferentemente de outros grupos da Capital, nesta Companhia a mulher assume posições de destaque durante as cantorias nos “giros”, como de instrumentista e cantora (Figura 2).



Figura 2 – Participação de crianças e mulheres na Companhia de Reis Aroeiras – Goiânia – Goiás.
Menina tocando sanfona durante cantoria na Vila Concórdia – Goiânia.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data:27/12/2009

Além da Folia, a Companhia de Reis possui um grupo de catira de jovens e adolescentes. Nos últimos dois ciclos natalinos as folias, adulto e mirim, “giraram” juntas. Sua saída se deu no dia 27 de dezembro de 2010 e teve seu encerramento no dia 06 de janeiro de 2011. A Companhia apresenta-se todos os anos no Encontro de Folias de Goiânia, em escolas e em eventos culturais, participa de concursos e já recebeu premiações.

Existem normas criadas e seguidas pelos foliões, entre elas a proibição do uso de bebida alcoólica, de roupas inadequadas e comportamentos impróprios que contrariem a ordem da Companhia. Os foliões usam uniforme azul e toalha⁴ sobre os ombros. Seu “giro” é

⁴ O ato de usar uma toalha sobre os ombros representa, para os foliões, uma “divisa”, uma separação destes dos demais participantes, visitantes, ou moradores. Essa mesma “divisa” pode em alguns grupos ser acrescida de

diurno, com “pouso para janta”, às 20 horas aproximadamente. Seus instrumentos são maracás - chocalho de cabaça -, caxixis - cocalho de vime trançado -, pandeiro, violão, viola, cavaquinho, caixa e sanfona, entre outros (Figura 3). A companhia de Reis possui palhaços, denominados pastorinhos, que usam máscaras de tecido com cabeleiras de malha, e eles carregam um bastão de cabo de vassoura na mão e roupas floridas.



Figura 3 – Maracá - Instrumento feito de cabaça tocado na Companhia de Reis Aroeiras – Goiânia – Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 28/12/2009

2. Grupo de Folias de Reis Estrela Guia

O Grupo de Folia de Reis Estrela Guia, coordenado pelo Senhor Orlando, foi criado em 2003 e localiza-se no Parque Amazonas. Com aproximadamente 20 foliões, apesar de ter algumas crianças, o grupo é constituído basicamente de adultos, em sua maioria homens. Os foliões dançam catira nos “pousos” e “entregas”⁵ no intuito de se divertirem. No ciclo natalino 2009/2010 a Companhia de Reis saiu em 14 de janeiro e entregou dia 16 de janeiro de 2010. Nos dois últimos Encontros de Folias em Goiânia (2010 e 2011) os foliões não se apresentaram.

Os componentes não possuem uniformes, trazem apenas uma toalha no pescoço e um laço de fitas vermelho com branco presos à roupa ou ao próprio lenço com um pequeno alfinete. Seu “giro” ocorre durante o dia, com “pousos” de almoço e de janta. Os instrumentos utilizados são: pandeiro, violão, viola, cavaquinho, caixa, sanfona e afoxé (Figura 4).

laços de fita de cores diferentes, o que permite a identificação dos membros do grupo de folia de seus acompanhantes.

⁵ A “entrega” consiste no momento de encerramento do “giro”. Representa o cumprimento da “missão” do grupo, que equivale a chegada dos “Três Reis” à lapinha para visitar o Menino Jesus.

Dois palhaços trazem diversão e descontração ao “giro”. Eles usam vestidos, calças e camisas feitos de chitão florido, e máscaras de napa⁶. Os palhaços possuem constantemente um bastão de pau em mãos e um facão de madeira para proteger a bandeira (Figura 5).



Figura 4 – Afinação de instrumentos na saída da bandeira do Grupo de Folia de Reis Estrela Guia – Goiânia – Goiás.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 14/01/2010



Figura 5 – Palhaços de Foliás Grupo de Folia de Reis Estrela Guia – Goiânia – Goiás.

Momento de descontração. Brincadeiras feitas por palhaços com foliões durante “giro” no Parque Amazônia - Goiânia.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 15/01/2010

3. Grupo de Foliás de Reis Chácara São Joaquim

O Grupo de Folia de Reis Chácara São Joaquim foi criado há aproximadamente 40 anos. Situa-se na Chácara Recreio São Joaquim, sob coordenação do senhor Sebastião Ferreira, conhecido como “seu Tião” pelos foliões.

“Seu Tião”, além de coordenador, desempenha o papel de gerente e alferes da bandeira (Figura 6). Todos os anos o grupo faz o rito/cantoria de saída da folia na Igreja de Santos Reis na Cidade de Trindade (Figura 7). Com 30 foliões, a Companhia de Reis constitui-se basicamente de adultos, homens e mulheres.

No ciclo natalino 2009/2010 o grupo saiu dia 03 de janeiro de 2010 e entregou o “giro” dia 06 do mesmo mês. Além de participar do grupo, os componentes auxiliam a Companhia de Reis do Bairro Floresta. Os “giros” de ambas as companhias são agendados para que as datas não coincidam.

Os foliões usam uniforme vermelho, uma toalha branca no pescoço e um laço de fitas verde preso à roupa com alfinete. Fazem “giro” diurno, com “pousos” de almoço e de janta. Seus instrumentos são pandeiro, violão, viola, cavaquinho, caixas, e sanfona.

⁶ Material grosso que imita o couro.

Participam do “giro” dois palhaços, denominados “vigias”. Trata-se de um “casal” nomeados no “giro” 2009/2010 de “Mimoso”, que usa um chapéu e bigode, e “Mimosa”, que possui uma rosa na cabeça e longos cabelos artificiais. Estes mesmos tiveram seus nomes trocados para Joelma e Chimbinha no “giro” 2010/2011.



Figura 6 – Alferes da Bandeira do Grupo de Folia de Reis Chácara São Joaquim – Goiânia – Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data:04/01/2010



Figura 7 – Saída da bandeira do Grupo de Folia de Reis Chácara São Joaquim da Capela de Santos Reis, cidade de Trindade – Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data:03/01/2010

Os palhaços deste grupo usam roupas de chitão florido e máscaras de couro pintadas de vermelho, com seus nomes gravados; carregam nas mãos um bastão de cabo de vassoura com uma cordinha presa a ponta, o que imita um chicote. Eles são motivos de descontração e alegria de crianças e adultos todos os anos no Encontro de folias de Goiânia.

4. Grupo de Folia de Reis Estrela do Oriente

Constituído na Associação dos Catireiros e foliões Estrela do Oriente, o Grupo de Folia de Reis Estrela do Oriente é coordenado pelo senhor Adão e pela senhora Domingas, conhecida por todos como “Duzinha”. Criado em 2002, o grupo está localizado no Setor Pedro Ludovico. Com aproximadamente 40 foliões, a Companhia de Reis, que possui poucas crianças, é constituído de homens e mulheres.

A associação possui também a Companhia de Catira Crystais do Sul. No ciclo natalino 2009/2010, o “giro” saiu no dia 25 de dezembro de 2009 e foi entregue no dia 06 de janeiro de 2010. Os foliões se apresentam, todos os anos, no Encontro de Folias de Goiânia, no Encontro de Folclore promovido pelo Sesc Façalville, em Goiânia, nas escolas de Goiânia, em eventos culturais e em concursos com premiações.

Os instrumentos são: pandeiro, violão, viola, cavaquinho, caixa, chocalho, sanfona e o

reco-reco. O grupo usa uniforme, uma toalha branca no pescoço e chapéu marrom e preto (Figura 8). O “giro” é diurno, com “pousos” de almoço e de janta. Seu palhaço usa roupa de chitão florido, máscara de couro vermelha e uma coroa na cabeça decorada com várias fitinhas de papel crepom e festão natalino pendurados. O palhaço carrega em suas mãos um bastão de pau com fio preso na ponta (Figura 9).



Figura 8 – Uniforme do Grupo de Folia de Reis Estrela do Oriente – Goiânia – Goiás.
“Foliona”⁷ auxilia folião a vestir uniforme na “saída da bandeira”, setor Pedro Ludovico – Goiânia.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 25/12/2009



Figura 9 – Palhaço do Grupo de Folia de Reis Estrela do Oriente – Goiânia – Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 25/12/2009

5. Grupo de Folia de Reis Nova Esperança

O Grupo de Folia de Reis Nova Esperança é coordenado pelo senhor Olavo, e é composto por 15 foliões. Foi criado há aproximadamente 60 anos e está localizado no Setor Nova Esperança. Com pouquíssimas crianças, o grupo é formado, na sua maioria, de homens.

Durante o ciclo natalino 2009/2010, o “giro” do grupo saiu em 31 de dezembro de 2009 e fez a entrega da bandeira no dia 16 de janeiro de 2010. Os foliões utilizam como “divisa” um laço de fita azul escuro e outro azul claro preso à roupa com alfinete, e uma toalha branca enumerada para distingui-los dos convidados (Figura 10). Com “giro” diurno, os componentes realizam paradas nos “pousos” de almoço e de janta.

Seus instrumentos são: pandeiro, violão, viola, cavaquinho, caixa e sanfona. Possui dois palhaços, batizados de “Bastião” e “Bastiana”. Usam também roupas de chitão florido, e utilizam máscaras de papelão pintadas, uma preta e a outra de rosa, com seus nomes/apelidos

⁷ Feminino popular de Folião

escritos. Eles têm na cabeça um chapéu pontiagudo decorado com festão natalino e carregam um pedaço de pau em mãos decorado com fitas (Figura 11). São personagens que chamam a atenção dos participantes dos Encontros de Folias realizados na cidade de Goiânia.



Figura 10 – Alferes do Grupo de Folia de Reis Nova Esperança – Goiânia – Goiás.

Usam toalha branca e “divisa” – laço de fita azul claro - marca que diferencia os foliões dos demais acompanhantes.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 31/12/2009



Figura 11 – Bastiana – Palhaço do Grupo de Folia de Reis Nova Esperança – Goiânia – Goiás.

Máscara de papelão, chapéu pontiagudo enfeitado com “festões” utilizados em decoração natalina.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 31/12/2009

6. Grupo de Folia de Reis Capitão Olídio

Coordenado pelo Capitão Olídio, o grupo foi batizado com o nome de seu criador em sua fundação no ano de 2001. O grupo está localizado no Setor Universitário, bairro de residência inicial do Senhor Olídio e onde o “giro” se manteve.

Não foi identificada a presença de crianças no grupo. Com aproximadamente 15 foliões, o “giro” ocorre somente à noite e tem o pouso da bandeira por volta das 23 horas (Figura 12). No ciclo natalino 2009/2010 o “giro” saiu no dia 26 de dezembro de 2009 e sua entrega ocorreu em 09 de janeiro de 2010.

Os foliões se apresentam todos os anos no Encontro de folias e fazem apresentações em igrejas e eventos. Possuem um CD gravado com as músicas cantadas no “giro”, lançado em 2010. Ganharam troféus de participação em eventos folclóricos.

O uniforme é uma camiseta verde. Os instrumentos manejados são meia lua, pandeiro, violão, viola, cavaquinho, caixa, sanfona e afoxé (Figura 13). E o palhaço usa roupas coloridas de chitão, máscara de E.V.A.⁸ e, assim, como os demais, um bastão de pau em mãos.

⁸ E.V.A – Etil vinil Acetato – Consistem em um emborrachado de uso variado, tanto no artesanato, profissional, quanto doméstico.



Figura 12 – Grupo de Folia de Reis Capitão Olídio – Goiânia – Goiás. Cantoria realizada à noite na porta de residência no Setor Universitário.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 08/01/2010



Figura 13 – Palhaço com máscara de E.V.A, Grupo de Folia de Reis Capitão Olídio – Goiânia – Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 08/01/2010

7. Grupo Os Reizeiros da Bahia (em memória)

Dentre os grupos escolhidos para o estudo é o mais diferente. Trata-se de um grupo de folia baiana que, ao chegar a Goiânia, se adaptou aos “giros” locais, sem abandonar sua principal característica, a música. Fundado há aproximadamente 26 anos, O grupo Reizeiros da Bahia foi coordenado pelo senhor Genésio Rodrigues (em memória), no Jardim das Aroeiras, e vinculado à Associação dos Catireiros e Foliões do Estado de Goiás (ACFE-GO), presidida pelo mesmo. Tivemos a oportunidade de participar do último “giro” deste grupo, de entrevistar o senhor Genésio, que faleceu no fim do ano de 2010. Após sua morte o grupo não teve continuidade, assunto melhor detalhado ao longo desta dissertação.

O grupo era composto de aproximadamente 16 integrantes do sexo masculino. Seu último “giro” saiu dia 11 de janeiro e foi entregue dia 20 de janeiro de 2010. Os Reizeiros da Bahia participavam todos os anos do Encontro de Folias de Goiânia, realizavam apresentações e participavam de concursos nos quais ganharam troféus e medalhas.

Com instrumentos diferentes dos habituais nas demais folias, os Reizeiros da Bahia realizavam suas cantorias entoadas ao som de duas caixas, triângulo, reco-reco, pifos/gaitas e pandeiro (Figura 14). Eles não utilizavam sanfona, nem instrumentos de cordas como violão, viola, e cavaquinho, freqüentes na folia goiana.

Os foliões usavam como uniforme uma camisa amarela, chapéu de palha enfeitado com festão natalino e um lenço pendurado no pescoço (Figura 15). Seu “giro”, como na maioria dos grupos, era diurno, com “pousos” de almoço e de janta. Contudo, não possuía

palhaços. Os Reizeiros da Bahia deixaram um CD gravado das músicas que eram cantadas durante os “giros”.



Figura 14 – Reizeiros do Grupo “Os Reizeiros da Bahia” tocando gaita – Goiânia – Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 12/01/2010



Figura 15 – Chapéu decorado, parte do uniforme do Grupo Os Reizeiros da Bahia – Goiânia – Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 12/01/2010

8. Grupo de Folia de Reis Associação Cultural do Brasil

O Grupo de Folia de Reis Associação Cultural do Brasil é coordenado pelo senhor Orange Dias, e se estabelece no Setor Nova Vila. O Grupo nasceu dentro da Associação de Idosos do Brasil e foi fundado oficialmente em 1993. Os integrantes são diferenciados dos demais grupos por serem aproximadamente 25 pessoas acima de 50 e 60 anos.

O grupo faz apenas apresentações em eventos como o Encontro de folias, em almoços, jantares, igrejas - como fez no ano de 2101, na Catedral de Goiânia - e demais ocasiões para as quais são convidados. Os foliões usam uniformes vermelhos com azul e uma toalha branca no pescoço. Seus instrumentos são: violão, cavaquinho, caixa, sanfona e duas colheres tocadas por uma das integrantes do grupo. Este instrumento improvisado é denominado como “blec-blec” pelos foliões, por causa do som produzido (Figura 16).

O grupo possui um palhaço, mas seu maior chamariz são três participantes que se “fantasiam” de reis, com longas roupas e belas coroas, representando os “Três Santos Reis” (Figura 17). Em apresentações “especiais” um presépio é levado pelo grupo.



Figura 16 – Percussão com colheres no Grupo de Foliás Associação Cultural do Brasil – Goiânia – Go.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 09/01/2010



Figura 17 – Foliões do Grupo de Foliás Associação Cultural do Brasil vestidos de Três Reis – Goiânia.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 09/01/2010

9. Grupo de Foliás de Reis do Oriente para Belém

Por último, o Grupo de Foliás de Reis do Oriente para Belém, coordenado pelo senhor Jamil, estabelecido no setor São José, e criado em 2005. Com aproximadamente 25 foliões, o grupo conta com apenas uma criança e uma mulher, os demais são homens. O “giro” é realizado durante o dia, intercalado de “pousos” de almoço e janta. No último ciclo natalino o grupo saiu em 1º de janeiro e fez a entrega no dia 06 do mesmo mês. Os foliões usam como uniforme camiseta de cor verde e boné branco. Apresentam-se anualmente no Encontro de Foliás de Goiânia com os instrumentos que se seguem: pandeiro, violão, viola, banjo, caixa e sanfona (Figura 18).

Acompanham o “giro” dois palhaços vestidos de roupas de chitão colorido e máscara de couro tingido na cor vermelha, e um deles tem na máscara o nome “Teimosa”. Eles carregam durante todo o trajeto um bastão de pau (Figura 19).



Figura 18 – Folião tocando Banjo - Grupo de Folia de Reis do Oriente para Belém – Goiânia – Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 02/01/2010



Figura 19 – Palhaços do Grupo de Folia de Reis do Oriente para Belém – Goiânia – Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 02/01/2010

Trabalho de Campo durante os ciclos natalinos 2009/2010 e 2010/2011: do roteiro aos dados

Em 2009, a partir da permissão dos coordenadores para acompanhamento dos grupos, foi desenvolvido um calendário geral dos “giros” dos dez grupos. Nota-se que a maioria deles ainda mantém a tradição de realizar seus “giros” entre o período de 25 de dezembro a 6 de janeiro. Logo no início da investigação ficou clara a impossibilidade de acompanhar todos os “giros” dos grupos, dada a coincidência de datas dos eventos. Criou-se, então, um roteiro de “giros” para a realização do trabalho de campo (Quadro 1). Registra-se que a presente discussão sobre o trabalho de campo complementa as reflexões do Capítulo 3.

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
					G1, G2*	G1, G2, G3*, G9
					25/dez	26/dez
G1*, G2, G3 27/dez	G1*, G2, G3 28/dez	G1, G2, G3 29/dez	G1*, G2, G3 30/dez	G1, G2, G3, G5* 31/dez	G1, G2, G3, G4, G5 1/jan	G1, G2, G3, G4*, G5, G9 2/jan
G1, G2, G3, G4, G5, G6*, G9 3/jan	G1, G2, G3, G4, G5, G6 4/jan	G1, G2, G3, G4, G5, G6 5/jan	G1*, G2, G3, G4, G5, G6, G9, DSR 6/jan	G3*, G4 7/jan	G3*, G4 8/jan	G3*, G4, G9* 9/jan
G4, G9* 10/jan	G8* 11/jan	G8* 12/jan	G8 13/jan	G7*, G8 14/jan	G7*, G8 15/jan	G7*, G8, G9 16/jan
G8 17/jan	G8* 18/jan	G8* 19/jan	G8*, SS 20/jan	21/jan	22/jan	23/jan
G1, G2, G3, G4, G5, G6, G8, G9, EFG 24/jan						

Legenda					
G1	Grupo Aroeiras	G6	Grupo São Joaquim	G+n°+*	Grupo acompanhado no dia
G2	Grupo Estrela do Oriente	G7	Grupo Estrela Guia	SS	Dia de São Sebastião
G3	Grupo Capitão Olídio	G8	Grupo Reizeiros da Bahia	DSR	Dia de Santos Reis
G4	Grupo do Oriente para Belém - Os três reis seguindo viagem	G9	Grupo Associação cultural		
G5	Grupo Nova Esperança	EFG	Encontro de Folia de Goiânia		

Quadro 1 Calendário dos “giros” de Folia por dia da semana – Ciclo natalino 2009/2010
Fonte: Trabalho de Campo, informações fornecidas pelos grupos de folias.

O período do ciclo natalino 2009/2010 foi dividido entre os grupos escolhidos (Quadro 2), o que permitiu acompanhar cada grupo por uma média de dois ou três dias. Apenas três foram acompanhados uma única vez, durante o “giro”.

DATA	ATIVIDADE	NOME DO GRUPO
25/12/09	Saída da Folia	Grupo de Folia de Reis Estrela do Oriente
26/12/09	Saída da Folia	Grupo de Folia de Reis Capitão Olídio
27/12/09	Saída da Folia	Companhia de Reis Aroeiras
28/12/09	Giro	Companhia de Reis Aroeiras*
30/12/09	Giro	Companhia de Reis Aroeiras
31/12/09	Saída da Folia	Grupo de Folia de Reis Nova Esperança
02/01/10	Giro	Grupo de Folia Os Três Reis seguindo viagem
03/01/10	Saída da Folia	Grupo de Folia de Reis Chácara São Joaquim
05/01/10	Giro	Grupo de Folia de Reis Chácara São Joaquim
06/01/10	Entrega da Folia	Companhia de Reis Aroeiras
07/01/10	Giro	Grupo de Folia de Reis Capitão Olídio
08/01/10	Giro	Grupo de Folia de Reis Capitão Olídio
09/01/10	Apresentação	Associação Cultural do Brasil
09/01/10	Entrega da Folia	Grupo de Folia de Reis Capitão Olídio
10/01/10	Apresentação	Associação Cultural do Brasil
11/01/10	Saída da Folia	Os Reizeiros da Bahia
12/01/10	Giro	Os Reizeiros da Bahia
14/01/10	Saída da Folia	Grupo de Folia de Reis Estrela Guia
15/01/10	Giro	Grupo de Folia de Reis Estrela Guia
16/01/10	Entrega da Folia	Grupo de Folia de Reis Estrela Guia
18/01/10	Giro	Os Reizeiros da Bahia
20/01/10	Entrega da Folia	Os Reizeiros da Bahia
24/01/10	Evento	Encontro de Folia de Reis de Goiânia**

Quadro 2 - Esquema de participação nos giros de folias – ciclo natalino 2009/2010

* A Companhia de Reis Aroeiras obteve quatro visitas porque este é formado por dois grupos de folias, um adulto e um mirim, que “giram” juntos.

** Evento promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia e Comissão Goiana de Folclore.

Fonte: Informações fornecidas pelos Grupos de Folias de Goiânia.

Durante o período de pouco mais de vinte dias de “giro”, do ciclo natalino 2009/2010, **226 casas**⁹ em **27 bairros** foram visitadas na Capital e Região Metropolitana (Figura 20).

⁹ Quando se intitula **casas** estão inclusos nestes números residências, lojas, igrejas e associações.

Bairros visitados durante os "giros" de Folia de Reis de Goiânia - 2009/2010

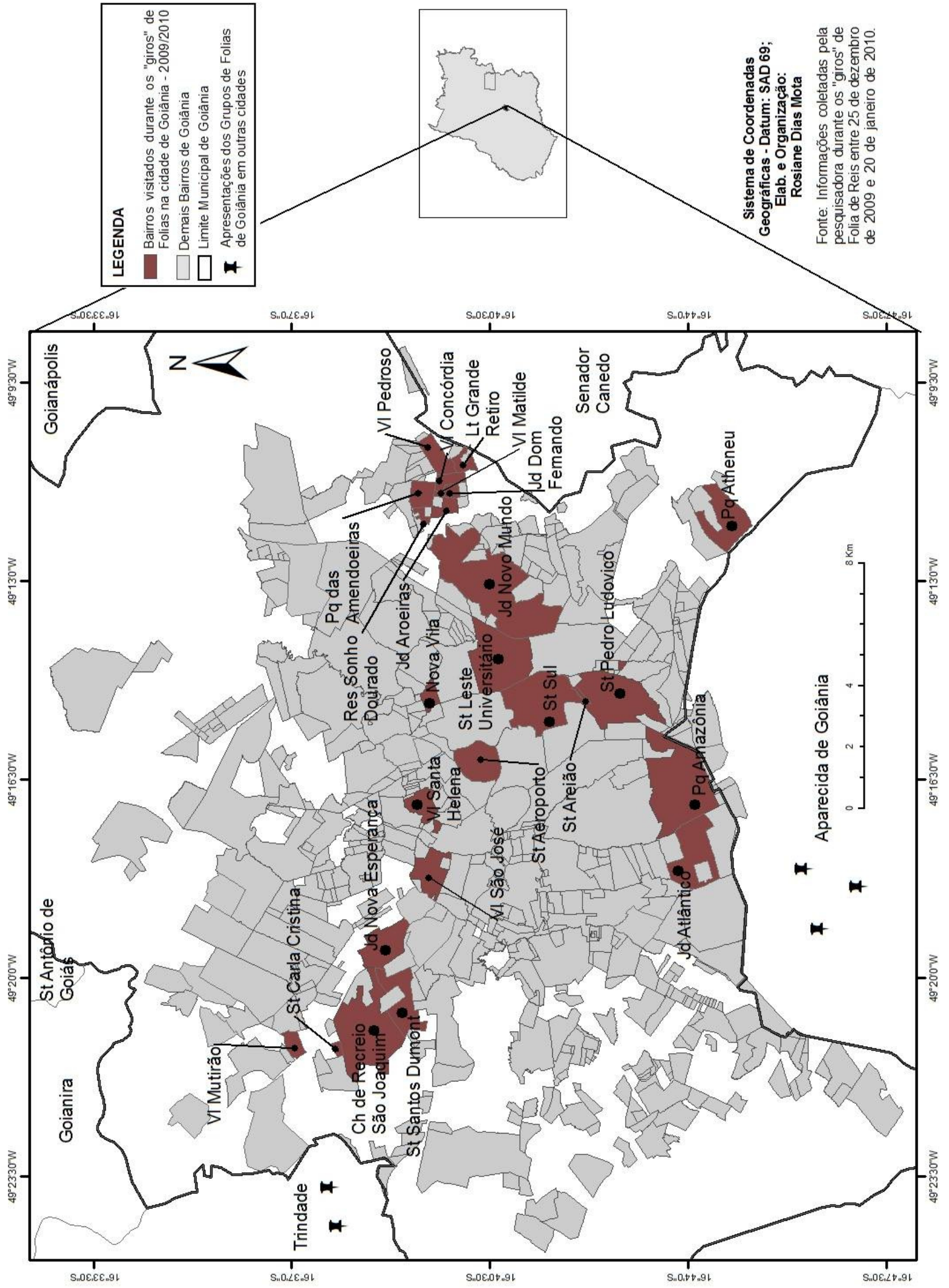


Figura 20 – Mapa dos Bairros visitados durante os “giros” de Folia de Reis em Goiânia - 2009/2010
Fonte: Informações coletadas durante os “giros” de Folia de Reis entre 25 de dezembro de 2009 e 20 de janeiro de 2010

Em alguns casos o mesmo bairro foi visitado mais de uma vez devido à escolha de dois grupos de folias pertencentes ao mesmo bairro, mas com diferentes características (Quadro 3).

Bairro	G1	G2	G3	G4	G5	G6	G7	G8	G9
1. Leste Universitário						X			
2. Parque das Amendoeiras	X								
3. Vila Concórdia	X						X		
4. Jardim Aroeiras	X						X		
5. Sonho Dourado	X								
6. Jardim Novo Mundo	X								
7. Bairro Nova Esperança					X				
8. Santos Dumont			X		X				
9. Vila Mutirão									X
10. Parque Ateneu									X
11. Trindade			X					X	
12. Chácara São Joaquim			X						
13. Setor Carla Cristina			X						
14. Setor Aeroporto								X	
15. Setor Sul						X			
16. Jardim Dom Fernando							X		
17. Vila Pedroso							X		
18. Vila Matilde							X		
19. Parque Amazonas		X							
20. Jardim Atlântico		X							
21. Setor Colonial Sul (Ap)		X							
22. Jardim Tiradentes		X							
23. Jardim Boa Esperança		X							
24. Pontal Sul 2 (Ap)		X							
25. Grande Retiro							X		
26. Areião 2				X					
27. Pedro Ludovico				X					
Legenda: Ap. Aparecida de Goiânia G1. Companhia de Reis e Folia Mirim Aroeiras G2. Grupo de Folias de Reis Estrela Guia G3. Grupo de Folias de Reis Chácara São Joaquim G4. Grupo de Folia de Reis Estrela do Oriente G5. Grupo de Folia de Reis Nova Esperança G6. Grupo de Folia de Reis Capitão Olídio G7. Grupo Os Reizeiros da Bahia G8. Grupo de Folia de Reis Associação Cultural do Brasil G9. Grupo de Folias de Reis do Oriente para Belém									

Quadro 3: Incidência de visitas aos bairros de Goiânia e RMG durante o trabalho de campo – dez /2009 a jan/2010

Fonte: Informações obtidas a partir dos “giros” dos Grupos de Folias de Goiânia.

De acordo com os Mestres de Folia, nos primeiros anos de “giros” dos grupos o raio de abrangência⁹ atingia apenas o bairro em que a Folia estava “localizada”. No entanto, com a consolidação, os grupos vieram a exceder os limites do bairro e, por vezes, atravessam a

⁹ A abrangência se refere à distância visitada pelos grupos de Goiânia.

cidade para realizar o “giro” em outras residências, ou a cantoria para uma única pessoa, caso seja solicitado.

A Folia, ou o Grupo de Folia, localiza-se onde seu “mestre”, ou coordenador tem residência. A casa do “mestre de folias”¹⁰ é a “sede” da folia. Nela, os instrumentos e as “fardas” são guardados, além de ser o ponto de apoio para eventuais ensaios ou para reunião do grupo na saída para o “giro” ou para qualquer outro tipo de apresentação. Há o desejo de alguns grupos terem sua própria sede, como é o caso daqueles que já se consolidaram em associações, a exemplo do Grupo de Folia Estrela do Oriente. As associações serão melhor abordadas posteriormente.

Outro aspecto que demandou cuidado no que tange aos recursos logísticos, foi o horário dos “giros”, que são distintos. A maioria dos grupos “levantava a bandeira” de manhã, “girava” até o horário do almoço, momento em que tinham o “pouso do almoço”, e retomava o “giro” até o horário do “pouso de janta”. Já o grupo de folias Capitão Olídio “gira” apenas no período noturno, com saída por volta de 19 horas e “pouso” da bandeira em torno de 23 horas.

Apesar de existir a possibilidade de efetuar o percurso de carro, o mesmo foi feito a pé, junto com a folia. Esse posicionamento permitiu a consolidação das relações com os foliões e devotos que participaram ou acompanharam os grupos de folias. Este estreitamento se deu em longas conversas, na permissão para fotografias, e no (re)conhecimento do que a folia representa para essas pessoas.

Durante o “giro”, um roteiro de observação foi desenvolvido no intuito de identificar signos e significados por aspectos como os seguintes: bairros visitados no trajeto efetuado no dia; inserção de elementos tecnológicos; emoção e fé x descaso de moradores da casa; adaptação dos grupos, dos “giros” e dos moradores das residências diante da dinâmica empregatícia urbana; reprodução de características próprias do rural no urbano; símbolos religiosos nas residências; signos identificados; tempo – espaço do “giro”; sentido/significado da festa para os foliões e devotos; trajetória – cantos, falas, rezas, estandartes, instrumentos; o espaço festivo, modificações nos espaços para receber a festa; e formação de redes sociais. As observações deste roteiro estão incorporadas aos capítulos 1, 2 e 3.

Após o encerramento dos “giros” do ciclo natalino 2009/2010, o poder público realizou o 9º Encontro de Folias de Goiânia, no dia 24 de janeiro de 2010. Acompanhar as apresentações dos Grupos de Folias no evento, realizar entrevistas com os visitantes/turistas e

¹⁰ Líder ou Coordenador do Grupo de Folias que pode assumir, além do posto de liderança, diferentes outras funções.

prolongar o roteiro de observação desenvolvido durante os “giros” constituíram nossos objetivos e justificaram o comparecimento ao evento. Com o auxílio de graduandos, mestrandsos vinculados ao Laboratório de Estudos das Dinâmicas Territoriais e colaboradores de outras instituições, foram entrevistados 100 (cem) visitantes do evento. As entrevistas possibilitaram a apreensão dos fatores motivacionais que levaram os visitantes a participarem do Encontro, a relação destes com as Folias de Reis, e suas análises sobre a organização e infraestrutura do evento naquela edição (Apêndice 2). As informações decorrentes destas entrevistas foram detalhadas no último capítulo.

Após o fim do “ciclo natalino” e do Encontro de Folias, algumas apresentações das Companhias de Reis em espaços culturais como teatro, escolas e em casas de devotos foram visitadas e acompanhadas. A participação nos “giros” e apresentações tornou possível a construção de um entendimento acerca das diferentes territorialidades produzidas em espaços festivos espontâneos e em espaços mercantilizados.

Desde março de 2010, iniciou-se uma nova visita aos Coordenadores dos Grupos de Folias e aos foliões. Na ocasião, para entrevistas específicas com estes sujeitos, com o objetivo de conhecer a história de formação do grupo, as relações dos foliões nos “giros” e nas apresentações. Assim, foi possível compreender a percepção dos coordenadores a respeito do tempo-espaço propiciado pelo Encontro de Folias (Apêndices 3 e 4).

As entrevistas posteriores foram direcionadas aos organizadores do Encontro de Folias e a pesquisadores. Elas visaram constatar as territorialidades proporcionadas pelo Encontro de Folias de Goiânia e pela criação e transformação dos grupos de folias em associações. Os aspectos “mercantilizadores” dessa institucionalização foram, então, debatidos (Apêndices 5 e 6).

A escolha de retornar ao campo no ciclo natalino 2010/2011 esteve relacionada à necessidade de acompanhar os fatos e as decisões tomadas no ciclo anterior e interpretar como estes estão relacionados às mudanças territoriais nos quais os grupos estão inseridos. Visam, também, a entender a relação entre a morte e a folia após o falecimento do senhor Genésio, e, principalmente, de efetuar o retorno do material produzido durante o trabalho de campo (fotos, filmagens, e entrevistas) aos grupos. Esse foi um compromisso assumido com todos os coordenadores e festeiros das companhias de reis e, por isso, aqueles com os quais estivemos no primeiro trabalho de campo foram visitados no ciclo natalino 2010/2011.

Capítulo 1: A Festa como Expressão da Cultura na Geografia

O presente capítulo inicia-se com uma reflexão sobre cultura e identidade. Para tanto, faz-se necessário a apresentação de conceitos de diferentes áreas do conhecimento a respeito de cultura e, posteriormente, define-se qual será utilizado para esta investigação. Uma vez esse conceito clareado, discutir-se-á as festas como patrimônio cultural, sua importância para o ser humano e a trajetória histórica da formação das Folias de Reis. Reflete-se também sobre as modificações ocorridas no espaço por esse tipo de manifestação cultural.

1.1 Cultura e Identidade

É difícil compreender uma sociedade sem conhecer sua cultura e a maneira como ela se manifesta. Os valores culturais expressam as ações, comportamentos, crenças e significados construídos *para e pelos* indivíduos. A ideia de “cultura”, em sua amplitude, é composta de uma polissemia conceitual. As várias definições existentes perpassam múltiplos campos de pesquisa até chegar aos estudos geográficos. No entanto, os pesquisadores buscam uma compreensão assertiva do que se entende por cultura. Destaca-se aqui o conceito e visão de cultura para Tylor (1975), Geertz (1989), Gohn (1999), Claval (2001) e Boas (2004).

De acordo com Laraia (2001) a expressão “cultura” surgiu, em 1871, nos termos *Kultur* e *Civilization*. No mesmo ano, Tylor sintetizou os dois termos na expressão inglesa *Culture* e a definiu, em um sentido etnográfico, como “aquele todo complejo que incluye el conocimiento, las creencias, el arte, la moral, el derecho, las costumbres y cualesquiera otros hábitos y capacidades adquiridos por el hombre en cuanto miembro de la sociedad”¹¹ (TYLOR, 1975, p.29). Cultura, para o autor, era um fenômeno natural que poderia ser analisado a partir da concepção sistêmica em uma perspectiva evolucionista. Mesmo com um entendimento evolucionista, sua conceituação de cultura já destacava uma dimensão imaterial.

Diante deste aspecto evolucionista, o antropólogo alemão Franz Boas reagiu ao publicar um artigo, “*The Limitation of the Comparative Method of Anthropology*”, no qual são apontadas discussões relacionadas ao papel da antropologia em reconstruir e comparar a história e a vida

¹¹ Tradução livre feita pela mestranda do original: “aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e quaisquer outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade”(TYLOR, 1975, p.29)

social dos povos. Boas foi importante no desenvolvimento do Particularismo Histórico, ao bojo da conhecida Escola Cultural Americana (LARAIA, 2001; BOAS, 2004).

Na Geografia, a cultura teve seu estudo destacado na trajetória da Geografia Cultural, sendo que as primeiras discussões partiram de Ratzel com a “Antropogeografia”, e de Sauer com a fundação da escola norte-americana de Geografia Cultural. Os passos iniciais dos estudos sobre a cultura compreendiam, quase que exclusivamente, a respeito da materialização da cultura, daquilo que é visível, e ignorava a dimensão imaterial/subjetiva da cultura. Essa concepção perdurou até meados da década de 1970 (BRUM NETO, 2007).

Outra influência que corroborou para a sistematização de uma abordagem cultural na Geografia foi Paul Vidal de La Blache. A Geografia vidaliana defendia o conceito de gênero de vida, a partir do denominado “possibilismo”¹². Para La Blache o meio é tido como aquele que condiciona o modo de vida do ser humano e de seus grupos. Esta concepção consistia em uma crítica a Ratzel, já que este último defendia que a natureza determinava as condições de um povo, de uma sociedade (CLAVAL, 2003).

Na Geografia o conceito de cultura é defendido por Claval (2001, p.60) como aquele que incide na “[...] soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas [...]”. Tais valores “acumulados” são transmitidos de diferentes formas.

Na sociologia, segundo uma concepção da educação não-formal, cultura é concebida por Gohn (1999) como “modos, formas e processos de atuação dos homens na história, onde ela se constrói. Está constantemente se modificando, mas, ao mesmo tempo, é continuamente influenciada por valores que se sedimentam em tradições e são transmitidos de uma geração para outra” (op. cit., p. 98). A cultura não é estática, é dinâmica e transmitida para outras gerações com novos valores conforme o “tempo” e a “experiência vivida” pelo sujeito. Sendo assim, as manifestações da cultura são observadas nas dimensões materiais e imateriais. A dimensão material refere-se à aspectos visíveis da paisagem, como a arquitetura, por exemplo, e a imaterial inclui as crenças, os valores e até mesmo os medos (VILLA, 2000).

Laraia (2001), ao sintetizar os estudos de Roger Keesing, apregoa duas teorias modernas sobre cultura. A primeira refere-se à cultura como um *Sistema Adaptativo*, no qual os padrões de

¹² O possibilismo surgiu como uma negação aos trabalhos que tinham como influência o determinismo ambiental. O termo, criado por Febvre, professor de La Blache, cumpria o papel de esclarecer que o gênero de vida era consequência do meio não somente ambiental, mas de hábitos e costumes.

comportamento da sociedade são transmitidos. A mudança cultural do homem consiste em um processo adaptativo em que alguns, com maior ou menor facilidade, se ajustarão ao novo modelo de cultura. Para a presente investigação, essa primeira teoria é utilizada parcialmente, devido às adequações das Folias ao meio urbano advindas de questões empregatícias, além de outros fatores que serão detalhados.

A segunda consiste nas teorias idealistas de cultura, que se subdivide em três abordagens: (1ª) *cultura como sistema cognitivo*, (2ª) *cultura como sistemas estruturais* e a (3ª) *cultura como sistemas simbólicos*. A *cultura como sistema cognitivo* se situa, conforme Laraia (2001), no domínio da linguagem e dos métodos descritivos da lingüística por meio da análise componencial desenvolvida por Goodenough (1956). Esse autor encontrou na análise componencial um método para suas pesquisas etnográficas na descrição e análises lingüísticas (op. cit, 1956). A essência dessa abordagem também é utilizada parcialmente, aqui, ao propor realizar uma leitura do território simbólico e da paisagem simbólica. Este procedimento se dará pela apreensão dos signos e significados da linguagem não-verbal.

A segunda abordagem, a *cultura como sistemas estruturais*, expõe a cultura como um sistema acumulador de símbolos, na mente, apreendidos ao longo do tempo. Assim, Laraia (2001) explica que um conjunto de princípios, regras e normas seria estabelecido ao longo das gerações de forma inconsciente.

A última abordagem tem a *cultura como sistemas simbólicos*, como constituinte de um sistema de símbolos e significados. Geertz (1989) e Schneider (1968) estão entre os principais antropólogos desta abordagem (LARAIA, 2001). O conceito de cultura é apresentado pela abordagem da *cultura como sistemas simbólicos* na perspectiva dos signos, significados, símbolos e rituais, enfim, em sua dimensão imaterial e simbólica. Adota-se, para esta investigação, a definição proposta por Geertz (1989, p.15) em que:

[...] o conceito é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p.15).

A partir de então, compreende-se que cada indivíduo em sua coletividade esteja “amarrado” às relações culturais, sociais e religiosas tecidas por ele mesmo em um determinado espaço e tempo. A concepção de cultura aqui adotada tem por fim uma constante interpretação

dos significados visíveis e não-visíveis existentes nas relações entre os indivíduos em sua coletividade e entre o indivíduo com sua devoção e fé.

Da mesma forma que Geertz (1989) pensa a cultura como um “conjunto de teias” produzidas pelo ser humano, tem-se o território identitário formado por teias que combinam a identidade e as relações territoriais produzidas pelos sujeitos da folia durante as manifestações e durante a transmissão de “conhecimentos” contidos no ritual.

O aspecto simbólico é destacado também por Gomes (1998, p.39 – grifo nosso) na perspectiva da Geografia Humana. Para ele as concepções de cultura são as que seguem:

- a cultura vista como atividade biológica relativa ao homem, adaptação da espécie e de seu fisiologismo às diferentes condições ambientais através da instrumentalização da natureza;
- a cultura vista como ação direta de transformação física do ambiente, através de um conjunto de técnicas onde grupos humanos criam um conjunto de instrumentos e ações destinadas e orientadas pelas determinações da produção da vida material;
- a cultura como **expressão simbólica**, ou seja, **a cultura como comunicação como ação expressiva, como sinalização de valores.**

A perspectiva cultural considerada é de que essa é uma manifestação popular¹³, de expressão simbólica, composta de valores, e heranças transmitidas, como destaca Claval (2001). As formas encontradas para a sua perpetuação estão na reprodução e podem ocorrer por meio das festas, movimentos diferenciados da produção cotidiana da população local no espaço.

A festa de Folias de Reis realizada no município de Goiânia, de 25 de dezembro a 06 de janeiro, pode ser concebida como um exercício propício das manifestações populares que são reveladoras de “traços” da tradição e identidade rurais na cultura urbana. Estes traços estão na disposição de farta mesa com comidas tradicionalmente rurais como o queijo, pão de queijo e o requeijão no café da manhã; os bolos e biscoitos caseiros nos lanches; e a carne de porco, “carne de lata”, almôndegas, galinhada, macarronadas, galinha caipira, feijão tropeiro servidos em almoços e jantares nos “pousos de folias”. O preparo desses alimentos em fornalhas, fogões a lenha ainda se faz presente em algumas casas (Figura 21 e 22).

¹³ Entende-se que a expressão “popular”, para fins desta investigação, esta relacionada a uma manifestação que circula/é acessível a distintas classes sociais. As Folias de Reis estão ao acesso de todas as classes sociais. Contudo, nem todas as classes têm interesse em participar efetivamente dos “giros”. Observou-se que pessoas com maior poder aquisitivo preferem assistir a apresentações isoladas, ou oferecer pousos em períodos dentro ou fora do ciclo natalino.



Figura 21 – “Foliona” do Grupo de Folia de Reis Estrela Guia cozinha em “fogão a lenha” no Parque Amazonas – Goiânia, Goiás.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 14/01/2010



Figura 22 – No almoço da “Entrega de Folia” do Grupo Reizeiros da Bahia.

Entre itens tradicionais dos pousos de folia como o macarrão, o frango e a salada vinagrete se fizeram presentes à mesa – Jardim das Aroeiras - Goiânia, Goiás.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 20/01/2010

Outro exemplo é que nas festas rurais é muito comum a decoração das casas com bandeirolas e folhagens de coqueiros. Para receber as folias rurais os donos das propriedades faziam grandes arcos com folhagens e flores naturais e/ou de papel. Atualmente, esse costume ainda perdura nas folias da cidade de Goiânia. Eles são os “traços” da identidade presentes nas folias rurais que têm sua continuidade por meio da tradição nas festas de Folias de Reis urbanas da Capital (Figuras 23 e 24).

A identidade, de acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (1995, p. 2), é “[...] como uma forma de pertencer e participar. É por isso que somos capazes de encontrar nosso lugar, nosso nome ou nossa personalidade”. Esse pertencer e participar, conceituado pelo IPHAN (op. cit.), está presente nas Folias de Reis na afinidade e compromisso de seus foliões com as músicas, com a decoração, com o rito, enfim com a cultura.

A relação existente entre cultura e identidade é explicada por Woodward (2009). Para ela “a cultura **molda** a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade” (op. cit., p.18 – grifo nosso). Por este “moldar” a identidade pela cultura entende-se que a cultura é produzida pelas relações humanas e que a identidade se forma a partir da cultura. E como a cultura não é estática, está em constante transformação, a identidade do devoto a “Santos Reis” está em constante

“construção”. A identidade devota é feita ao longo das relações de fé e amizade. Hall (2006, p.47) afirma que as identidades são, de modo geral, construídas, e que as identidades nacionais “não estão literalmente impressas em nossos genes”.



Figura 23 – Altar, destinado ao presépio e à bandeira da folia em pouso de janta do Grupo de Folia de Reis Chácara São Joaquim, no Setor Santos Dumont – Goiânia, Goiás.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 03/01/2010



Figura 24 – “Folionas” do Grupo de Folia de Reis Nova Esperança – Goiânia, Goiás.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 31/12/2009

Considera-se que a verdadeira essência da identidade esteja calcada no reconhecimento, no sentido de pertencimento dos integrantes de um grupo. Conforme Amaral (2006, s/p), o sentido de pertencimento consiste na “crença subjetiva, numa origem comum que une distintos indivíduos. Os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual símbolos expressam valores, medos e aspirações”. Nos grupos de folias, os atores sociais reproduzem suas identidades por meio das manifestações festivas de fé e devoção, e pela “espetacularização” das apresentações como atividade cultural e turística. O sentido de pertencimento, sob a perspectiva social, é analisado por Mourão (2005, p.2), como o “[...] fundamento da comunidade em laços pessoais de reconhecimento mútuo e no sentimento de adesão a princípios e visões de mundo comuns, que fazem com que as pessoas se sintam participantes de um espaço-tempo (origem e território) comum”.

Ao comparar a conceituação de Amaral (2006) com esta defendida por Mourão (2005) sobre o sentido de pertencimento, verifica-se em ambas a noção de coletividade aliada ao reconhecimento do indivíduo com a manifestação cultural e com o lugar. Pessoas acometidas por esse sentido de pertencimento se emocionam ao ouvir as melodias das folias, mesmo que de longe ou na varanda da casa ao lado, ainda que não conheçam os foliões do grupo que celebra naquele momento.

A identidade, neste estudo, está relacionada ao sentido de pertencimento dos foliões, devotos e visitantes e às relações territoriais produzidas por esses sujeitos. Independente do objetivo da folia, ao visitar uma casa ou ao realizar uma apresentação, ocorre a produção de identidades e de territorialidades.

As manifestações culturais tem a dinamicidade de se adaptarem a um novo ambiente sem deixar que ocorram perdas em sua essência. A reprodução das folias pelas festas, pelos encontros, consiste numa condição para a perpetuação da cultura. As festas são consideradas movimentos diferenciados da produção cotidiana da população local e no espaço vivido por estes sujeitos, assunto do próximo item.

1.2. A festa nas Ciências Sociais

As festas religiosas são práticas culturais produzidas pela sociedade em determinado espaço e representam manifestações da cultura popular “redescobertas e revitalizadas”¹⁴, na atualidade. Isso tem proporcionado amplo interesse de diversas áreas da pesquisa científica por esta temática. Na ciência geográfica, a curiosidade pelas festas se pauta em diferentes aspectos, entre os quais se destaca a produção do espaço e as territorialidades produzidas pelas relações humanas no e com o espaço.

Na Geografia, as festas e a religiosidade já foram estudadas por vários pesquisadores. Entre eles destaca-se a contribuição de Guy Di Meo (2001), Doralice Maia (2003), Amélia Bezerra (2006), Zeny Rosendahl (2008), Sylvio Gil Filho (2008), Rosselvelt Santos e Marli Kinn (2009), Mirne-Glayde Lagares (2009), Maria Idelma D’Abadia (2010), Tereza Lobo (2011) e João Guilherme Curado (2011), para esta investigação.

Na obra *La géographie en fêtes* (2001), Guy Di Meo discute as dimensões simbólicas e

¹⁴ JURKEVICS, 2005 p.74

identitárias das festas aliadas à formação do território. Para o autor, a festa tem o poder de produzir símbolos territoriais. Estes símbolos são identificados, nesta pesquisa, por meio da observação da realização dos ritos e da participação dos foliões nas festas de folias e nos encontros. Sob esta perspectiva, as festas de folias apresentam uma dimensão simbólica e identitária na produção do território e da paisagem simbólica.

Doralice Maia (2003) aborda o contraste existente entre a *tradição genuína* e a *tradição inventada* ao estudar a Vaquejada como uma festa de vaqueiros do sertão nordestino. A dualidade na perspectiva da tradição, assinalada pela pesquisadora, é intensamente presente nas festas tradicionais, assim como o processo de “mercantilização” destas. Nas Folias de Reis essa dualidade também é identificada. Maia considera a Festa de Nossa Senhora das Neves da Cidade da Parnahyba como “um fenômeno social regido por regras, leis, lógica própria” (MAIA & SÁ, 2008, p.18). Esta dimensão se aproxima ao que DaMatta (1984) classifica de “festas da ordem”, assunto que será aprofundado posteriormente.

Rossvelt Santos e Marli Kinn (2009) refletem sobre as festas, os modos de vida e as relações sociais existentes entre os produtores agrícolas do vale do Rio Araguari, Minas Gerais. Os autores explicam que “as reinvenções das tradições, a partir das festas rurais, seguramente desempenham um papel para a continuidade das comunidades rurais” (op. cit., p.69). A concepção de reinvenções das festas no meio rural se repete também no meio urbano, como nas folias em Goiânia. Nesta investigação verifica-se que as modificações/reinvenções destas festas contribuem para sua continuidade.

Amélia Bezerra (2006) produziu uma tese sobre a reinvenção das festas de Mossoró, Rio Grande do Norte. No estado de Goiás destacam-se as teses de Maria Idelma D’Abadia (2010), de Tereza Lobo (2011) e de João Guilherme Curado (2011), que refletem sobre a festa e seus significados, os conflitos que a permeia, além de descreverem, mapearem e pontuarem os ritos das festas de Nossa Senhora D’Abadia (Abadiânia), do Divino Pai Eterno (Trindade), de Nossa Senhora D’abadia (Muquém); da Capela do Rio do Peixe (Pirenópolis); e das paisagens festivas produzidas pelas festas do povoado de Lagolândia, também distrito de Pirenópolis, respectivamente. Entre as dissertações destaca-se a pesquisa realizada por Mirne-Glayde Lagares (2009), que escreveu sobre a festa de São João Batista no município de Heitorai, neste mesmo estado. Estes discutem, em suas investigações, questões concernentes ao espaço festivo, identidade, lugar, território e territorialidade.

No quesito religião, Zeny Rosendahl (2008) ressalta a dualidade do sagrado e do profano e sua relação com as dimensões econômicas/políticas e do lugar. Logo, a reflexão de sua obra proporciona uma análise profunda sobre a produção dos símbolos e do território das manifestações religiosas. Por conseguinte, tem-se ainda que o sagrado e o profano são indissociáveis no estudo das festas. Neste caso das Folias de Reis, ambos (co)habitam o mesmo “espaço” no decorrer do “giro”.

O momento sagrado da festa, as cantorias, as rezas, e a adoração ao “Santo da Bandeira” não se dissociam daquele considerado profano, formado pelas brincadeiras, pelo forró, pelas piadas, enfim, pela diversão proporcionada com passagem do grupo ou com o pouso de folia. A mesma temática é abordada por Gil Filho (2008) na chamada Geografia da Religião. O autor discute a concepção do sagrado, suas espacialidades, a formação da identidade religiosa e a produção do que ele denomina territorialidade religiosa.

No âmbito das ciências sociais e da antropologia, destaca-se a tese de Rita Amaral (1998) *“Festa à Brasileira - Significados do Festejar no País que ‘Não é Sério’”*. A pesquisadora desenvolveu sua investigação em festas de cinco regiões do Brasil – Oktoberfest (sul), Festa de Nossa Senhora de Achiropita e do Peão Boiadeiro (sudeste), São João (nordeste), Círio de Nazaré e Festa de Parintins (norte), e Festas do Divino Espírito Santo (centro-oeste). Tais festas possuem particularidades e são apresentadas como uma expressão da identidade cultural e da capacidade de organização dos moradores locais. As festas de reis, ou de folias de reis, aqui estudadas, são produzidas pela capacidade de organização dos integrantes dos grupos. Esses integrantes, por sua vez, despedem de recursos físicos/materiais e financeiros para que a festividade seja realizada com êxito.

Os estudos sobre festas e folias ora se encontram ora se separam nas diferentes áreas do conhecimento. E por essas diferenças, há várias formas de conceitualizar as festas. Mikhail Bakhtin (1987) observa que:

As festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma forma primordial, marcante, da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem explicá-las como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo nem, interpretação mais vulgar ainda, da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico. As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção do mundo. (op. cit., p.7)

O autor destaca que as festividades não são consideradas fator de necessidade biológica

ou até mesmo produto prático do trabalho humano. A festa encontrar-se-ia noutra dimensão que Bakhtin (1987) denomina de *mundo dos fins superiores da existência humana*, que seria um *mundo dos ideais*. O clima de festa associa-se às esferas dos *espíritos e das idéias*, nomeadas pelo autor. Com isso, o momento festivo estaria longe do ócio ou do trabalho humano, e aproximar-se-ia das diferentes formas de ver o mundo, ligadas às concepções de crenças, ideologias, tradições e identidades.

O mundo “visto” por um folião de reis está intensamente ligado a sua religiosidade, sua devoção. Concorde-se, todavia, com o autor sobre a festa situar-se na *esfera dos espíritos e das idéias*. Contudo, as linhas que separam festas e mundo real (empregatício e ócio) são muito estreitas e, por vezes, parecem estar, ao menos nas Folias de Reis, sempre se encontrando num tempo e espaço ora festivos, ora participantes de um cotidiano voltado para o trabalho.

O historiador Guarinello (2001, p. 972) define a festa como:

[...] uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (2001, p. 972).

Conforme a perspectiva adotada, a festa, como toda prática social, pode ser ou não parte do cotidiano daquele que a produz. É necessário entender duas concepções relacionadas à festa e à vida cotidiana do indivíduo. A primeira definição parte da idéia de que a festa está inserida no cotidiano, e se apóia, de acordo com o autor, nas discussões de Henri Lefebvre, para quem a festa liga-se à natureza; o homem faz parte da natureza; e, por conseqüência, a festa participa do cotidiano humano. Nesta vertente, Mariano (2009, p.3) afirma que “a festa faz parte do cotidiano, não se separa dele porque está inserida num ciclo de reprodução da vida”. Maia & Sá (2008, p.24) referem-se metaforicamente às festas como momentos de *explosão*, “de alegrias, de total prazer na vida cotidiana”. O que contradiz Bakhtin (1987), que separa a festa do cotidiano, do trabalho e do ócio.

Já a segunda reflexão defende o contrário e entra em sintonia com Bakhtin (1987), ao diferir a festa de outros momentos vividos no cotidiano. Para Couto (2008) as festas consistem em um momento de quebra do ritmo cotidiano da vida. As celebrações constituem uma oportunidade apaziguadora que retiram o indivíduo momentaneamente da realidade competitiva e

capitalista, e o remete a um instante suspenso e quase inatingível pelos problemas e desencontros provocados pelo dia-a-dia (op. cit., 2008). Ao festejar, o homem rompe com preocupações diárias.

No contratempo das tarefas diárias há festa para celebrar a vida. A celebração é um **“rompimento do ritmo monótono do cotidiano**, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções. Por instantes, **o tempo dos relógios é suspenso**, o homem experimenta o tempo mítico da eternidade e da manifestação divina que permite a reconciliação de todos com todos” (JURKEVICS, 2005, p.74 – grifo nosso).

A possibilidade de “suspender o tempo” não é admitida na investigação das folias. Os indivíduos se organizam, trabalham e negociam horários com os patrões para participar das festas. Apesar desse aspecto, concorda-se com a autora quanto ao rompimento no ritmo monótono do cotidiano. Compreende-se que este indivíduo não se afasta do cotidiano para participar da festa, experimentar uma relação de proximidade com o mítico, “vivenciar” momentos de afetividade com amigos e parentes, e intensificar sua fé diante dos ritos das festas. Quando se reflete sobre o tempo na folia concorda-se com Teixeira (2009), que o intitula de tempo-mítico da folia. Neste caso os foliões “revivem o tempo através de seus mitos, pois o mito representando a realidade torna-se sagrado” (op. cit., 2009, p.18).

Os foliões se organizam cronologicamente para presenciar a folia e mesmo agendam as férias para a época de seus “giros”. Isso nos conduz à mesma opinião sobre o posicionamento de Maia & Sá (2008, p. 24):

[...] muito embora concordemos com a idéia de que na *festa* exista a idéia de ruptura, de explosão da vida cotidiana, não aceitamos a sua concepção enquanto acontecimento fora da vida cotidiana, pois entendemos que, a despeito de o mundo moderno ter fragmentado a vida em vida do trabalho, do descanso e do lazer, a *festa*, no sentido mais “puro” do termo, representa algo da vida humana em que o trabalho, o lazer, o lúdico, o riso, o sagrado, o doméstico constituíam um todo.

As festas de folias de Goiânia não são tidas como um momento suspenso ou como uma válvula de escape. No tempo do “giro”, os foliões concentram-se nos “ritos” de adoração e devoção, e nos momentos de socialização em que conversam, contam seu dia-a-dia, falam sobre suas famílias e fazem planos. Portanto, como defende Guarinello (2001), a festa é um ponto de confluência. Na essência da festa estão imbuídos elementos como a socialização do indivíduo, a coletividade, e a presença de distintos sentimentos como alegria, gratidão e, até mesmo, tristeza e saudade. Essas emoções são permeadas por uma identidade e uma tradição, constituem um

patrimônio. E as relações sociais produzidas pelo homem têm grande importância na constituição das festas como patrimônio cultural.

Tais relações são “corporificadas em alguma manifestação concreta, conceitualmente definida como material ou imaterial.” (VELOSO, 2006, p.439). As Festas Religiosas são consideradas Patrimônio Cultural *Imaterial* por formarem representações que expressam tradições sociais associadas ao espaço, à religiosidade e à cultura. De acordo com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, UNESCO ¹⁵, o Patrimônio Cultural Imaterial se

[...] **transmite de geração em geração**, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um **sentimento de identidade e continuidade** e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO, 2006, p. 4 - grifo nosso)

A transmissão e a identidade estão interligados. A continuidade das Folias de Reis é fruto do desejo, dos líderes e participantes dos grupos, de transmissão do conhecimento e da identidade, como cultura e patrimônio *imaterial*. As folias saem da esfera contemplativa e organizacional, e partem para uma realidade experienciada e produzida socialmente.

As referidas experiências correspondem às situações exclusivas vividas pelo indivíduo. Como afirma Veloso (2006), tanto o Patrimônio Cultural *material*, quanto *imaterial*, “extraem suas **singularidades** por expressarem ‘marcas de distinção’ que, por sua vez, remetem a **situações específicas vividas por uma determinada comunidade**”. (op. cit., p. 438 – grifo nosso). As festas religiosas, em sua “singularidade” e imaterialidade, expressam a devoção, a crença e os ritos do catolicismo popular. Além disso, essas festas apresentam, ao indivíduo, situações específicas que se caracterizam pela essência religiosa, além da socialização que está centrada na coletividade, na cooperação e na solidariedade de todos participantes do grupo.

As festas religiosas estão presentes tanto no meio urbano quanto no meio rural. Em ambas as localidades, elas se manifestam em procissões, folias, novenas - ambiente sagrado -, e no lazer, durante as quermesses¹⁶ oferecidas na programação social em ambientes externos ao templo religioso, da concepção cristã. Estas festas conferem importante significação no imaginário do ser humano, ora como renovação da fé, como manifestação religiosa, ora pela tradição transmitida ao

15 Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

16 Quermesses: são áreas de convívio social das festas. Nas quermesses encontramos música, brincadeiras e alimentação.

longo das gerações, ora pelos sentimentos emergidos.

Esses sentimentos estão relacionado a lembranças e recordações do sujeito. Katrib (2006, p.380) afirma que as festas trazem “à tona as lembranças do passado”. É muito comum nas festas religiosas, principalmente nos “giros” ou festas de folias, as pessoas se emocionarem. Esta sensibilidade faz emergir lembranças de doces momentos da infância, das festas de família, de pessoas amadas e de foliões que já não estão mais presentes. Katrib (2006) destaca a mistura de sentimentos e ressentimentos que surge durante as festas. Para ele, estas lembranças projetam “na memória dos sujeitos a presentificação da festa nas suas vidas” (op. cit., p.380). Aos participantes ficaria, então, o papel/sentimento de repetir e reproduzir os festejos para as gerações futuras, mesmo que pela oralidade.

As recordações das festas religiosas constituem-se, por muitas vezes, “marcas” de uma cultura rural de tradições herdadas de um passado sertanejo e devoto. As lembranças são materializadas no sabor das quitandas e no estabelecimento de novas relações acompanhadas por ritos, músicas e danças. O sentido de pertencimento do devoto se manifesta e se afirma nas procissões, nos “giros” de folias, no cultuar enfim, nas ações de devoção e no momento de socialização e lazer. O ciclo natalino e a festa de folia são detalhados no próximo item.

1.3 A festa de folia: uma expressão do catolicismo popular

É preciso, antes de prosseguir com a análise das folias, explicar que essa manifestação está inserida no contexto do denominado “ciclo natalino”. Como a própria nomenclatura alude, este último é composto das festividades e celebrações relacionadas ao Natal, nascimento de Jesus Cristo. Fazem parte deste ciclo as visitasões a presépios, as cantatas de Natal, as apresentações de grupos de corais, as pastorinhas, os reizados e as folias de reis. No estado de Goiás as manifestações de maior expressividade neste ciclo são a montagem e visitação a presépios, principalmente em ambientes públicos, as cantatas e as folias de reis. O calendário oficial destas manifestações é de meados de dezembro até 6 de janeiro, dia de Santos Reis. Contudo, em Goiânia, principalmente, este calendário se antecipa para 1º de dezembro e se estende até o fim de janeiro, com maior intensificação dos “giros” de folias no período de 25 de dezembro a 6 janeiro¹⁷.

¹⁷ Ao refletir sobre o calendário “oficial” do ciclo natalino, Gonçalves (s/d, p.90) afirma que o nascimento de Jesus

Quando se participa pela primeira vez de um “giro” ou se assiste à apresentação de um Grupo de Folias de Reis, essa manifestação do catolicismo popular encanta e intriga o “espectador”. A origem, a tradição e, principalmente, a estrutura e as funções assumidas pelos foliões inseridos nos grupos são focos de análise para a interpretação das paisagens e das territorialidades constituídas no meio urbano da cidade de Goiânia.

A Folia de Reis é uma manifestação religiosa e consiste em um relato bíblico que narra a jornada dos “Reis Magos”¹⁸ que viajaram do Oriente a Belém com o objetivo adorar e presentear¹⁹ o Menino Jesus. Esta narrativa está presente nos capítulos um e dois do Livro de Mateus - Novo Testamento da Bíblia Sagrada - nos quais descreve a genealogia de Jesus de Nazaré, seu nascimento, a visita dos Magos, a fuga da família de Jesus para o Egito, devido à matança dos recém-nascidos, e o retorno para a terra de Israel após a morte do Rei Herodes.

A narrativa do capítulo dois é tida de grande importância para os grupos de Folias de Reis. As palavras escritas neste livro fundamentam a crença e devoção dos grupos, além de explicar os vários aspectos do rito. No capítulo dois, nos versículos iniciais, assim é narrado:

¹Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que vieram magos do Oriente a Jerusalém,

²e perguntavam: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Vimos a sua estrela no Oriente, e viemos adorá-lo.

³Quando o rei Herodes ouviu isto, alarmou-se e com ele toda a Jerusalém.

⁴Convocando todos os principais sacerdotes, e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo.

⁵Eles lhe responderam: Em Belém da Judéia, pois foi isto que o profeta escreveu:

⁶E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és o menor entre os governantes de Judá; pois de ti sairá uma guia que apascentará o meu povo, Israel.

era comemorado “desde os primeiros tempos do cristianismo [...]. [No entanto,] os festejos foram regulamentados no ano 138 pelo papa São Telésforo, o nono sucessor de São Pedro. A festa não tinha data fixa. [...] [Teria sido] o papa Júlio I, em 376, que fixou a data de 25 de dezembro”. Da mesma forma o dia de Santos Reis também não possuía uma data fixa, esta também só foi estabelecida posteriormente. O autor (s/d, p.90) reflete que na “Roma pagã, o dia 6 de janeiro era dedicado a celebração do tríplice triunfo de Augusto César, o pacificador do império. Por isso, não é de se estranhar que a Igreja tenha escolhido esse dia para comemorar uma festa religiosa. A festa que celebra a manifestação da divindade de Cristo. O dia da Adoração dos Reis”.

¹⁸Os três reis citados são Gaspar, Baltazar e Melquior.

¹⁹De acordo com Ortencio (1996, p.73) “Os Reis Magos, que eram sábios, levaram os seus presentes ao Menino Jesus: ouro que representa realeza, incenso que representa divindade e mirra (resina transparente de uma planta árabe) [...]”. Esta última possui duas interpretações, a primeira é dada pelo autor como a representação da “paixão, [do] sofrimento. De fato, Jesus Cristo passou tudo isso” (*idem*). A segunda é que esta trata-se de um óleo utilizado no embalsamento de mortos e teria como representação a forma humana de Cristo.

⁷Então Herodes chamou em secreto **os magos**, inquiriu deles exatamente acerca do tempo em que a estrela aparecera.

⁸E, enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide e perguntai diligentemente pelo menino. Quando o achardes avisai-me, para que eu também vá e o adore.

⁹Tendo eles ouvido o rei, partiram. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino.

¹⁰Vendo eles a estrela, alegraram-se imensamente.

¹¹Entrando na casa, [os magos] viram o menino com Maria, sua mãe, e prostando-se, o adoraram. Então, [os magos] abrindo os seus tesouros lhe apresentaram suas **dádivas: ouro, incenso e mirra.**

¹²E, tendo sido, por divina revelação, avisados em sonhos para que não voltassem a Herodes, regressaram por outro caminho à sua terra.

(Bíblia Sagrada - Livro Mateus cap.2 – Novo Testamento, 2005, p.871-872 – grifo nosso).

Neste trecho, os “Reis Santos” são apresentados como “magos”. Nas escrituras bíblicas os santos não são nomeados como reis, e nem quantificados em três, como afirma o catolicismo popular. Entretanto, Pessoa & Félix (2007) e Silva (2006) apresentam vários documentos e levantamentos históricos (traduções de manuscritos como o “*Excerpta Latina Barbari*”²⁰ e de textos como “*Excepta et Collectanea*”) que provariam a existência de **três** “magos”, identificados pelos nomes Melquior, Gaspar e Baltazar. Esta versão faz parte das falas dos participantes dos grupos de Folias, mesmo sem terem tido acesso a tais documentos.

Contudo, há relatos históricos de que esta manifestação seja bem mais antiga. Como aponta Jurkevics (2005), as raízes das Folias de Reis seriam gregas e romanas e celebrariam festas saturnais dedicadas ao “deus Sol”. Conforme a autora, somente após o marco cristão²¹ as folias teriam sido incorporadas à cultura sacra e atribuídas às narrativas bíblicas. Até chegar ao ritual conhecido e praticado nos “giros” da atualidade, o relato da visita dos “magos” a Jesus passou por um longo processo.

Consoante Moreyra (1984), a história do nascimento e vida de Jesus começou a ser encenada no século XI, período medieval, com impulso e estruturação do teatro por meio do drama sacro. As apresentações teatrais encenavam a Páscoa e o Natal. Este último iniciou-se com a representação do nascimento de Jesus e a visita dos pastores de ovelhas, e, posteriormente, sofreu uma modificação, na qual incluiu ao “roteiro de encenações”, a visita dos “Magos”, que teria ocorrido na epifania, período de doze dias posteriores ao nascimento de Jesus em que os

²⁰ Conservado, de acordo com Pessoa & Félix (2007), na Biblioteca Nacional de Paris.

²¹ Marco Cristão: nascimento de Cristo.

“três Reis” teriam feito a viagem até Belém²². Este período permitiu uma ampliação das apresentações e celebrações do Natal, de tal forma que “extrapolou” os limites da Igreja e atingiu palcos com companhias de teatro, de dança e de cântico de músicas populares. Em meados do século XVI, as narrativas sobre a viagem dos “Reis Magos” se consolidaram em uma dança popular, em Portugal.

A junção das festas da Natividade, nascimento de Jesus Cristo, e da Epifania, visitação e adoração de Jesus pelos “Santos Reis” foram combatidas, de acordo com Gonçalves (s/d) no início do cristianismo por São João Crisóstomo e São Jerônimo. Contudo, tanto em Portugal quanto no Brasil, as duas festas são comemoradas juntas nas Folias de Reis.

Diante destes relatos e da afirmação de Bastide (1985, p.489), compreende-se que a Folia de Reis nos rituais que se comemora no Brasil “é de origem portuguesa”. Esta manifestação cultural portuguesa estaria ligada a “toda a Europa, com toda a fecundidade religiosa, literária, artística, enfim, cultural, nos períodos da Idade Média, do Renascimento e da Reforma Protestante”, conforme afirmam Pessoa & Felix (2007, p. 140).

Ao considerar as folias como tradição herdada pelos portugueses destaca-se a influência cultural e religiosa européia. Os festejos e cânticos de Natal são apontados pelos autores em toda a Europa – Inglaterra, Portugal, França, Alemanha, Espanha etc. – com diferentes particularidades religiosas e culturais em cada região.

Durante o período de colonização, as Folias de Reis chegaram ao Brasil. De acordo com Sebastião Rios (2006):

A folia, como a música e o drama, foi usada pelos **jesuítas para a catequese**. Os padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta usavam a folia e outras danças nas procissões e nos autos, muitos escritos na língua geral. **Com a consolidação da colonização, os rituais usados na catequese do índio disseminaram-se entre colonos portugueses, negros escravos e mestiços de toda sorte e foram incorporados às festas dos padroeiros**. Essa combinação da procissão seguida de folia é recorrente na formação das expressões da música tradicional, como a Folia de Reis, Folia do Divino, Folia de São Sebastião, Dança de São Gonçalo. (op.cit., p.3 – grifo nosso)

As Companhias dos Padres Jesuítas disseminaram as folias. A Companhia de Jesus teve importante papel na evangelização e disseminação da crença nos “Santos Reis”, no ciclo litorâneo na colônia. Os padres jesuítas faziam a evangelização dos índios por meio de aldeamentos indígenas ou por meio da criação de colégios com a finalidade de ensinar teologia,

²² De acordo com Gonçalves (s/d, p.90) “A Epifania é uma festa coletiva de vários fatos da vida de Jesus”

filosofia e latim, entre outros (PESSOA & FELIX, 2007).

Os rituais e a crença ensinados pelos Padres Jesuítas aos índios se difundiram entre os negros, escravos e mestiços, e entre colonos que estavam na *Terra de Vera Cruz*²³. Todos os ensinamentos passados por esses padres foram incorporados à cultura religiosa e principalmente às festas de padroeiros em toda a colônia. Cada lugar, aldeia e povo apreenderam os ensinamentos de maneira própria.

De acordo com Barbosa (2009, p.13), com a chegada dos portugueses, a partir de 1500, a sociedade brasileira, que estava “se formando, incorporou nas suas manifestações religiosas, elementos localizados, tanto indígenas como africanos, conforme o local e sempre mediatizados pelo meio ambiente. Foi assim que este festejo [Folia de Reis] ganhou no Brasil configurações múltiplas”, próprias e individuais, sendo o formato de procissão seguida de Folia, conforme apresentado por Rios (2006), na constituição principal das Foliias de Reis, propagada até a atualidade.

Esta manifestação deixou, progressivamente, o “meio urbano” (a região do litoral, as áreas povoadas, as aldeias e as vilas), e tornou-se freqüente no meio rural. Com o intenso êxodo rural várias manifestações rurais deslocaram-se para as cidades, entre elas as Foliias de Reis.

Mesmo na cidade os “giros” de folias continuaram existindo. Neles são realizadas visitas a casas de devotos, rezas, cânticos (versos em adoração a Deus), confraternizações, além de doações que são feitas pelos devotos às folias. As festas de folias tanto na cidade quanto no campo produzem, ocupam e modificam o espaço. É sobre o espaço desta festa que trata a próxima subseção.

1.4 Espaço e a festa

As Festas de Foliias de Reis são aqui discutidas *sob a lente* das categorias geográficas, território e paisagem. Ambas são formas de compreender e explicar o espaço. Sendo assim, a discussão do território produzido pela festa inicia-se pela leitura do espaço festivo.

Dotado de vários significados e interpretações, o espaço aqui analisado consiste no produto das relações sociais, ou, ainda, num “conjunto de objetos e relações que se realizam sobre estes objetos [...]”. Os objetos ajudam a concretizar uma serie de relações. O espaço é

²³ Este nome está entre os primeiros nomes dados ao Brasil por Portugal, como colonizador.

resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos naturais e artificiais” (SANTOS, 1994, p.71). Compreende-se, então, que a existência dos espaços e das relações espaciais se condiciona à existência do homem e à correlação homem-natureza.

No espaço, as folias produzem inúmeros tipos de relações. As relações construídas socialmente são demonstradas com a ajuda mútua dos grupos de folias em um ambiente de devoção e fé. A *totalidade* do espaço está no conjunto de sistemas interligados pelas relações humanas e pelas relações simbólicas em geral (op. cit., 1994). No caso das Folias de Reis, estas relações são produzidas nas festas. Em meio as relações humanas e simbólicas, a festa é aqui apreendida como uma maneira de reorganizar o espaço. Dessa forma, este altera sua função original de duas formas: a função original do espaço cotidiano para o festivo, e no tocante às experiências vividas pelo folião no espaço festivo.

1.4.1 Espaço Vivido e Experienciado pelo devoto nas Festas

O espaço é compreendido por diferentes autores, com diversas nomenclaturas ou atribuições como: o espaço social, o representacional e o espaço vivido. Bonnemaïson (2002) e Frémont (1980) apresentam o espaço vivido sob o ponto de vista da experiência. Este tipo de espaço é formado, então, “pela soma dos lugares e trajetos que são usuais a um grupo ou indivíduo” (BONNEMAISON, 2002, p. 110). Neste espaço, com as relações sociais ocorre o reconhecimento do indivíduo com as manifestações nele contidas. O sentido de pertencimento das pessoas durante os “giros” de folias em Goiânia existe num “espaço cotidiano e subjetivo” (*idem*).

O sentido de pertencimento, emergido no ato de receber a bandeira dos “Três Reis Santos”, por vezes, não está somente em professar a devoção e a fé católica. O ato de receber uma folia, saudar/beijar a bandeira constitui também um símbolo. Ele proporciona, por inúmeras vezes, a imersão de lembranças, sentimentos de alegria ou tristeza, ligados a familiares, aos amigos, momentos da infância e, até mesmo, a “volta” a um passado marcado pela fé. No espaço vivido, os símbolos e as relações sociais se intensificam, ao mesmo tempo, e favorece o sentido de pertencimento do indivíduo ao lugar, ao grupo e à manifestação.

Frémont (1980)²⁴ apresenta *uma psicologia do espaço*, com suporte em Piaget, com a qual

²⁴ Frémont (1980) correlaciona às experiências vividas no espaço ao *espaço-movimento* e ao *espaço-tempo vivido*.

explica que, da mesma forma que a criança está em um processo contínuo de formação, o ser humano, dia após dia, tem suas experiências construídas, modificadas e *desconstruídas*. Nas palavras do autor, “as relações do homem com o espaço não constituem um feixe de dados imanescentes ou inatos; combinam-se numa experiência vivida que, de acordo com as idades da vida, se forma, se estrutura e se desfaz” (op. cit., p.23).

Nas festas, a forma como as experiências são adquiridas se vincula à proximidade do frequentador/participante com os organizadores e com a festa em si. Nas Festas de Folias de Reis, a “entrega”, momento auge de todas as comemorações, proporciona experiências diferentes a cada pessoa que o assiste. A experiência que um visitante adquire ao participar desse momento do evento é muito diferente da experiência adquirida e do significado deste momento para os foliões que “giraram” a folia ou para os “festeiros”²⁵ daquele ano.

Nas cantorias dos Grupos de Folias de Goiânia, tal diferença de apreensão da experiência é evidente a todos os presentes, uns se identificam com a melodia e com o rito, mais que outros. No entanto nas festas de “entregas”, no encerramento do “giro”, a relação afetiva dos componentes do grupo e dos devotos durante o rito torna-se mais intensa. A exemplo estão as “entregas” do grupo de Folias Estrela Guia e Companhia de Reis Aroeiras, a cerimônia foi permeada de lágrimas, emoções, risos e um sentimento de gratidão e companheirismo expresso entre os foliões e festeiros na última cantoria (Figuras 25 e 26). E diante deste momento uma pergunta surge: como esse espaço vivido se forma?

A trajetória de formação do “espaço vivido” é um dos pontos apresentados por Frémont (1980). De acordo com o autor, o espaço vivido é uma experiência contínua, e se constitui, em suas devidas proporções, num espaço social, independente da idade que o indivíduo apresenta. O fator motivacional, que induz um devoto a pagar determinada promessa, é “uma graça alcançada”, que é vivenciada de diferentes formas todos os anos.

Se um devoto, por exemplo, fez a promessa de participar de um “giro de folias”, ele certamente terá diferentes emoções e sentimentos durante todo o “giro”. Além disso, existem as modificações sofridas pelo espaço físico percorrido: novas casas construídas e paisagens alteradas. A reorganização do espaço nas festas de folias possibilita o “experienciar” contínuo do espaço vivido.

Esse assunto pode ser aprofundado na leitura de sua obra.

25 São os escolhidos para receber a Folia de Reis na entrega do giro de folias e os responsáveis por suprir as necessidades do grupo durante todo o giro.



Figura 25 – Devota e “Foliona” do Grupo de Folia de Reis Estrela Guia coroadada como festeira do ciclo natalino 2010/2011. Entrega realizada em Aparecida de Goiânia - Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 16/01/2010



Figura 26 – Foliões, devotos, parentes e vizinhos do festeiro, 2009/2010, assistem e participam da “entrega” da Companhia de Reis Aroeiras – Goiânia - Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 06/01/2010

1.4.2 A Reorganização Espacial

Para compreender a reorganização do espaço é necessário entender o contexto em que as festas ocorrem. O espaço cotidiano, envolto de relações familiares e/ou empregatícias, torna-se temporariamente festivo com a presença da folia. A chegada do grupo de folia ao espaço cotidiano modifica e reorganiza aquele espaço. Essa modificação refere-se tanto à dimensão simbólica quanto à física do espaço.

A dimensão simbólica do espaço geográfico constitui-se de signos e de seus significados²⁶. Quando um Grupo de Folia chega a um bar, por exemplo, o significado daquele local naquele momento é modificado para os foliões e para aquele que recebe a bandeira. Na perspectiva cristã, o bar seria o “último local indicado” ou aceito para a realização de um “culto” religioso. Entrementes, o espaço é totalmente reorganizado simbolicamente, sendo o propósito dos presentes: adoração do “santo da bandeira”, levar alegria, e o “cumprimento de uma missão”.

²⁶ De acordo com Rocha (2002/2003, p.72) o “signo fala. Mas fala diferentemente para pessoas diferentes, em momentos diferentes. Isto porque a leitura de cada um dos atores sociais depende do conhecimento, do envolvimento emocional que tenha com o signo, [...]. A leitura poderá trazer sentimentos de amor, de carinho, a chamada reação topofílica; ou de ódio, de medo, de ressentimento, a reação topofóbica”. Assim o “significado de um signo se dá a partir da percepção de uma pessoa, de um grupo, de um povo, de uma cultura” (op. cit., p.75)

O fato de ser um bar, uma igreja ou um terreiro, “não faz a menor diferença”, como afirma dona Duzinha, coordenadora do Grupo de Folias de Reis Estrela do Oriente. Tanto o é, que seu grupo aceitou fazer um “pouso de janta” em um Terreiro de Candomblé, há aproximadamente três anos. Ao refletir sobre as palavras da coordenadora do grupo, é possível afirmar que o espaço do Terreiro se refuncionalizou, foi reorganizado simbolicamente, para receber a folia.

O espaço também é alterado nos âmbitos funcional, material, e estético. As casas que oferecem “pousos” de almoços e de “jantas” modificam toda a funcionalidade rotineira de sua casa. A garagem é transformada em refeitório, a “sala de estar” recebe o altar onde é colocada a bandeira de “Santos Reis” e em torno da qual se concentram todos os convidados para a “reza do terço”. A entrada principal da casa recebe decorações com arcos, flores e bandeirolas. Há uma preocupação de reproduzir as calorosas recepções às folias rurais, na fazenda. Essa reprodução do comportamento rural se dá, mesmo por aqueles que nunca habitaram o ambiente rural, mas buscam ou recebem alguma orientação dos vizinhos, e dos foliões.

Outro exemplo de reorganização do espaço são as alterações da infraestrutura local para a realização do Encontro de Folias de Goiânia, na Praça Santo Afonso, bairro Campinas, em Goiânia. No cotidiano, a praça é um local de passeio, onde moradores conversam debaixo das árvores, transeuntes circulam de “um lado para o outro”, lavadores de veículos e “flanelinhas” prestam serviços (Figura 27 e 28).



Figura 27 – Lavadores de carros utilizam a Praça Santo Afonso como local de trabalho.

Durante o Encontro de Folias estes “personagens” do cotidiano estão ausentes da paisagem festiva – Goiânia, Goiás.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 16/04/2011



Figura 28 – Rua José Hermano – Campinas – Goiânia – Goiás.

Transeunte atravessando a Rua José Hermano. Espaço utilizado para montagem das tendas e palco do Encontro de Folias de Goiânia.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 16/04/2011

Para o evento, as ruas são fechadas, arquibancadas, tendas, palco, equipamento de som, grades de segurança e banheiros químicos são montados (Figuras 29 e 30).



Figura 29 – Infraestrutura montada na Praça Santo Afonso - Bairro Campinas, para a realização do Encontro de Folias de Goiânia, Goiás.

Tenda de Informações, inscrições e de entrega de certificados, local de encontro com organizadores dos grupos e apoio do evento.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 22/01/2010



Figura 30 – Banheiros químicos instalados para a realização do Encontro de Folias de Goiânia, Goiás.

Instalados na calçada do Centro Cultural Gustav Hitter, em frente a Praça Santo Afonso - Bairro Campinas.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 22/01/2010

Deste modo, o cotidiano da Praça se dilui e dá lugar a várias outras atividades temporárias. É nessa “reterritorialização temporária” da Praça Santo Afonso que se instalam equipamentos próprios para a execução do evento, e complementa, como elemento paisagístico, a formação de novas paisagens culturais. A apropriação deste espaço consiste na produção do território festivo temporário com a efetivação também do território simbólico.

Compreende-se, portanto, que o espaço, tanto na dimensão do vivido, quanto na dimensão da refuncionalização, é compatível com o território que é formado a partir de uma ação sobre o espaço, isto é, na territorialização do espaço (Figuras 31 e 32).

As festas, como paisagens culturais e territórios festivos, criam uma espacialidade. A mesma está centrada, nesse estudo, no espaço goiano e, além de representar mudanças, essas também modificam o espaço, como apresentado anteriormente. Saraiva e Silva (2008) verificaram as mudanças e as modificações no espaço produzidas, também, pelas festas nas comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia. Tanto nos festejos dessas comunidades ribeirinhas quanto nas festas de folias no meio urbano de Goiânia identifica-se a construção de espaços, permanentes ou provisórios, para a realização das celebrações. De acordo com os

autores, as festas são, nessa perspectiva, “acontecimentos, frutos do sincretismo religioso, que trazem consigo **características próprias que moldam o espaço**, transformando-o em um lugar único” (SARAIVA; SILVA, 2008, p.8 – grifo nosso). A percepção de “moldar do espaço” está relacionada à discussão da temática espaço-festa que tem sido discutida por vários autores. Entre eles pode-se destacar Sousa (2010), com uma reflexão sobre as memórias apreendidas no espaço da Festa de Nossa Senhora do Rosário de São José do Triunfo, Viçosa, Minas Gerais.

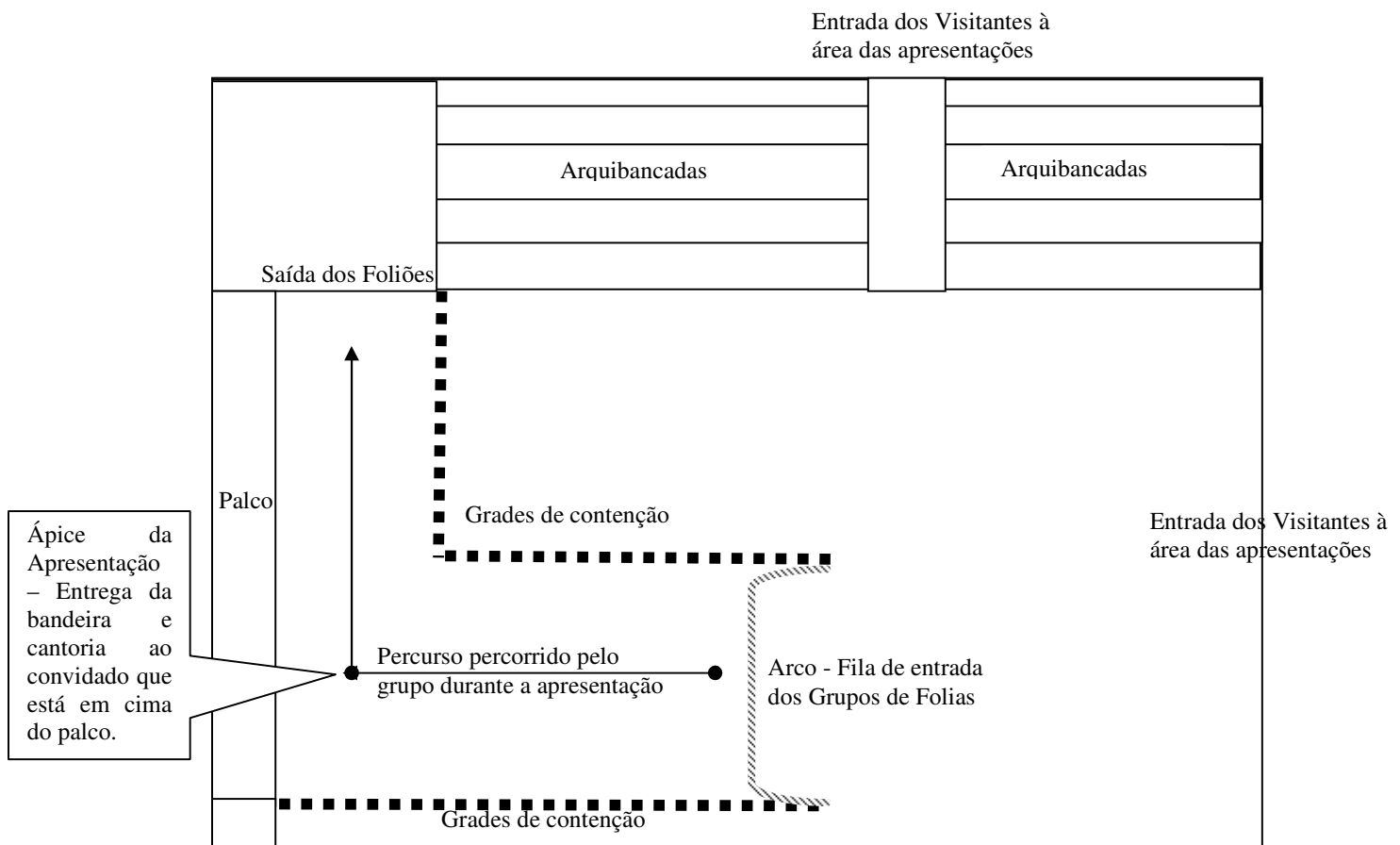


Figura 31: Croqui – Espaço destinado às apresentações dos grupos no Encontro de Folias de Goiânia – Jan/2011. Elaboração: Rosiane Dias Mota

Ao refletir sobre a delimitação do espaço festivo das folias em Goiânia verifica-se que a disputa por um espaço físico é, por vezes, sobreposta pelo espaço simbólico, desse modo, concorda-se com Souza e Barletto (2009, p.126)²⁷ “a delimitação do espaço da festa é pensada aqui a partir de constantes tensões que disputam um espaço simbólico”.

²⁷ Os autores referem-se à festa do Rosário da cidade de Viçosa-Minas Gerais.

Espaço do Encontro de Folias de Goiânia - jan/2011

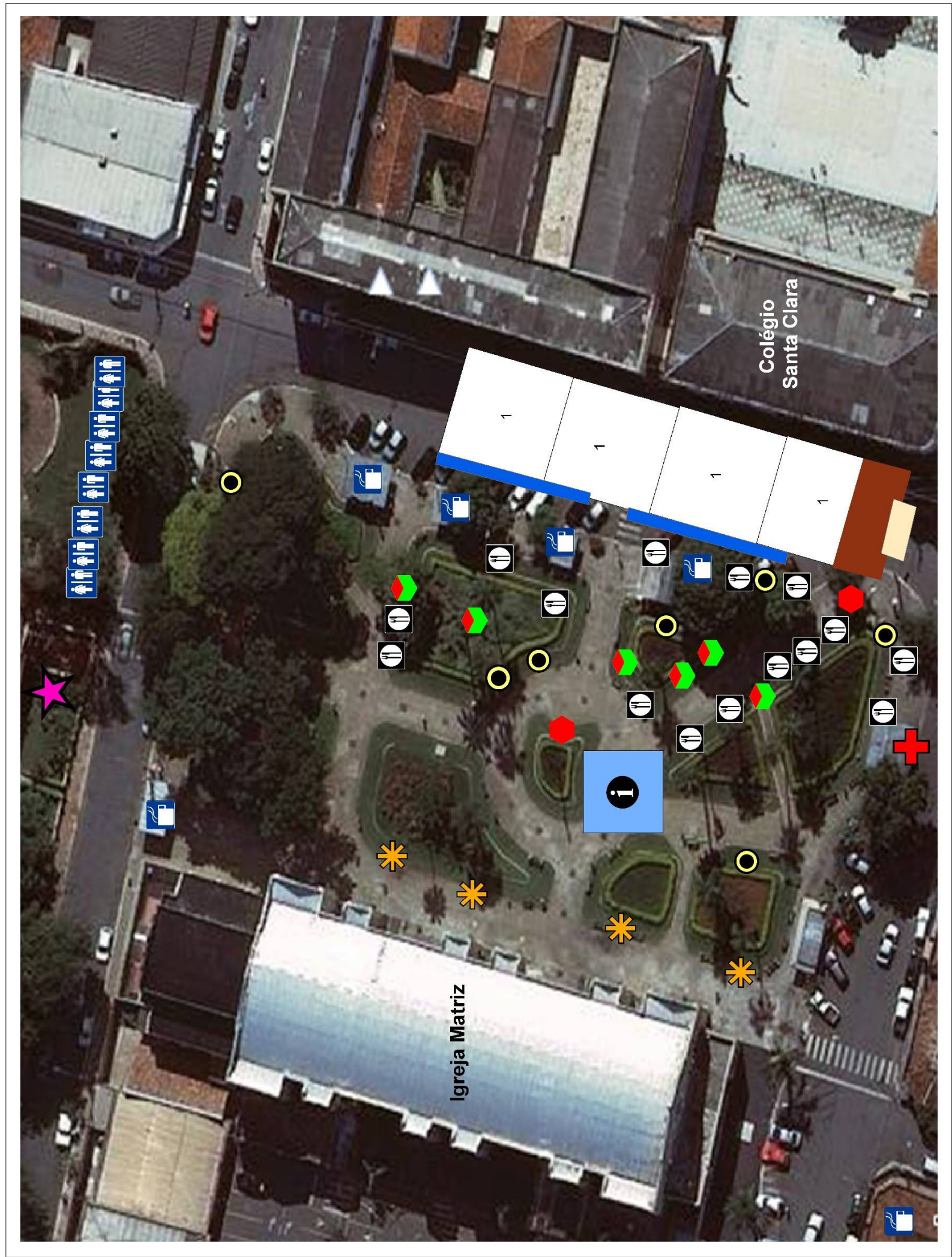


Figura 32: Carta Imagem – Espaço do Encontro de Folias de Goiânia – Jan/2011.
Organização e Elaboração: Rosiane Dias Mota

No entanto, a relação corpo-espaço também é aqui considerada. De acordo com os autores “corpo e espaço tornam-se um contínuo; o corpo é neste momento também paisagem e território e o espaço parte da estrutura física do indivíduo”. (op. cit., 2009, p.125). São nas coreografias e nas músicas cantadas e tocadas pelo grupo, na dança e no “lundu” do palhaço que esta relação do corpo com o espaço se afirma.

Souza e Barletto (2009), ao refletir sobre as festas religiosas ribeirinhas, afirmam que ao modificar o espaço habitado estas festas atribuem “significados os mais diversos, transformando-o num lugar único, fruto de crenças [...], diferenciando e qualificando locais com características que só existem durante o período da festa”. Estas festas podem “deixar marcas no espaço, funcionando como fator de organização e de mudanças na espacialidade das comunidades” (p.13). Nas festas de folias de Goiânia assim como nas demais festas religiosas ocorre a criação de locais, espaços próprios para o santo, como altares, locais de adoração, procissões, entre outros. O espaço físico também é denominado simbólico e se constitui no cotidiano humano.

A espacialidade e as relações corpo-espaço-festa estão presentes tanto na espontaneidade dos “giros” quanto na relação conflituosa das apresentações culturais. Mesmo em meio a disputas, os foliões mantêm vívidos aspectos tradicionais, normatizadores e de sua estrutura hierárquica. Estes três aspectos estão presentes no cotidiano dos grupos de folias. Sobre esse assunto detalhar-se-á no próximo capítulo.

Capítulo 02: A Tradição das Folias de Reis e Manifestações no Espaço Goiano

As folias como uma tradição constituem especulações e leituras ricas se se considera que a tradição pode assumir, na concepção de diferentes autores, a posição de *genuína* e/ou de *inventada*. Reflete-se, portanto, sobre a tradição das Folias de Reis como uma festa da ordem, com sua estrutura hierárquica e de suas normas míticas e regulamentadoras. Discute-se a relação do processo de formação sócio-espacial do estado de Goiás na consolidação das folias no território goiano, e finaliza-se com um mapeamento dos grupos de folias do estado de Goiás e um recorte espacial da Região Metropolitana de Goiânia - RMG.

2.1 A Tradição e as Folias da Ordem

Tradição é, sem dúvida, a palavra mais falada e utilizada pelos foliões e devotos para caracterizar as festas de Folias de Reis. Quando se fala na tradição de uma manifestação tem-se embutido nesta expressão uma ideia de continuidade e de coletividade. No que se refere à continuidade, a palavra tradição tem raiz no latim *tradere*, que significa entregar ou transmitir. Incorporada à língua inglesa no Século XIV, a palavra *tradition* assumiu o sentido de descrição de um processo de transmissão (WILLIAMS, 2007). E quanto à ideia de coletividade, a tradição está ligada a uma memória coletiva, grupal e esta, por sua vez, consiste nas informações transmitidas.

A tradição tem, entre suas características distintivas, a repetição (GIDDENS, 2000). Assim, questiona-se: seria na repetição do processo de transmissão de determinados valores culturais que, ao longo do tempo, a tradição se forma? Essa transmissão estaria ligada ao conhecimento, à disponibilidade individual e coletiva dos sujeitos de determinada manifestação, aos foliões e mestres, no caso das Folias de Reis, em transmití-los, sendo estes considerados “guardiões”. Como destaca Giddens (1997), para que haja a transmissão, é necessária a existência de guardiões, “[...] porque estes têm um acesso privilegiado à verdade; a verdade não pode ser demonstrada, salvo na medida em que se manifesta nas interpretações e práticas dos guardiões.” (op. cit., p. 100).

Os “guardiões” são “figuras” responsáveis por transmitir seus conhecimentos, segredos, além de instigar a obediência e o respeito pela devoção por meio da oralidade, sendo os últimos aspectos fundamentais no processo de transmissão destacados por Williams (2007). A obediência aqui significa estar sujeito a regras e normas presentes nas Folias de Reis, nos âmbitos regulamentadores e míticos.

A tradição oral, de acordo com Vansina (1982, p.158), pode ser definida “como um testemunho transmitido verbalmente, de uma geração para outra”. Esse testemunho refere-se à história, à relação familiar, à religião, e aos aspectos culturais de uma maneira geral. Os Capitães e Embaixadores de Grupos de Folia de Reis testemunham e propagam, pela tradição oral, o conhecimento adquirido e transmitido por outros. A transmissão oral dos conhecimentos da Folia de Reis pode ser feita, ao que se caracteriza para fins desta investigação, pelo modo formal ou não-formal. No formal trata-se do ensino e preparação direcionada de um componente do grupo para a “formação”/“preparação” de um palhaço, um embaixador, um capitão ou um mestre de folias. Além dessa situação, alguns dos mestres de folias entrevistados expressaram o desejo de ministrar cursos para formar embaixadores, ensinar a “toada da folia”, seus ritmos e melodias, com a justificativa de “não deixar a tradição morrer”.

Quanto ao denominado modo não-formal, os participantes dos grupos – foliões -, aprendem, literalmente, por meio da repetição, feita anualmente pelos componentes, as histórias de cura, a cantar e a tocar músicas, as rezas, os ritos, e as coreografias, enfim, nesse meio ocorre a transmissão da tradição. A maioria dos embaixadores e mestres ensina e canta versos e rezas que foram ensinados/transmitidos há mais de duas gerações (Figuras 33 e 34). É um conhecimento passado por avós, pais, tios, antepassados que se dedicaram a ensinar “os segredos”²⁶ destes grupos para jovens e adultos na atualidade.



Figura 33: Criança aprendendo a tocar pandeiro com um adulto, na saída da bandeira, Grupo de Folias Estrela do Oriente no Setor Pedro Ludovico – Goiânia, Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 25/12/2009



Figura 34: Criança acompanha Grupo de Folias Estrela Guia, Goiânia, Goiás.
Criança sentada na porta de casa no Jardim Tiradentes, enquanto o Grupo de Folias Estrela Guia se apresentava, reproduzia a “toada da folia” na caixa sem o acompanhamento de um adulto.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 16/01/2010

²⁶ Os coordenadores dos grupos explicam que o “segredo da folia” está relacionado ao conhecimento das cantorias, das rezas, dos aspectos espirituais a que o rito está relacionado etc.

De modo geral, os foliões, principalmente os idosos, constantemente se queixam de “os jovens de hoje em dia” não se interessarem pelas “coisas da tradição”. A partir dessas queixas e de relatos colhidos, procurou-se verificar as modificações ocorridas ao longo das últimas décadas. Tais modificações decorrem, principalmente, do local de origem dos grupos de folias, de interesses pessoais, e das relações familiares com a festa (Quadro 4).

Quadro Comparativo - Folias e herança cultural na família	
Décadas de 1960-1980*	Décadas de 1990-2000*
As pessoas moravam no campo	Moram nas cidades
A perspectiva de estudos era limitada	Perspectiva de estudos ilimitada devido à facilidade e acesso a cursos de diversos níveis.
Religião predominante: catolicismo	Disseminação e ampliação de diferentes denominações religiosas.
As pessoas começavam a trabalhar desde crianças com os pais nas lavouras. A perspectiva de saída desta condição era quando se casava e a pessoa constituía sua própria família, que também trabalharia na lavoura ou em pequenos distritos e cidades próximas. O longo tempo em família permitia o conhecimento das tradições herdadas pelos pais.	Crianças crescem com os pais ausentes, que trabalham fora de casa em sua maioria. O contato e conhecimento da história e tradição seguida pelos avós e pais são limitados.
A família participava ativamente das festas rurais (festas de padroeiros, folias, mutirões, festas de quadrilha, de colheitas e etc.)	As famílias participam de festas de caráter urbano como carnaval, shows etc.
Filhos seguiam o ofício e a religião dos pais	Filhos têm maior oportunidade empregatícia, liberdade na escolha de profissão, religião e etc.
Pais participam de grupos de folias.	Pais privilegiam o trabalho e raramente participam de grupos de folias.
Existia pouca mobilidade geográfica e de informações.	A facilidade de mobilidade e rapidez no acesso das informações faz com que o indivíduo busque e se interesse por aspectos culturais de vários lugares.

Quadro 4 – Quadro Comparativo: Folias e herança cultural na família

Fonte: Relatos dos foliões e coordenadores dos Grupos de Folias de Reis sobre fatos e modificações recordados por eles ocorridos no cenário campo – cidade nas últimas décadas.

Organização: Rosiane Dias Mota

Obs.: Destaca-se que as Folias de Reis nas décadas 1970/80 estavam em sua maioria no meio rural, assim como a maioria de seus foliões. - * Décadas aproximadas definidas de acordo com as datas apresentadas pelos foliões durante as entrevistas.

O quadro permite compreender o contexto em que os foliões, hoje idosos, foram criados, e conheceram as Folias de Reis, assim como a situação atual. A “instituição família”, os aspectos empregatícios, religiosos, culturais, e tecnológicos, na urbanidade, são diferentes de outrora, no meio rural.

Morte na e da folia

Em algumas situações o conhecimento das músicas e dos “segredos” da folia, exemplificados anteriormente, não é repassado de modo formal ou não-formal, o que determina, com a morte do Mestre de Folias, ou do coordenador do grupo, um destino decadente que pode levar ao fim da folia. A paisagem cultural produzida por esta manifestação está relacionada à “nova vida”, à esperança. Contudo, a “vivência” nos “giros” e nos trabalhos de campo, o retorno aos grupos no ciclo natalino 2010/2011, permitiu identificar uma paisagem cultural distinta da inicialmente apresentada em relação ao ciclo natalino 2009/2010. Esta paisagem cultural possui como marca o intenso sentimento de perda/morte, caracterizado no lamento dos foliões e de seus parentes. Compreendeu-se, então, uma estreita relação no ritual tanto com a natividade quanto com a morte. Os laços com o primeiro sentimento se explicaram pela motivação do próprio ciclo natalino, o nascimento de Jesus Cristo, adorado como o Messias.

Quanto à afirmação do ritual da Folia ter estreita relação com a morte explica-se que não há uma adoração a morte, mas esta se faz presente em toda a cantoria e reza, e incita à lágrimas e emersão em lembranças. Os grupos sempre cantam a alegria de estarem a caminho da “lapinha” onde visitarão o Menino Jesus, e, também, cantam a saudade dos foliões falecidos, parentes dos devotos que recebem os grupos naquele momento. Este momento do rito proporciona uma paisagem cultural marcada por saudosas lágrimas e frases dosadas de emoção.

Os versos são cantados ao falecido quando o grupo de folias chega a uma casa que possui algum parentesco com um folião que morreu. O Embaixador canta os versos iniciais, a pessoa que recebe a bandeira faz o pedido para que sejam cantados “versos do falecido”. Quando não ocorre este pedido, e existe tal situação, de acordo com alguns Mestres de Folias, ele “sentem” que é necessário cantar. Se isso não ocorrer a folia não conseguirá completar sua cantoria na casa, e a bandeira pode até mesmo “ficar presa” e atrapalhar a continuidade do “giro”. Dessa forma, esta parte do rito é considerada uma obrigação que a folia tem com o falecido e com Jesus de Nazaré, como se apresenta o trecho abaixo:

O meus nobre fulião, vô mudá a canturia, **vô cantá pru falecido**, qué devoto da nossa guia há muito tempo Deus levou, foi morar na eternidade num cantinho lá no céu, bem juntim de São José que os Treis Rei te dá a bença, no lugá onde estivé quem te dá a salvação, é Jesus de Nazaré **já cantei pro falecido**, nas hora de Deus amém alevanta nossa guia, pode se alevantá também Pai e Filho e Espírito Santo, para sempre amém, amém (Trecho cantado durante “giro” 2009/2010, Embaixador

de Folias da Companhia de Reis Aroeiras – grifo nosso)²⁷

O rito de cantoria ao falecido é constituído de representações de respeito. Os foliões que recebem a bandeira, assim como os palhaços se ajoelham, a haste da bandeira é colocada em sentido vertical, e em alguns casos velas são acesas.

A morte de um folião reflete diferentes impactos em um grupo de folias. E o medo de perder um outro folião faz com que o grupo de Reis da Chácara São Joaquim, sempre que fala sobre a quantidade de foliões falecidos ao longo do ano, se expresse da seguinte forma:

Este ano, menina, morrem quatro foliões e um cachorro [...] Nós falamos que são quatro e um cachorro para não morrer mais. Se deixar só com o número que morreu continua morrendo, morrendo até acabar o grupo. (folião, masculino, 58 anos, aposentado)

Falar de pessoas que morreram sempre causa dor e, tristeza, devido à intensa saudade. Essa reação é perceptível mesmo quanto o assunto não é diretamente relacionado às pessoas que faleceram, como por exemplo, em dezembro de 2010, realizou-se a etapa de retorno das fotos e vídeos feitos durante os “giros” para seus devidos grupos. Os foliões ao receberem e folhearem as fotos “encheram” seus olhos de lágrimas e com um “nó na garganta” falavam baixinho: “este folião morreu”, “esta foto foi da última folia que o tivemos conosco”. Outros nem conseguiam falar, apenas uma lágrima que rolava explicava o sentimento que aflorava naquele momento.

Esse mesmo sentimento de perda foi vivenciado em outubro de 2010 pelos foliões do grupo Reizeiros da Bahia e por mim, seja como ser humano que perdia um amigo, seja como pesquisadora que perdia um sujeito de pesquisa, com a morte do senhor Genésio, coordenador do grupo e Presidente da Associação de Catireiros e Foliões do Estado de Goiás. A força das relações territoriais, constituídas durante os “giros”, manifestou-se no velório e sepultamento de forma intensa: com as várias coroas de flores, as rezas e os discursos proferidos no velório.

No fim do último e emocionado discurso, falado pelos amigos do senhor Genésio, frases e expressões marcaram e intensificaram os sentimentos: “tenho certeza que este nobre folião tem um lugar preparado por Deus junto dos outros foliões e ‘fulionas’ lá no céu”; “que o Genésio continue lá na direita de Deus cantando e dançando essa folia que ele tanto ama”; “o Genésio não foi, mas é um amigo que estará sempre vivo em nossos corações, nas músicas de folias baianas e em sua flautinha”. Todas estas palavras se encerram com várias “vivas ao

²⁷ A transcrição feita desta forma se justifica com a fala do mesmo Embaixador que cantou estes versos: “quando a gente canta assim é porque é nossa linguagem, se falar tudo certinho, os versos não incarreia, num introva”

Genésio!” e muitas lágrimas.²⁸

No ciclo natalino seguinte os foliões do grupo Reizeiros da Bahia foram contatados e afirmaram que a partir da morte do senhor Genésio eles não iriam continuar. Nas palavras de um folião

a **folia do Genésio só existia por causa dele**. Ele era carismático, alegre e tinha muita amizade com os foliões. Era ele quem cantava e sabia as músicas, as toadas, que colocava o carro à disposição para levar e buscar foliões, que cuidava dos uniformes, e até pagava parte dos gastos. Nós não temos condições de continuar, eu mesmo nem sei tocar as músicas todas [...] sabe, é ruim falar, mas a **folia morreu com ele** (masculino, pedreiro, 50 anos – grifo nosso).

Presenciou-se a morte de uma folia, determinada pela morte de um membro da Folia de Reis, continuidade impedida por não existir um sucessor. Para os foliões e devotos que haviam agendado visitas, pousos de almoço e de jantar, ficaram as lembranças e o pesar de não mais ouvirem aquelas músicas cantadas alegremente pelo senhor Genésio e seu grupo, e de não receberem mais a bandeira de santos reis da Folia Baiana em suas casas. Todos estes sentimentos, mesmo relacionados de alguma forma a perda, contribuem também para a formação da paisagem cultural das folias.

A continuidade da tradição das folias

Em alguns grupos de Goiânia existe o interesse de crianças e jovens pelos “giros”. A justificativa dada para tal comportamento de crianças e adolescentes da folia mirim do Jardim Aroeiras, por exemplo, é respaldada com as “normas” adotadas pelo grupo no espaço urbano:

Se nossa companhia fosse de bêbado e coisa assim, você acha que as mães dariam liberdade pra gente fazer folia de crianças? Não daria. Aqui era cheio de crianças e as mães ficavam tranqüilas, elas tinham confiança. Mas se fosse de bagunça, mãe nenhuma vai dar liberdade, vai soltar para viajar. Tem giro na folia, os pais estão tranqüilos arrumando casa (“foliona”, Companhia de Reis Aroeiras, maio de 2010).

A manifestação necessita ser “atrativa”, de acordo com alguns coordenadores de Grupos de Folias. Para eles a folia, em seus signos, tem o “poder” de encantar jovens e crianças, levá-los a ter interesse e instigá-los a participar do grupo. Com ritmo próprio, e letras, por vezes, completadas em improviso²⁹, a música³⁰ é um dos signos da Folia. Esta e os

²⁸ Fui recebida no velório não como pesquisadora, mas como amiga considerada por todos os foliões e membros da família, situação em que os sentimentos falaram tão alto quanto a razão científica.

²⁹ Nem sempre será cantada a mesma música na casa seguinte do “giro”, por exemplo.

³⁰ As músicas têm em sua letra a trajetória dos “Reis Santos” até Belém.

demais signos, tais como a bandeira e a devoção que colocam a Folia em uma esfera mítica, fazem dessa uma manifestação ora “genuína”, ora “inventada”.

Hobsbawn (1997) salienta uma distinção entre *tradição inventada* e *tradição genuína*. Na genuína, chamada também de velha tradição, os “velhos usos ainda se conservam”. Os *velhos usos* configuram-se na continuidade de antigos costumes. Enquanto estes antigos costumes existirem, “a força e a adaptabilidade das tradições genuínas não pode ser confundida com a ‘invenção de tradições’” (op. cit., p.16).

As Folias se enquadram na perspectiva de *tradição genuína* quando esta manifestação tem um significado de devoção para aqueles que dela participam. Os foliões “giram” pela fé, para pagar promessa, para “cumprir uma missão”, para pagar os “votos válidos”. As Folias de Reis constituem a continuidade de antigos costumes, que possuem duas funções na sociedade: a primeira é de “não imped[ir] as inovações” e, a segunda, é de “pode[r] mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente” (HOBSEBAWN, 1997, p.10).

Diferentemente da *tradição genuína*, a *tradição inventada* é definida como:

um conjunto de **práticas** normalmente **reguladas por regras** tácita ou abertamente aceitas; tais **práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam a inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição**, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado” (HOBSEBAWN, 1997, p.9 – grifo nosso).

Neste conjunto de práticas, a *tradição inventada* possui regras e práticas delimitadoras que implantam determinados valores a partir da repetição de seus ritos. O autor explica que “inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta” (op. cit., p.12). Desse modo, trata-se de um momento em que os velhos costumes já não são mais vistos com a mesma importância dada no passado.

As Folias de Reis tornam-se uma *tradição inventada* no momento em que os grupos adotam uniformes, desenvolvem coreografias não ligadas aos objetivos da manifestação, se apresentam para obtenção de lucro, e quando capitães de folias propõem ministrar cursos pagos para ensinar a cantar folia e para ser embaixador, como existe a proposta, ainda não efetivada, do Teatro Liberdade na Rua do Lazer em Goiânia³¹.

Ao discutir outras manifestações culturais como as festas de vaquejadas, Maia (2003) entende a *tradição genuína* de Hobsbawn (1997) como uma “transmissão de conhecimento de

³¹ Informação obtida em entrevista concedida por “Mestre de Folias”.

geração para geração através da experiência e que, apesar de sofrer modificações no decorrer do tempo, consegue manter-se viva” (op. cit., p.180). A autora considera a invenção de uma tradição “a partir do momento em que fatores externos passam a determiná-la, e a sua aprendizagem não se dá através de uma prática diária e nem é transmitida de geração para geração” (idem).

As festas de vaquejadas feitas na atualidade são consideradas pela autora como *tradições inventadas*. Ela acredita que seriam apenas consideradas *tradições genuínas* aquelas festas de vaquejadas que fizessem parte do ofício dos vaqueiros, aproximando-as dos costumes, como abordado por Hobsbawn (1997).

As folias do ciclo natalino podem ser analisadas tanto sob a ótica de uma *tradição genuína* quanto de uma *tradição inventada*. Alguns grupos, ao se constituírem associações, têm a Folia não mais como orgânica, como parte da essência do ser humano, descrita por Bakhtin (1987). Rossetto (2006) entende a *tradição inventada* como *tradições construídas* de modo formal ou **institucionalizadas**, reguladas por normas, e com natureza simbólica implicando em valores e preceitos comportamentais por meio da reprodução.

Acredita-se que algumas Folias de Reis urbanas, no caso de Goiânia, estejam em um processo transitório. Por apresentarem em sua essência a devoção e a fé, ainda são genuínas. Mas, suas características têm sofrido modificações advindas de fatores externos. As alterações estão ligadas às datas dos “giros”, das apresentações, tidas como “culturais”, feitas em eventos da cidade, na consolidação, cada vez mais rápida, desses Grupos em instituições para receberem “verba do governo”.

Não se sabe dizer o quão genuínas ou inventadas serão estas manifestações nos próximos anos. A única certeza é que as Folias, como tradição, não podem ser vistas como legado íntegro. Esta não transmite todas as peculiaridades de determinada cultura. Na verdade são eleitos alguns aspectos considerados pelo grupo como relevantes para a difusão de determinada manifestação cultural (ROSSETTO, 2006).

A tradição das Folias de Reis está ligada à repetição de seu rito, e à transmissão de sua estrutura organizacional e ritualística. A seguir, no próximo subitem, será abordada uma discussão da ordem e estrutura da Folia de Reis.

2.1.1 Folias da ordem: as Folias como festas da ordem na perspectiva da organização e da estrutura

Para cada região, estado, grupo e pessoa, a tradição da festa de Folia de Reis tem um

significado especial. Moreyra (1984, p.67) expressa a importância desta manifestação para os foliões ao dizer que a palavra Folia é “a síntese de um sistema de vida baseado na religiosidade. Acima de tudo, para estas pessoas [foliões], folia é um ato de fé”. Tal sistema de vida religiosa reflete-se nos vários símbolos existentes nas casas dos foliões e daqueles que recebem e oferecem pousos para os grupos de folias. Cada peça na casa, cada ato do folião, tudo tem um significado. Um grande número de símbolos religiosos está presente também na hierarquia organizacional destes grupos.

A participação ou o acompanhamento de um “giro” nas “companhias”³² de reis é irrestrita. Contudo, antes mesmo da “saída da bandeira”, percebe-se que esta manifestação é uma *feira da ordem*, conforme DaMatta (1984). O autor considera dois tipos diferentes de festas: as *festas da desordem* e as *festas da ordem*.

As *festas da desordem*, ou “ritos de inversão”, são festas que não seguem normas e não possuem qualquer tipo de regularidade e controle. Essas festas não levam em consideração as diferenças, e seu princípio único é o de juntar e até mesmo igualar seus participantes. Nesta modalidade não há uma contenção verbal ou corporal. O autor destaca o carnaval, como um ritual “orgiástico”, como sendo uma festa da desordem.

Já a *feira da ordem*, ou “ritos de reforço”, tem sua ênfase colocada “na ordem, na regularidade, na repetição, na marcha ordeira, no cântico cadenciado, no controle do corpo que [...] remete à idéia de sacrifício e disciplina” (DAMATTA, 1984, p.85). Estas possuem no seu “rito” um *centro*, como acontece nos batizados, casamentos, formaturas, festas religiosas etc.

Essa modalidade busca, também, manter as diferenças. Tais diferenças para esta investigação estão ligadas à identidade individual e coletiva. Nas festas de folias, os grupos guardam/mantêm suas peculiaridades, ritmos, letras de músicas e o uso da “farda”³³ pelos “palhaços”.

O rito da *feira da ordem* é marcado pela disciplina, devoção e por normas próprias, preceitos que estão intensamente presentes nos grupos de Folias de Reis. Pela observação feita durante os “giros”, as normas se divergem em dois tipos: as regulamentadoras e as míticas ou espirituais.

As primeiras consistem naquelas ligadas à integridade dos foliões, individual ou

³² Muitos grupos se denominam como companhia de reis, ou apenas companhias.

³³ Roupas e uniformes dos participantes dos grupos de folias.

coletivamente, perante à sociedade. São responsabilidades dos coordenadores dos grupos como: proibir o uso da bebida, o uso de roupas curtas, decotadas, ou os excessos nas brincadeiras.

Já as normas míticas referem-se aos “mitos” existentes ao longo do ritual nos “giros”. Dentre estes estão as regras, vistas por muitos como supersticiosas, de não cruzar o caminho da bandeira, de não passar à frente da bandeira durante a procissão e não passar os instrumentos debaixo de arames nas cercas. Caso os “mitos” não sejam cumpridos, os grupos acreditam que foliões morrerão ou a folia não chegará ao seu destino.

Nas normas míticas existe uma carga simbólica. Em alguns casos, as normas regulamentadoras podem, ao mesmo tempo, ser míticas, como, por exemplo, não passar na frente da bandeira. A norma garante a ordem do grupo e o respeito pela bandeira dos “Santos Reis”. Este conjunto de significados faz parte das relações territoriais produzidas pelos foliões.

As normas regulamentadoras apresentadas pelos grupos de folias são definidas de duas formas: em conjunto pelos foliões, de forma democrática, ou imposta por seu coordenador em forma de “orientações” e seguida por todos os foliões, numa decisão unilateral. Nestas “orientações” o coordenador/responsável pela folia faz uma reflexão sobre o verdadeiro objetivo desta, em sua contextualização bíblica, o sentido religioso, de fé e da devoção.

Além disso, os coordenadores ponderam sobre o respeito com as casas dos devotos e entre os foliões; a intolerância ao uso de bebidas alcoólicas pelos foliões, em quase todas as folias, se faz presente. Outro aspecto abordado nestas orientações é o cuidado com o uniforme. O Capitão do Grupo de Folias Aroeiras, antes da cerimônia de entrega da folia, faz uma “toada”, e orienta:

Eu não quero ver discussão, não quero ver briga, eu quero que todo mundo respeite todo mundo, eu não vou ficar lá olhando quem está fazendo gracinha porque todo mundo já sabe o que tem que fazer aqui. Outra coisa, na hora que terminar eu quero receber de volta as camisas e as toalhas também [...] a gente vai ter que pegar elas, guardar, lavar, arrumar e deixar prontinha. Porque quando tiver uma apresentação ou uma folia [...] todo mundo estará uniformizado, [...] vocês tem que cuidar do que é nosso, e não é do que é meu! [...] O maior problema que tivemos até hoje é o esquecimento [...] esquece uniforme, esquece instrumento. [...] Outra coisa, está com calor, mas fica com a toalha no pescoço [...] (Miguel Prudêncio, entrega da folia, 06 de janeiro de 2010).

Nas instruções transmitidas pelos coordenadores aos grupos existe a preocupação de manter íntegra a imagem da Companhia diante da sociedade. As normas regulamentadoras contribuem para a consolidação de uma relação harmônica entre os foliões e destes com os devotos e visitantes.

As *festas da ordem* estão, sempre, sob algum tipo de autoridade. Nas folias as decisões de saída e de entrada de novos membros, ou de recepção de membros que outrora saíram do grupo e que desejam retornar, podem ser tomadas pelo coordenador, ou ser socializada com todo o grupo³⁴. Contudo, a autoridade divina (Deus, os “Três Reis Santos” e demais santos de devoção dos foliões) sobrepõe a autoridade humana.

As lideranças terrenas destes grupos (mestres, capitães e embaixadores de folias) são dadas, abençoadas e ungidadas por um ser divino, por Deus. Os Mestres de Folia, em sua maioria, afirmam que Deus e os “Três Reis Santos” lhes ensinaram a “toada e letra das cantorias”.

O respeito à autoridade divina é continuamente presente durante os “giros”³⁵, tanto no rito quanto na constituição das lideranças. Assim, para melhor compreensão das Folias de Reis como manifestação do patrimônio cultural imaterial, uma explicação de quem é quem dentro do grupo de folias será detalhada. O que é o “giro” de folias, sua estrutura, além das regras e normas que esta festa da ordem possui.

A Folia de Reis, como *festa da ordem*, possui uma distribuição de funções hierárquicas entre os seus participantes. Em várias reportagens da mídia jornalística impressa de Goiânia os participantes dos grupos de folias são apresentados, em sua constituição hierárquica, como “figurantes”. São eles: Gerente, Capitão, Embaixador, Palhaço, Alferes e demais Foliões. Estas funções são apresentadas a título de esclarecimento para a continuidade das leituras sobre o “giro”. Estes “figurantes” são os principais sujeitos desta pesquisa e sua relação com a espacialidade.

Nas Folias, o Capitão e o Gerente comandam e organizam o grupo. São eles os principais membros, responsáveis por definir o trajeto do “giro”, compra ou manutenção de instrumentos e agendamento dos “pousos” de almoço e de janta. Em alguns grupos, o Capitão e/ou Gerente são intitulados “Mestre da Folia”. Os Embaixadores têm o papel de conduzir, com cantoria, a bandeira até seu destino: a “casa da recolhida”.

O Embaixador é a “primeira voz da folia” e tem como papel “tirar” os versos da

³⁴ Situação de um casal, que anteriormente vestia a “farda/roupa de Palhaço” dentro da folia. Diante de uma discussão eles saíram do grupo e após alguns anos eles manifestaram o desejo de retornar durante o “giro”. O casal pediu perdão por ter abandonado a folia, no entanto, o coordenador do grupo deixou claro que este casal era novamente aceito no grupo, mas que os “Três Reis” não os autorizava a retornar ao posto de Palhaços enquanto eles não pedissem perdão para aqueles que tinham sido magoados na ocasião de saída do grupo. Nesta situação o coordenador do grupo demonstra que a liderança humana é subordinada a liderança espiritual.

³⁵ Em casas cujos donos possuem várias imagens de santos (em altares, parede, ou em qualquer outro móvel) há uma preocupação na cantoria em “saudar todos os santos que ali aqui estão”, quando não se saúda um por um. Esse é o respeito pela divindade que cada um representa.

cantoria, acompanhada pelas demais vozes. Ele conhece os versos, os “segredos da folia”, que são as regras, os mitos e toda a trova cantada de improviso. O conhecimento desse “personagem” é recebido/transmitido por meio da oralidade, na maioria das vezes. Contudo, há àqueles que admitem buscar informações sobre a “profecia”, do nascimento de Jesus Cristo e sobre a visita dos “Reis Santos”, em literaturas não bíblicas. Esta mesma situação é descrita por Nogueira (et. al., 1985, p.184) ao relatar que “alguns mestres costumam valer-se de obras literárias relacionadas com as figuras sagradas: **O mártir do Gólgota [...]; As Parábolas de Cristo [...]** e outras” para se inspirar na formação das músicas.

A obra “O mártir do Gólgota” de Henrique Perez Escrich³⁶, foi citada por três mestres e embaixadores de folias de Goiânia durante as entrevistas. Para um folião o livro representa um elo entre as lembranças festivas do passado rural e a devoção aos “Santos Reis” no presente. Como desabafa esse embaixador:

Quando eu era pequeno, eu lembro até hoje, meu pai tinha um livro chamado “Mártir Gólgota”. Era um livro grosso assim, e meu pai me contava as histórias que tinha naquele livro lá na varanda, sentado no alpendre. Ele dizia a história dos reis, que tinha sido bonita a viagem deles. Meu pai aprendeu com o pai dele, e ganhou esse livro do meu avô. Ele me ensinou tudo o que sei pra cantar o reis tirado de lá, da Bíblia e das histórias dos antigos que nem escritas estão, sabe. Hoje não tenho mais o livro, eu emprestei para um menino que ensinei a embaixar e nunca mais me entregou de volta. Fui na loja pra comprar um outro, mas é caro. (Embaixador de Folias, masculino, 64 anos)

O livro de Escrich trata de um romance que descreve e detalha a união matrimonial dos pais de Jesus Cristo e relata todo o martírio que este viveu na terra. Para os sábios da folia, essa citação do Embaixador, está entre os “trechos” mais significativos da obra o detalhamento da viagem dos “Reis Santos”, como se apresenta adiante:

Gaspar, o venerável ancião, não afastava os olhos do céu, onde uma estrêla, que os raios do sol não podiam ofuscar, brilhava com estranho fulgor. Astro misterioso, nuncio divino que, olvidando as invariáveis leis que regem os globos, ora se suspende nos caprichosos flocos de uma nuvem nacarada, ora lança os seus luminosos reflexos pelo límpido horizonte, que se entende ao longe como um imenso pedaço de gaze. Com marcha irregular dirige-se para o Ocidente. Os reis caminham após ela atraídos por misteriosa força.

- Sim, não me engano, Belchior, disse Gaspar estendendo o braço em direção à formosa estrêla que, como um pequeno sol, caminhava sempre diante dos três reis, como se quisesse indicar-lhes o caminho que deviam seguir. Não há nenhum astro no globo celeste que marque aquele rumo; aquela estrêla é completamente desconhecida dos astrólogos caldeus.

- Sigamos a sua bela luz, exclamou Belchior com júbilo. Ela é a minha esperança, nobre ancião.

- Não a percamos de vista e ela marcará o termo da nossa peregrinação, disse por

³⁶ Escritor popular espanhol, nasceu em 1829, Valência, e faleceu em 1897, Madrid. O autor, romancista e dramaturgo tem entre suas obras estão O Mártir do Gólgota; O juramento sagrado; O cura da aldeia; História de um beijo; O martírio de uma esposa; e Os que riem e os que choram.

sua vez Baltazar.

- Assevero-vos, volveu Gaspar, que esta é a estrêla de Jacó, anunciada pelo profeta Balaão. Valor, amigos, ela será para nós como a coluna luminosa que guiou os israelitas às desertas plagas do mar Vermelho.

E os reis magos seguiram com a fé no coração e os olhos no céu a caprichosa marcha do seu guia radiante. (ESCRICH, 1959, p.36)

Os Embaixadores de folias encontram, nessas obras e nos depoimentos orais de devotos, a inspiração para cantorias de adoração ao presépio e cantorias de desafios em encontros de bandeiras. Estes últimos são relatados por Brandão (2004) ao apresentar as situações evitadas pelos grupos de Folias de Reis de Mossâmedes durante o “giro”. O autor “frisa” a importância do Embaixador no encontro de duas bandeiras de folias diferentes: “Os embaixadores desafiavam-se cantando de improviso” (op. cit, p.352). O “vencedor” do desafio ficava com a bandeira da folia “perdedora”, o que significava o fim do “giro” e até mesmo o fim daquele grupo. Em muitos grupos menores de folias, as figuras do Embaixador, do Capitão e do Gerente comumente se fundem em apenas uma.

Durante o percurso do “giro”, o Embaixador tem o auxílio dos Palhaços para proteger a “Bandeira dos Três Reis Santos”. Este “personagem” é o único componente do grupo autorizado a passar em frente à bandeira, conforme já foi mencionado. A representação do “Palhaço” tem diferentes significados. Ora ele é considerado como “guardião” da bandeira, ora ele “é tido como representante do rei Herodes, considerado [como] ‘traidor de Cristo’, ou de seus soldados perseguidores do Menino-Deus”, como apresenta Nogueira (et. al., 1985, p.161). E Cassiano (1998), ao estudar as Folias de Campinas, São Paulo, explica que o “bastião mascarado”

representa os soldados de Herodes que foram enviados para seguir os três Reis Magos e se converteram. Então passaram a usar as máscaras para não serem reconhecidos e também para divertir o povo e atrair a atenção dos outros soldados, facilitando assim a fuga da Família Santa para o Egito (op. cit., 1998, p.72).

Nos grupos de folias pertencentes a esta investigação, a representação mais intensa é a do “Palhaço”, com o papel de auxiliar o embaixador a manter a ordem do grupo durante o “giro” e de, principalmente, proteger a bandeira e os foliões de “ataques” físicos, como de crianças e de animais domésticos.

Este é o único personagem que usa máscara e roupas diferenciadas. “A roupa ou farda é comum aos palhaços: um macacão em cores vivas, coberto de retalhos ou tiras de pano ou papel celofane de diversas cores” (CASSIANO, 1998, p.72). Os Palhaços das folias de

Goiânia usam sempre roupas coloridas, normalmente feitas de chitão, uma “capanga”³⁷ atravessada no pescoço”, um chicote³⁸, e/ou um facão de madeira na cintura. O “Palhaço” tem autonomia em suas ações e não obedece aos Embaixadores. As explicações para essa autonomia dentro dos Grupos são contraditórias entre inúmeros autores e mestres de folias. Contudo, este “personagem” é conhecedor de todo o rito e das regras da folia.

De acordo com a localidade, ou com o grupo de folias, o “Palhaço” pode ter diferentes nomes: “Palhaço, Boneco, Bastião, Ibraim, Pai João, Pai Francisco, Marombo, Guarda-Mor, Guardião, Marungo, Leonora, Bastiana, Catirina” (ORTENCIO, 2010 s/p). Nos grupos de Goiânia estudados seus nomes são: “Teimoso”, “Teimosa”, “Pastorinho”, “Chimbinha”, “Joelma”, “Vigia”, “Boneco”, “Bastião”, “Bastiana” e muitos outros. Em alguns casos os Palhaços se identificam ao escrever seus “nomes” nas máscaras.

As máscaras dos Palhaços, na tradição rural, eram feitas de couro de animais³⁹. Na atualidade, com a diversidade de materiais que a cidade oferece, elas passaram a ser feitas de couro, papelão, tecidos de algodão, malhas, E.V.A⁴⁰ e outros emborrachados em geral. Além dos inúmeros materiais utilizados, as máscaras recebem variados apetrechos, como sobancelhas, bigodes e longos cabelos artificiais. Brincos, pinturas que simulam maquiagens e cortes precisos deixam esse personagem mais ou menos simpático, com grandes dentes e/ou sorrisos. A infinidade de materiais utilizados dá liberdade à criatividade dos confeccionadores dessas máscaras, que usam CDs para fazer orelhas, bolas natalinas e “festão de natal” para as coroas, ou chapéus para o enfeite de suas cabeças (Figura 35 e 36). Atualmente, existem profissionais de tapeçaria que fabricam máscaras para grupos de folias sob encomenda, como afirmaram os palhaços do grupo de folia Chácara São Joaquim.

A curiosidade de saber quem está debaixo da máscara do “Palhaço” é inevitável. As crianças sempre perguntam “quem você é?”. Porém, uma das maiores regras impostas ao “Palhaço” é nunca mostrar seu rosto. Os motivos desta postura são variados: “nós fazemos muita arte na rua, se tiramos a máscara as pessoas vão vingar de nós depois do que fizemos no giro”⁴¹; “quando o rei Herodes mandou os espias⁴² para acharem o menino, sabe Jesus?. Os

³⁷ Bolsa com alça usada tanto para levar balas e pirulitos para as crianças, quanto para guardar as ofertas e presentes ganhados durante o “giro”.

³⁸ O uso do chicote era comum nas Folias Rurais, com a função de espantar crianças e cães, que ousassem perturbar os foliões ou atacar a bandeira. Contudo, alguns grupos urbanos aboliram seu uso devido julgarem esse instrumento perigoso.

³⁹ Nogueira (et. al., 1985, p.161) cita que o couro utilizado para as mascaras dos palhaços de folias fluminenses vinham de animais como “coelhos, quatis, gambás, jaguatiricas, preguiças, cabritos [e] bois”.

⁴⁰ Etil Vinil Acetato é um emborrachado de uso variado, tanto no artesanato profissional, quanto no doméstico.

⁴¹ “Palhaço” do Grupo de Folia de Reis Os Três Reis Seguindo Viagem

⁴² Na história bíblica, os espias são os soldados que o Rei Herodes enviou para seguir os reis magos. A função deles era de espíões, para identificar onde estava o Menino Jesus, para levarem tal informação ao Rei. Contudo,

espias se converteram, daí eles se fantasiaram para que o rei não os achasse para matar. Pois eles tinham traído ele. Aí da mesma forma somos nós, temos que seguir o que a história fala, né?”⁴³; “A farda é algo sério, nós temos poder de muita coisa dentro da folia, mas nós temos que levar a sério a história. Nós, os pastorinhos, éramos os espões do Rei, daí não voltamos para contar para ele onde Jesus estava, por isso que usamos a farda, para que o Rei não nos encontre”⁴⁴.



Figura 35 – “Palhaço” do Grupo de Folia de Reis Estrela do Oriente com máscara de Couro – Goiânia, Goiás.
Foram usados pedaços de Cds para fazer as orelhas e enfeites de natal para a coroa.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 25/12/2009



Figura 36 – “Palhaços” “Teimoso” e “Teimosa” do Grupo de Folia de Reis Os Três Reis Seguindo Viagem – Goiânia, Goiás.
Os personagens usam máscaras e cabelo artificial.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 02/01/2010

As explicações dadas por esses personagens mostram que a interpretação da história contada nos relatos bíblicos é variada. O mesmo ocorre com as histórias existentes sobre a origem das Folias de Reis. Moreyra (1984) apresenta narrações de Embaixadores de Folias. Cada um “conta” uma história “melhor elaborada que a outra”, mas todas possuem o pleno fundamento do mito de origem na viagem dos “Reis Magos” para visitar o “Messias”. Neste contexto, Cassiano (1998, p.62) explica que “o mito de origem das Folias, que legitima o ritual, é reconhecido pelos foliões como *lenda que o povo inventa, nosso folclore, nosso costume*, mas não é considerado uma história falsa”, trata-se de uma história transmitida pelos

de acordo com a história oral, estes espias do Rei quando viram a criança se converteram e não voltaram para cumprir o que lhes teria ordenado o Rei. Temerosos de serem encontrados estes soldados teriam se “fantasiado” para que não fossem reconhecidos pelos outros soldados enviados posteriormente.

⁴³ “Palhaço” da Companhia de Reis Aroeiras

⁴⁴ “Palhaço” de Grupo de Folia de Reis de Uruana

foliões e devotos por meio da oralidade.

Os relatos e histórias contadas pelos foliões dos grupos de Goiânia não são muito diferentes daquelas contadas por Moreyra (1984). Todas têm seu fundamento nas narrativas bíblicas, mas cada uma possui um aspecto mítico ou explicação para coisas desconhecidas. Tanto as histórias conectadas à origem das folias, quanto a função do “Palhaço”, fazem parte de uma cultura simbólico-imaterial que são transmitidas de geração para geração.

A transmissão do conhecimento adquirido pelos Palhaços ocorre de maneira diferente em cada grupo de folia de Goiânia. Em alguns casos, os pais que vestem a “farda” de “Palhaço” passam a orientação aos filhos, desde pequenos, de como proceder. Estes não têm o mesmo compromisso de seus tutores, mas são instruídos por meio de uma educação informal até obterem o conhecimento necessário para seguirem sozinhos.

O “Palhaço” foi visto por um longo período como uma “criatura” que assustava crianças. No entanto, essa posição é diferente em alguns grupos da cidade de Goiânia. O “Palhaço”, além de proteger a bandeira, segue saltitando, fazendo graça, alegrando e descontraindo o grupo em alguns momentos do “giro”⁴⁵. Esse personagem possui uma comunicação direta com o Alferes, sempre o orientando para que este siga as “regras”, como a de não cruzar o caminho da bandeira.

O Alferes ou bandeireiro⁴⁶ tem como encargo carregar a bandeira dos “Santos Reis” (Figura 37 e 38). Nogueira (et. al., 1985, p.104) explica que “esta função, considerada de grande responsabilidade, é exercida, quase sempre, em pagamento de promessa”. Contudo, há casos, como identificados durante os “giros” que, mesmo após “paga” a promessa, o folião ou a “foliona” continua o ofício de carregar a bandeira por devoção. A bandeira portada pelo bandeireiro, nos grupos religiosos de modo geral, “segue com os integrantes e é entendida como elemento de” **identificação** do santo de devoção do grupo, de **organização**, associada às regras regulamentadoras que resguardam e garantem a ordem do grupo, da **socialização** dos foliões e devotos, afirma a **devoção** e tem o importante papel de **proteger** seus seguidores (op. cit., p.31). Esse assunto é melhor abordado no Capítulo 4.

Outra responsabilidade do bandeireiro é receber e guardar as ofertas, ou “esmolas”, durante o “giro”. Destaca-se que as ofertas e prendas, tanto em dinheiro quanto em alimento, dadas aos Palhaços não são repassadas para o grupo de folias.

⁴⁵ Dos nove grupos de folias acompanhados durante o ciclo natalino 2009/2010, apenas o grupo de folia baiana Reizeiros da Bahia não possuía Palhaço.

⁴⁶ A expressão bandeireiro é apresentada por Nogueira (et. al., 1985, p.33), como uma expressão das folias fluminenses, para definir aquele “folião ou participante de grupo religioso que tem o encargo de levar a bandeira”.



Figura 37 – Alferes da Bandeira da Companhia de Reis Chácara São Joaquim.

A tradicional entrada do Grupo a Igreja de Santos Reis faz parte do rito de saída da folia. – Trindade, Goiás.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 03/01/2010



Figura 38 – Alferes da Bandeira do Grupo de Folia de Reis Capitão Olídio.

Cantoria realizada na entrada do arco da Festa da “recolhida” no Setor Universitário – Goiânia, Goiás.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 09/01/2010

Somente o que é entregue nas mãos do alferes ou preso à bandeira é contabilizado no caixa dos grupos para a compra e manutenção de instrumentos e para a realização da “festa da recolhida”. De acordo com alguns Capitães de folia, o fato de a oferta dada aos Palhaços permanecer com eles os tornam mais animados e melhoram as trovas cantadas nas casas dos devotos, foliões e festeiros (Figuras 39 e 40).



Figura 39 – Palhaço de Folia ganha oferta de menina durante Encontro de Foliás de Goiânia, Goiás.

Foto: Giselle Lima de Brito – Data: 24/01/2010



Figura 40 – Brincadeiras dos Palhaços do Grupo: Os Três Reis Seguem Viagem – Goiânia, Goiás.

Com o objetivo de agradecer pela oferta, Palhaços dançam o “lundu” e divertem os devotos, foliões e convidados.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 01/02/2010

Os demais “protagonistas” dos “giros” são os Foliões e o Festeiro. Os primeiros se dividem entre tocadores, cantores e acompanhantes da folia. O segundo é escolhido e coroado “na recolhida” do “giro” do ano anterior. Nos grupos goianienses, normalmente, é feita a

coroação de um casal que se responsabiliza em cuidar das necessidades do grupo durante todo o “giro” e de realizar a “festa da recolhida”, “da entrega”, quando será feita a coroação de um novo festeiro para o ano seguinte. Tanto os foliões quanto o festeiro obedecem a normas e à hierarquia.

2.1.2 A Hierarquia e as Normas dos Grupos de Folias

Os grupos de Folias possuem uma hierarquia respeitosa seguida por todos os membros. Essa hierarquia é visível durante o “giro”. Vêm à frente os Palhaços, seguidos do Alferes. Na ordem está o Embaixador, os instrumentistas intercalados pela 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª voz. A 5ª voz em especial é denominada também como requinta. De acordo com Nogueira (1985, p.202) este é o nome “dado à voz masculina que canta um falsete as toadas de folia de reis”. Nos grupos de Goiânia a posição de requinta tem sido assumida tanto por homens quanto por mulheres. Ao fim da “formação” estão o caixeiro e os devotos/acompanhantes do grupo (Figura 41).

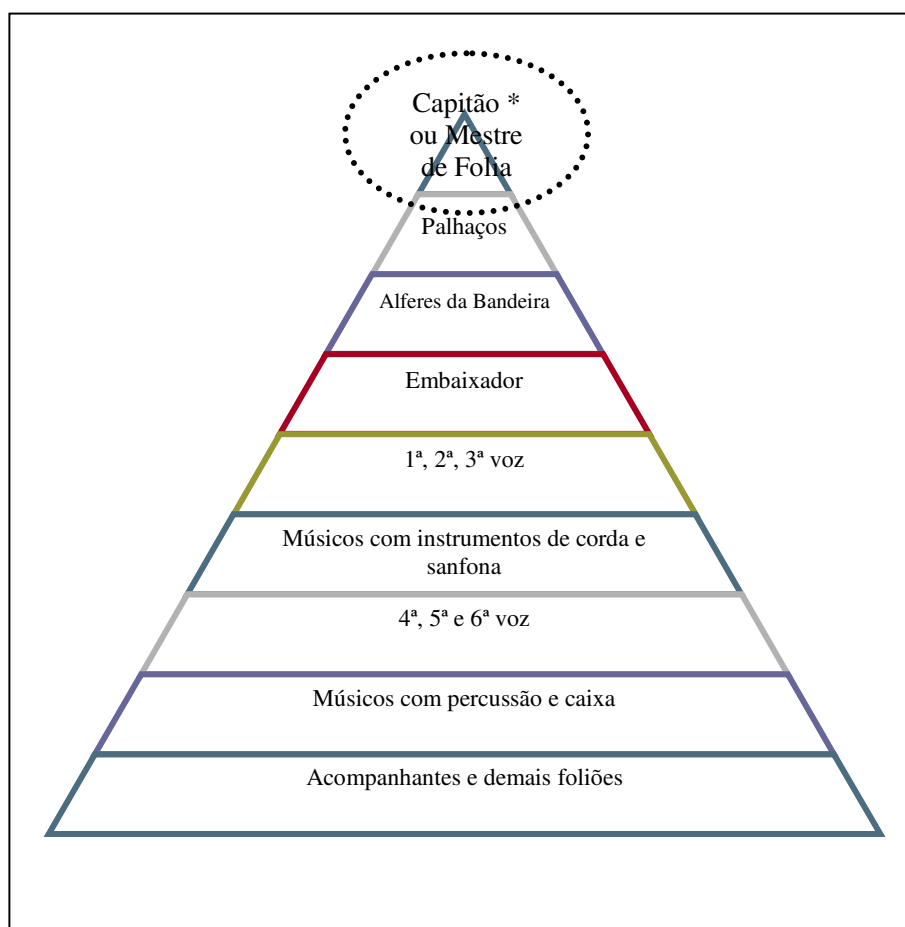


Figura 41 – Hierarquia da folia durante o percurso do “giro”.

Fonte: Informações obtidas por meio de roteiro de observação realizado nos “giros” de Folia de Reis de Goiânia no período de dezembro de 2009 a janeiro de 2010.

Organização: Rosiane Dias Mota

Quando se trata de folia, é essencial compreender que o grupo possui uma rígida hierarquia, e essa é marca fundamental do território produzido por esta manifestação do catolicismo popular. Contudo, tais relações de poder são vistas apenas pelos pesquisadores. O que existe de fato nestes grupos é uma relação hierárquica vista como um “poder organizacional”. Os foliões possuem uma sensibilidade daquela hierarquia como uma divisão do trabalho. Da mesma forma que os cantores e instrumentistas passam o dia cantando de casa em casa, parte das mulheres são cozinheiras e passam o dia preparando os almoços e jantas para o grupo nas casas que oferecem os “pousos”⁴⁷.

Ao refletir sobre a divisão do trabalho têm-se as funções em um mesmo nível e com a mesma importância para o grupo de modo geral (Figura 42).



Figura 42 – Distribuição de atividades e forma de participação dos Foliões dentro do Grupo de Folia de Reis

Fonte: Diagrama desenvolvido a partir dos “giros” de Foliás de Reis em Goiânia - 2009/2010. Organização: Rosiane Dias Mota

⁴⁷ Há situações em que os donos das “casas dos pousos” fazem as refeições sem a ajuda destas cozinheiras. Mas em muitos casos, estes devotos que receberão a folia pedem auxílio para elas, tanto como mão de obra voluntária, quanto na definição do cardápio e da quantidade de comida a ser feita.

* Durante o percurso, o Capitão é o coordenador da folia e responsável em resolver os problemas administrativos. Por vezes nomeado, também, mestre de folia. Ele não fica à frente do grupo, apenas quando é mestre. Em alguns grupos a função de Capitão se mistura a de Gerente e até mesmo a de Embaixador da folia, o que o faz acumular várias funções e responsabilidades.

A divisão do trabalho se faz presente desde a saída da bandeira até a coroação do novo festeiro. Facilmente se ouve durante os “giros”: “somos uma irmandade”. É na relação de compadrio e de solidariedade que os foliões tem sua fé renovada e encontram forças e disposição para o próximo “giro”.

No estado de Goiás, a tradição dos grupos de folias está ligada tanto a essa ordem e hierarquia, quanto ao processo de ocupação do Estado, que remonta ao período da mineração, no século XVIII, e às migrações advindas de todo o país, assunto do próximo subitem.

2.2. O Estado de Goiás e o processo de ocupação e de diversidade cultural

O Estado de Goiás é rico em manifestações culturais. Os calendários festivos são diversificados e se distribuem em eventos religiosos, cívicos e culturais. Acredita-se que a explicação para a grande quantidade e variedade de manifestações culturais no Estado esteja em sua forma de ocupação e formação socioespacial. A reflexão sobre a temática, aqui, é fundamentada em Bertran (1988), Palacín & Moraes (1994), Arrais (2006), entre outros.

O estado de Goiás, desde o início das Entradas, foi percorrido pelas denominadas Bandeiras. Mas foi o período aurífero que constituiu significativa importância na formação e ocupação do Estado. De acordo com Palacín & Moraes (1994), a busca por ouro com a abertura de minas foi um dos principais fatores para a formação dos núcleos populacionais no território goiano. Tanto que, de acordo com Almeida (2009, p.87), “mais de dois terços das atuais cidades goianas e tocantinenses nasceram de núcleos mineiros, de atividades agropastoris como fazendas, de colonização, de dons patrimoniais e paroquiais, de loteamentos rurais etc”. Com a “corrida do ouro”, mineradores chegavam sozinhos ou acompanhados de suas famílias acreditando na possibilidade de enriquecimento e mudança de vida.

No século XVIII, surgiram os primeiros núcleos de urbanização no Estado (RAMOS, 1998). O intenso crescimento de arraiais no período minerador teve como força de trabalho a mão de obra escrava. Arraiais como o de Sant’Ana (atual Cidade de Goiás) e Meia Ponte (Pirenópolis) proporcionaram uma ocupação rápida e numerosa, porém instável e condicionada à existência de ouro no local. Tais ocupações tinham como característica “certo distanciamento entre si” (BARBOSA, 2007, p.49). A distância entre os núcleos era superada com o auxílio de transportes de tração animal.

A decadência da mineração provocou uma redução significativa da população, “não se importavam mais escravos para suprir as mortes, muitos brancos e livres emigraram para

outros territórios [...]” (PALACIN & MORAES, 1994, p.29). O declínio do minério no território goiano ocasionou um grande esvaziamento populacional e o desaparecimento de algumas cidades (ALMEIDA, 2009). Em meio ao declínio da atividade mineradora ocorreu o aparecimento de idéias “modernizantes” que “criaram uma nova configuração socioeconômica para Goiás”, conforme explica Rodrigues (2001, p.38). Segundo a autora, tais idéias compunham o “plano de ação republicano” e a formação e consolidação de projetos desenvolvimentistas. Entre estes projetos estaria, posteriormente, o de transferência da capital do Estado.

Para Bertran (1988), mesmo com o declínio da atividade mineradora no Estado, inúmeras famílias se mantiveram no território goiano. E, a partir de 1804, começou novamente “uma tendência ascensional da população; parte pelo crescimento vegetativo e parte pela migração pequena, mas constante, dos que vinham dedicar-se à criação de gado nos grandes espaços vazios de Goiás” (PALACÍN & MORAES, 1994, p.29). A dinâmica de ocupação territorial voltou-se, então, para o meio rural, como alternativa de subsistência, e pequenos agrupamentos, que posteriormente se tornaram vilarejos e cidades.

As cidades goianas, nascidas de arraiais, “geralmente começavam com uma ou outra casa ou casebre, uma pequena praça, uma tímida igreja” (CHAUL & DUARTE, 2004, p.7). Nestes agrupamentos urbanos de vida simples, as festas tinham seu papel de destaque. As maiores movimentações destes agrupamentos se davam no período das festividades (REIS FILHO, 1968). Tanto as festas de características religiosas quanto as demais eram feitas com a iniciativa da igreja ou de famílias migrantes que se mudaram para o Estado em diferentes épocas e com diferentes motivações centradas na busca de novas oportunidades.

O território goiano foi considerado por um longo período um “eldorado de oportunidades”. Famílias buscam nova vida nestas terras desde o período da mineração, mesmo apresentando o Estado “papel secundário na economia do país” (RAMOS, 1998, p.43). Este panorama foi alterado com a mudança da Capital e com a instalação das linhas férreas, que integrou partes do Estado com o restante do país e possibilitou relações de troca comerciais e culturais.

A “mudança” da capital da Cidade de Goiás gerou várias modificações no estado e despertou a atenção de migrantes de todo o país. Em meio à Revolução de 30, essa transferência teve como principais motivadores: a localização e clima desfavoráveis, e, principalmente, interesses políticos.

A cultura goiana é constituída da tradição e de identidades de famílias migrantes que participaram da ocupação e formação socioespacial do Estado desde a “corrida aurífera” até

os dias atuais. De acordo com Arrais (2006), o fato de o território goiano, recentemente, possuir duas capitais – Goiânia e Brasília – estimulou a migração. No ano 2000, os migrantes no estado já representavam mais de “25% da população residente em Goiás [...], predominante de Minas Gerais, depois Bahia, seguidos de Brasília, Maranhão e São Paulo” (op. cit., p.75-77)⁴⁸.

Ao observar a distribuição dos imigrantes no Estado, o autor destaca que “o maior número de nordestinos se encontra na microrregião do Entorno de Brasília; de tocantineses e maranhenses na microrregião de Goiânia e na mesorregião Norte; de mineiros em todo o Estado, especialmente no Sul, assim como os paulistas” (ARRAIS, 2006, p.77). Com essa situação, o autor afirma “que não seria exagero dizer que Goiás é fruto da migração” (op. cit., p.79).

Os migrantes trouxeram seus costumes, sua cultura e suas manifestações culturais, que foram adaptadas a um “novo” contexto, o goiano. As Folias de Reis estão entre as manifestações diretamente ligadas ao processo de ocupação e formação socioespacial do Estado e à abertura de suas principais vias.

As Folias de Reis estão presentes em praticamente todas as microrregiões⁴⁹ do Estado de Goiás (Figuras 43a e 43b), mas possuem maior concentração em Goiânia e em sua Região Metropolitana. Acredita-se que tal centralização se deu com o intenso processo de migração tanto de moradores do interior de Goiás quanto de outros estados ao longo dos anos e principalmente durante a construção de Goiânia.

Cabe ressaltar que o êxodo rural “não ocorreu pela atração de consumo exercida pela cidade no imaginário popular ou porque, por algum motivo particular, famílias de pequenos produtores resolveram mudar para a cidade.”; a justificativa está nas “[...] condições impostas pelo modelo de modernização associado ao latifúndio” (ARRAIS, 2006, p.80). E, independente do motivo que levou as famílias a se mudarem para o meio urbano, as manifestações culturais de origem rural tiveram continuidade no urbano.

⁴⁸ A partir da década de 1990, o estabelecimento de grandes agroindústrias, como em Rio Verde, estimulou a migração para o estado, segundo o autor.

⁴⁹ De acordo com a Sepin/Seplan as dezoito microrregiões do estado de Goiás são 1 - São Miguel do Araguaia; 2 - Rio Vermelho; 3 - Aragarças; 4 - Porangatu; 5 - Chapada dos Veadeiros; 6 - Ceres; 7 - Anápolis; 8 - Iporá; 9 - Anicuns; 10 - Goiânia; 11 - Vão do Paranã; 12 - Entorno de Brasília; 13 - Sudoeste de Goiás; 14 - Vale do Rio dos Bois; 15 - Meia Ponte; 16 - Pires do Rio; 17 - Catalão 18 - Quirinópolis.

Espacialização dos Grupos de Folias de Reis no Estado de Goiás - 2010

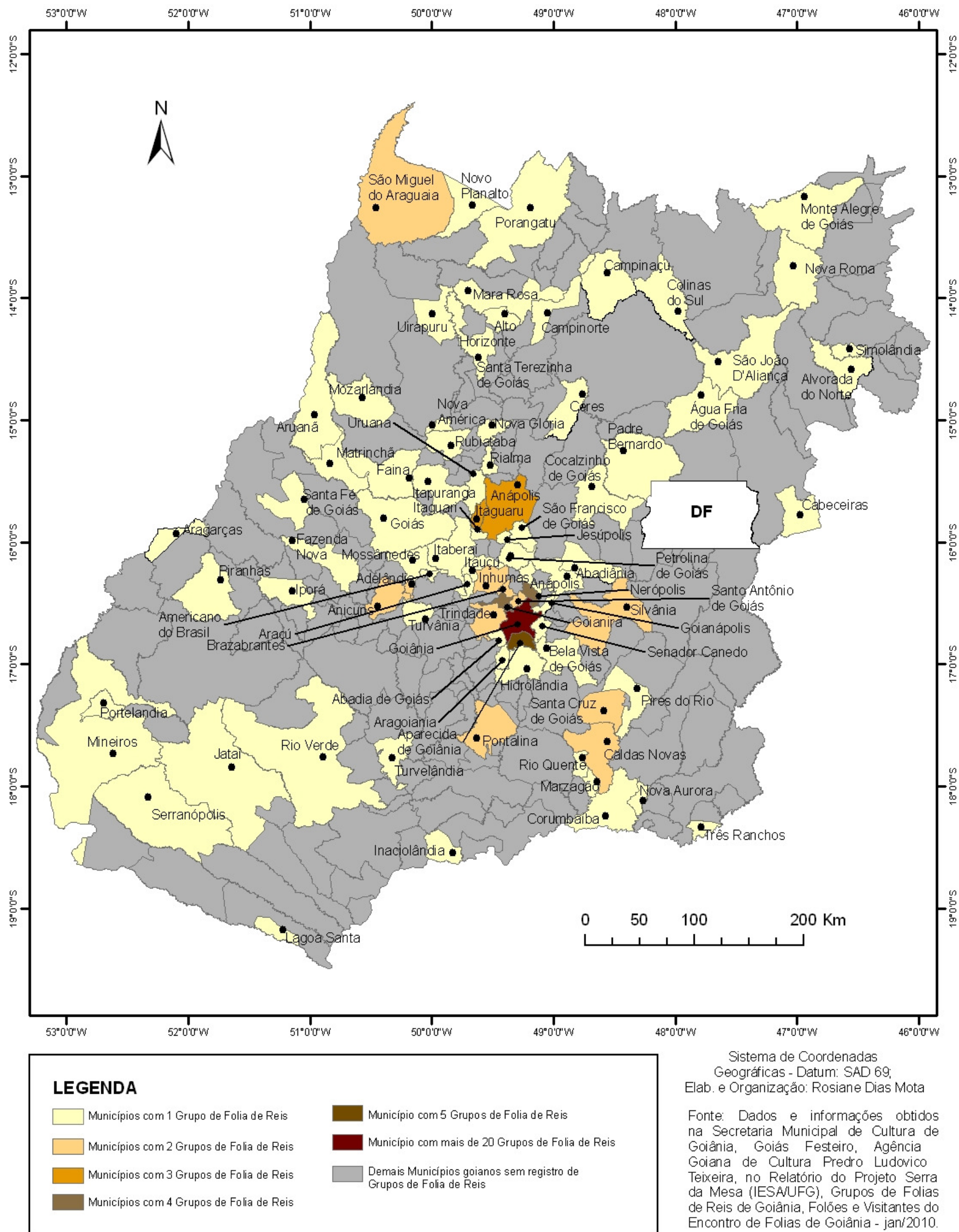


Figura 43a – Mapa Espacialização Grupos de Folias no Estado de Goiás – 2010

Fonte: Dados e informações obtidos na Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia, Goiás Festeiro, Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, no Relatório do Projeto Serra da Mesa (IESA/UFG), Grupos de Folias de Goiânia, Folhões e Visitantes do Encontro de Folias de Goiânia – jan/2010.

Incidência de festas, grupos e "giros" de Folias de Reis no Estado de Goiás - 2010

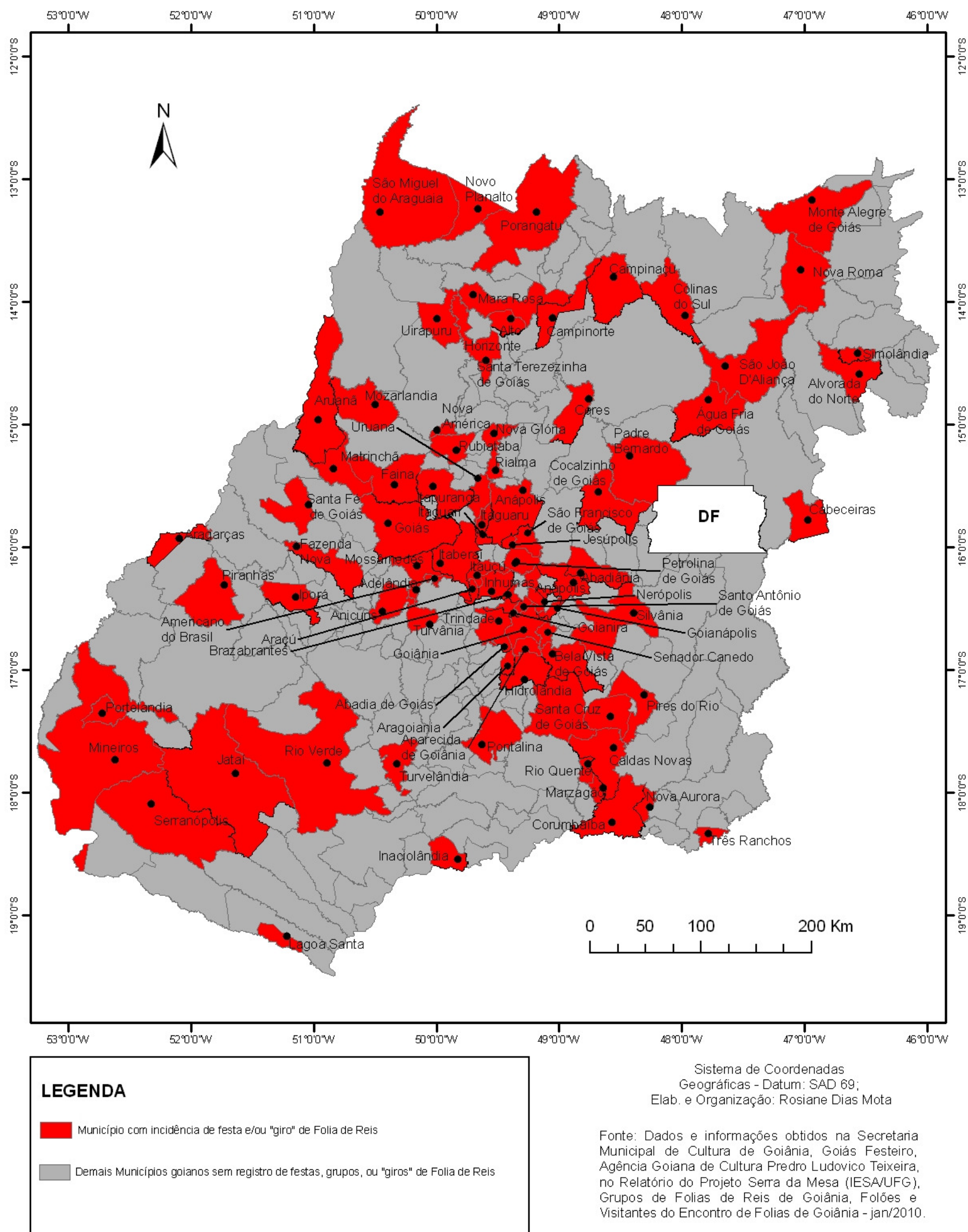


Figura 43b – Mapas de Incidência de Festas, “Giros” e Grupos de Folias no Estado de Goiás – 2010

Fonte: Dados e informações obtidos na Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia, Goiás Festeiro, Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, no Relatório do Projeto Serra da Mesa (IESA/UFG), Grupos de Folias de Goiânia, Folhões e Visitantes do Encontro de Folias de Goiânia – jan/2010.

Todavia, ao migrar do campo para a cidade, estas manifestações encontraram um ambiente diferente. No meio urbano, as Folias de Reis se viram obrigadas a se modificar e a se adaptar ao local em que se instalaram. No campo, os grupos de folias buscavam, em sua grande maioria, realizar seus “giros” no período do ciclo natalino, e o maior propósito de sair e acompanhar uma “Companhia de Reis” na roça estava na devoção.

Na cidade, esta manifestação teve sua continuidade na consolidação de “calendários de conveniência”, nos quais se mantinha a tradição sem o comprometimento da dinâmica empregatícia. Em outra via, os grupos de Folias se consolidaram em associações que ora permitem a continuidade dessa manifestação e aderem ao processo de espetacularização das folias, o que alimenta por vezes um discurso de “valorização” da cultura popular.

A “valorização”⁵⁸, em nível mercadológico, dessas manifestações culturais incentivou apresentações “culturais” fora do ciclo natalino. São feitas em eventos como os Encontros de Folclore e Folias presentes na Grande Goiânia e em municípios circunvizinhos. De acordo com os organizadores destes eventos, esta iniciativa contribui, essencialmente, para a “continuidade da manifestação”.

O conjunto de municípios em que se concentram os grupos forma a zona de influência econômica da capital, a Região Metropolitana de Goiânia-RMG. A RMG foi instituída inicialmente pela Lei Complementar nº 27, de 30 de dezembro de 1999, com onze municípios. A partir de uma nova redação dada pela Lei Complementar nº 54, de 23 de maio de 2005, a RMG foi formalizada com treze municípios⁵⁹. Em 25 de março do presente ano outros sete municípios foram inclusos na RMG por meio da Lei Complementar nº 78, o que totaliza vinte

⁵⁸ Sánchez Vázquez (1997) explica que ao falar em “valor” têm-se como aspectos relevantes a beleza, a justiça, a bondade, entre outros. Daí, nesta concepção o “valor” está ligado àquele atribuído à coisas e objetos. Para compreender melhor o significado do que se expressa como “valor”, o autor apresenta a relação do homem com a prata. A prata é tida inicialmente como um mineral que possui determinadas propriedades naturais, e posteriormente, após a manipulação humana, como uma jóia que serve como adorno ao corpo humano, ou até mesmo como moeda de troca. Aqui o valor dado à prata é visivelmente diferente antes e depois de sua relação com o homem. Como mineral bruto, seu valor econômico é por vezes desconsiderado. Mas, à “prata beneficiada” é atribuído um alto valor. Para completar essa compreensão de valor reflete-se na afirmação de Sánchez Vázquez (1997, p.113) de que “[...] o objeto valioso não pode existir sem certa relação com um sujeito, nem independentemente das propriedades naturais, sensíveis e físicas que sustentam o seu valor”. Diante desta afirmação toma-se como base a reflexão do autor de que o “valor” é atribuído à determinada coisa. Neste caso à manifestação cultural, devido a intensidade da relação do homem com esta manifestação, tem-se neste caso a compreensão de que valor “não é propriedade dos objetos em si, mas propriedade adquirida graças à sua relação com o homem como ser social” (op. cit., p.116). Já o que chama-se de “valorização” das manifestações culturais, neste texto, possui a noção de valor, apresentada acima, acrescentada a concepção de valor econômico apontada por Marx. Assim, dividimos a “valorização” destas manifestações em duas: a “valorização” como mercadoria e a valorização como tradição. Todos os dois aspectos de “valorização” das manifestações culturais estão presentes nos discursos de órgãos públicos, produtores culturais e mídia. Sendo que o primeiro, da tradição, encobre o segundo, a “mercantilização” da manifestação.

⁵⁹ Constituíam até o início de 2010 a RMG os seguintes municípios: Goiânia, Trindade, Goianira, Santo Antônio de Goiás, Nerópolis, Goianópolis, Senador Canedo, Aparecida de Goiânia, Hidrolândia, Aragoiânia, Bela Vista, Guapó e Abadia de Goiás.

municípios. Atualmente compõem a RMG os municípios de Goiânia, Abadia de Goiás, Aparecida de Goiânia, Aragoiânia, Bela Vista de Goiás, Bonfinópolis, Brazabrantes, Caldazinha, Caturai, Goianápolis, Goianira, Guapó, Hidrolândia, Inhumas, Nerópolis, Nova Veneza, Santo Antônio de Goiás, Senador Canedo, Terezópolis de Goiás e Trindade.

A constituição de Goiânia e municípios do entorno em Região Metropolitana tem significativo papel no contexto sócio-cultural e econômico da RMG. De acordo com a Prefeitura de Goiânia, a RMG, ainda em 1999, com onze municípios, abarcava 1/3 dos eleitores e aproximadamente 80% dos estudantes universitários do Estado.

Atualmente, os vinte municípios da Região Metropolitana de Goiânia agregam aproximadamente 36% da população do estado de Goiás, de acordo com o IBGE – estimativa 2009, e mais de 35% de seus eleitores, em uma área territorial inferior a 3% de toda a área do Estado. Nesta área existe uma média de 237,55 habitantes por km² em toda a RMG.

A taxa média de crescimento populacional é superior à média de crescimento do estado. Em vias econômicas, o Produto Interno Bruto – PIB - (a preços correntes) da RMG representa mais de 38% do Estado de Goiás, e a arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços – ICMS, é superior a 50% de tudo que é recolhido no território goiano (Anexo 1). O número de alunos matriculados nas escolas da Rede Federal, Estadual e Municipal existentes na RMG representa 1/3 de todos os alunos matriculados regularmente em todo território estadual, o que revela uma alta porcentagem de jovens.

É possível reconhecer a importância da Região Metropolitana de Goiânia, tanto no aspecto socioeconômico quanto no cultural. Na região destacada, oito municípios não possuem grupos de Folias de Reis (Figura 44). Mesmo não tendo sido identificados, ainda, grupos de Folias de Reis nesses municípios, vários mestres de folias de Goiânia e Região relatam a realização de “giros” em suas respectivas áreas.

A Companhia de Reis Aroeiras, por exemplo, “girou”, no mês de junho de 2010, no município de Bonfinópolis, com o objetivo de pagar promessa de bonfinopolina. Em outra situação, a Folia de Reis do município de Inhumas “girou” folia, em novembro de 2009, na cidade de Caturai. A abrangência dos “giros” de Folias de Reis excede sua área de residência e atinge outros bairros e municípios.

Em toda a RMG foram identificados 51 grupos de Folias de Reis. São grupos de folias de diferentes características. Alguns “giram” por devoção, tradição familiar, outros já institucionalizados têm a Folia de Reis como uma opção de renda, por meio de apresentações “folclóricas”. A maior parte dos grupos de folias presentes na RMG se concentra em bairros periféricos da Capital, assunto abordado a seguir.

Manifestação das Folias de Reis na Região Metropolitana de Goiânia (2010)

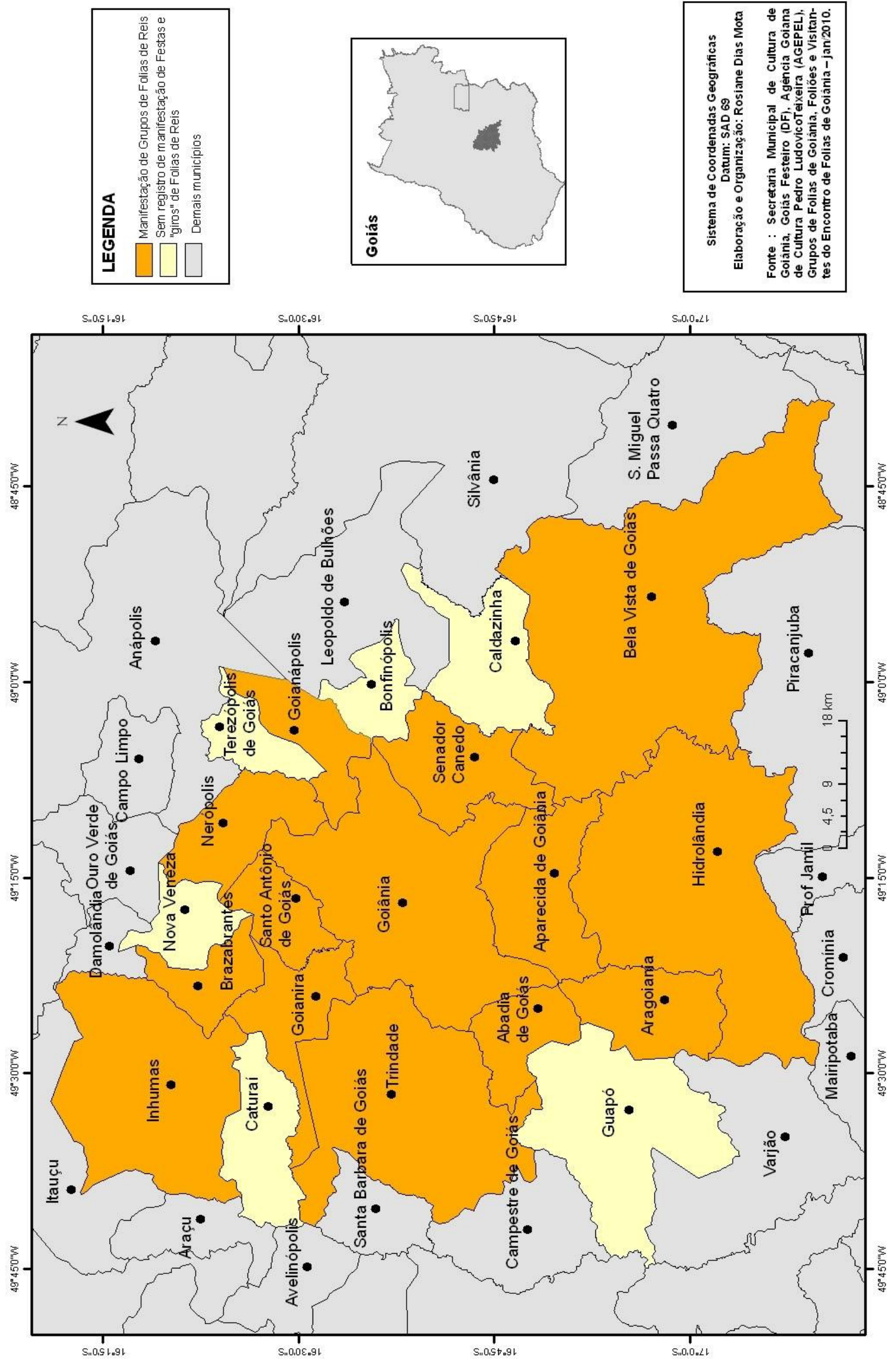


Figura 44 – Mapa Manifestação das Folias de Reis na Região Metropolitana de Goiânia (2010)

Fonte: Dados e informações obtidos na Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia, Goiás Festeiro, Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, Grupos de Folias de Goiânia, Foliões e Visitantes do Encontro de Folias de Goiânia jan./2010.

Organização: Rosiane Dias Mota

Capítulo 3: As Folias e as Territorialidades em Goiânia

Neste capítulo discute-se o território formado pelas Folias de Reis de Goiânia. Inicia-se com uma reflexão sobre o território como categoria geográfica, com conceitos e abordagens distintas. O território é estudado nas dimensões material, política e simbólica, discutindo seus conceitos que consideram a relação social do indivíduo com o meio e aqueles que tratam as relações de poder e a formação de redes. A perspectiva relacional é pormenorizada com a finalidade de aprofundar a percepção do território simbólico produzido pelas Folias de Reis. Na sequência, discute-se a influência da migração na constituição dos grupos de Folias de Goiânia e apresenta-se um mapeamento e levantamento dos grupos de folias da Capital, com as singularidades presentes nos “giros” de Folias da Cidade. E encerra-se com uma leitura sobre algumas experiências e reinvenções do “giro” dos grupos em Goiânia.

3.1 O Território e a perspectiva simbólica

O fato de diferentes áreas do conhecimento científico conceituarem *território* propicia uma discussão multidisciplinar acerca do tema. Para Sposito (2004), a concepção de território se divide em quatro. A primeira, naturalista; a segunda, relacional, por focar-se no indivíduo, a terceira refere-se à confusão entre *território* e *espaço*, a quarta e última é relacionada às transformações sofridas pela natureza, sob imposição da sociedade.

Já Haesbaert (2004) aloca como primeira concepção, a perspectiva materialista; a segunda, do território relacional, a terceira, da dimensão simbólica do território, e a quarta, como “integradora entre as diferentes dimensões sociais” (op. cit., p.112). A primeira perspectiva apresenta forte vínculo à terra como espaço físico. O território, na concepção relacional, ganha mobilidade, movimento e tem seu sentido ampliado para a temporalidade. A concepção relacional considera a interação entre as dimensões cultural e econômica e, apesar de considerar a polêmica política, não se prende a ela.

Haesbaert (2004) reflete sobre as diferentes perspectivas do território. Todavia, de acordo com o autor, a concepção simbólica é mais bem discutida na perspectiva idealista do território. O autor explica que o viés relacional tem destaque na contribuição de autores como Bonnemaison e Cambrèzy. E é adotada para suprir a concepção *utilitarista* da Geografia e do território que não responde as perguntas e os conflitos do mundo atual. A perspectiva integradora abarca o território, integrando-o por diferentes dimensões sociais (*idem*).

Adota-se, na discussão sobre as Folias de Reis, a perspectiva relacional para o estudo de território, apresentado por Sposito (2004) e Haesbaert (2004). Tem-se, todavia, a compreensão de que esta é focada no indivíduo e nas relações territoriais por eles produzidas (SPOSITO, 2004). A escolha desta categoria deu-se pela ênfase dada ao indivíduo, o “folião”.

3.1.1 A concepção relacional do território e a produção das territorialidades: sua dimensão simbólica

A concepção relacional do território trata do indivíduo e de suas relações territoriais. Paralelamente às relações humanas, há troca de conhecimentos e a consolidação de identidades numa dimensão simbólica. O território existe, de acordo com Almeida (2005, p.109) “para aqueles que têm (*sic*) uma identidade territorial com ele, o resultado de uma apropriação simbólico-expressiva do espaço, sendo portador de significados e relações simbólicas”.

Portanto, o território na Folia, a partir do entendimento da autora, existe para os atores – foliões, devotos e participantes – que possuem uma identidade, um **sentido de pertencimento com a manifestação**. E o grupo de folias constitui um “território” por uma assimilação “simbólico-expressiva do espaço”. Os atores produzem as territorialidades decorrentes de relações simbólicas e de significados.

Quando a idéia de um território produzido pelas festas religiosas é contemplada, duas dimensões podem ser consideradas: a física e a imaterial. A física é o local onde ocorrem as celebrações, e a imaterial está nas relações existentes entre os participantes destas festividades. No caso das Folias de Reis, o interesse no território não é tido tão somente na sua dimensão física, mas principalmente na sua dimensão simbólica, na qual a identidade territorial é produzida e construída a partir das relações.

Na dimensão simbólica do território das festas religiosas, nota-se o quanto ele é imbricado de significados, por ser, também, “[...] objeto de operações simbólicas e é nele que os atores projetam suas concepções de mundo” (op. cit., p.108). Ao realizar uma leitura das relações territoriais das Folias de Reis por meio dos signos e significados, tem-se a pretensão de dizer que esta manifestação projeta, como visão de mundo, a reprodução de uma tradição, na preocupação de não deixá-la se perder, e uma afirmação da fé e devoção de seus participantes.

A definição de território considerada nesta pesquisa o apresenta em duas dimensões: material e imaterial, como anteriormente apresentado. Gimenez (2000) considera material o

território enquanto fonte de recursos para subsistência, e imateriais, os sentimentos, a memória, enfim, elementos na paisagem importantes para a construção deste território tanto natural quanto afetivamente.

As compreensões destes elementos imateriais interessam tanto para a leitura e abrangência das manifestações culturais, como patrimônio cultural imaterial, quanto para o entendimento destas manifestações na produção do território. A concepção de patrimônio cultural imaterial da UNESCO, apresentada outrora, se identifica com o que Gimenez aponta como território. Ambos apontam aspectos ligados à história, à afetividade, à identidade do indivíduo e à memória coletiva. O conceito de território, para Gimenez (2000), aproxima-se da discussão sobre totalidade do espaço apresentada por Santos (1994), na inter-relação homem/espaço. Para o primeiro autor, este espaço é apropriado, mas ambos os autores dimensionam a relação do homem em física e humana e/ou simbólica. Tal dimensionamento é verificado nas Folias de Reis, com a produção do território.

Portanto, no território festivo das folias, a afetividade e a memória coletiva estão intensamente presentes nas ações, no rito e na territorialidade produzida pelos foliões. Almeida (2008, p.59) reflete que na territorialidade deve-se considerar “tanto as questões de ordem simbólico-cultural como também o sentimento de pertencimento a um dado território”. Nos territórios festivos, o sentido de pertencimento está intimamente ligado à identidade do sujeito com o território, e pode ser observado na reprodução e análise das falas dos sujeitos entrevistados na pesquisa sobre a produção dos lugares e dos territórios produzidos pela Festa de São João Batista no interior de Goiás, realizada por Lagares (2009).

O sentimento de pertencimento ocorre da mesma forma na Festa de Folia de Reis do interior de São Paulo, descrita por Lopes (2007), no momento em que a emoção se aflora em todos os presentes ao ouvir uma música gravada em uma fita antiga, do principal grupo de folias da região, já extinto. A situação descrita é contextualizada a um momento em que essa comunidade tentava dar vida à festa que já tinha sido esquecida por muitos. O sentido de pertencimento está nas relações produzidas entre os sujeitos durante a festa e em sua organização. A formação da territorialidade advém daí.

Diante dos conceitos e perspectivas discutidas, compreende-se que território é formado tanto pela apropriação quanto pela valorização do espaço e que é na identificação do indivíduo com o território que se formam as identidades territoriais e que se produzem, então, as territorialidades.

As territorialidades são consideradas, aqui, nas amplitudes social, simbólica e cultural. As músicas e os sentimentos aflorados são as dimensões abstratas das territorialidades

produzidas pelas Folias de Reis. Assim, a conjunção de técnicas, de valores e sentimentos produzidos por estes grupos, com sua capacidade de transmissão, permite-nos “visualizar” a constituição das territorialidades e das paisagens culturais.

Considera-se que a relação dos atores com o território também sofra mudanças. Os atores se modificam de maneira imperceptível. Tais alterações se dão porque “as formas da territorialidade mudam quando as sociedades tornam-se mais modernas, mas não desaparecem” (CLAVAL, 2008, p.17). Essa transformação está presente nas Folias de Reis quando há, por exemplo, mudanças no formato dos grupos e no uso de vestes padronizadas. Tais mudanças são percebidas, também, quando se observa a paisagem produzida pela festa em apresentações dentro e fora do ciclo natalino.

A análise do *território* e das *territorialidades* construídas permite a captação dos elementos simbólicos dos ritos e das manifestações culturais. Torna-se igualmente interessante uma leitura da paisagem cultural produzida pelas Folias de Reis.

3.2 A Capital e a captura das folias rurais

O município de Goiânia⁶⁰, dentre os vinte municípios da RMG, é o que possui maior número de grupos de Folias de Reis. São 25 grupos presentes em 22 bairros diferentes da cidade (Quadro 5 e Figura 45). A cidade de Goiânia possui uma área de 739,49⁶¹ km², dividida em 445 loteamentos⁶² aprovados pelo município, e outros 30 loteamentos aprovados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, conforme a Assessoria Técnica de Regularização e Loteamentos Clandestinos da Secretaria Municipal de Planejamento de Goiânia.

Identificou-se ampla presença de migrantes nos grupos de folias. Entre os bairros que possuem grupos de folias destaca-se o Bairro São Carlos, descrito por Caetano, Souza e Montalvão (2009), com uma grande concentração de migrantes. Este bairro é abordado por Camargo (2009), ao estudar jovens migrantes da Região Noroeste de Goiânia. A autora enfatiza também a concentração de migrantes em outros bairros da região. Além do bairro São Carlos, são destacados: Parque Tremendão, Jardim Primavera e Floresta. Em seu estudo, a autora relata que os jovens vieram do meio rural ou de cidades do interior e trouxeram “em

⁶⁰ Goiânia possui 1.301.892 habitantes de acordo com o censo 2010 do IBGE

⁶¹ De acordo com IBGE

⁶² Dados da ASRU/SEPLAM datados de - 06/01/2004

sua bagagem a cultura rural” (op. cit., p.85). Por meio desta mesma “bagagem” vários grupos de Folias de Reis chegaram à cidade de Goiânia.

Na Capital, é inexistente a presença de grupos de folias nos bairros denominados “nobres”, como Setores Sul, Bueno, Oeste ou Marista, e muito menos em condomínios fechados. Apesar de ser possível identificar a presença de diferentes níveis sociais nas festas de folias, estas constituem uma manifestação organizada do catolicismo popular e com intensa participação de bairros periféricos e de pessoas com menor poder aquisitivo.

GRUPOS DE FOLIAS DE REIS DE GOIANIA – (2009-2010)	
GRUPOS	BAIRRO
Grupo de Folia de Reis Bandeirantes	Setor Recreio dos Bandeirantes
Folia de Reis Associação Cultural do Brasil	Nova Vila
Grupo de Folia de Reis São Joaquim	Chácara Recreio São Joaquim
Grupo de Folia de Reis Capitão Orlando de Brito	Parque Amazonas
Companhia de Reis Os Reizeiros da Bahia	Jardim das Aroeiras
Grupo de Folia de Reis Estrela da Guia	Parque Amazonas
Grupo de Folia de Reis Estrela do Oriente	Pedro Ludovico
Grupo de Folia Os três Reis seguindo viagem	Setor São José
Companhia de Reis Primavera	Jardim Primavera
Grupo de Folia de Reis do Faina	Setor Santos Dumont
Grupo Folclórico Bairro Capuava	Bairro Capuava
Grupo de Folia de Reis Novo Horizonte	Novo Horizonte
Grupo de Folia de Reis Bairro Floresta	Bairro Floresta
Grupo de Folia de Reis Aroeiras	Jardim das Aroeiras
Grupo de Folia Mirim das Aroeiras	Jardim das Aroeiras
Companhia de Reis Nova Esperança	Jardim Nova Esperança
Grupo Folia de Reis Capitão Olídio	Setor Universitário
Grupo Folia de Reis Colônia Santa Marta	Jardim Novo Mundo
Grupo Folia de Reis São Sebastião	Jardim Liberdade
Grupo de Folia de Reis Vila Santa Helena	Vila Santa Helena
Grupo de Folia São Judas Tadeu	São Carlos
Grupo de Folia de Reis Feminina do Jardim Guanabara	Jardim Guanabara
Grupo de Folia de Reis Criméia Oeste	Criméia Oeste
Grupo de Folia de Reis Família Bento – Souza Bento	Vila João Vaz
Grupo de Folia de Reis Mensageiros da Fé	Setor Brisas da Mata

Quadro 5 - Grupos de Folias de Reis de Goiânia – (2009-2010)

Fonte: Dados e informações obtidos: Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia, Goiás Festeiro, Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, Grupos de Folias de Goiânia, Foliões e Visitantes do Encontro de Folias de Goiânia – jan/2010.

Domingues (1994, p.5) apresenta uma definição de periferia sob a perspectiva de um “agregado social”. Para ele, a periferia se forma “não pela densidade ou pela intensidade do interrelacionamento interno ao nível local, mas sim pela dependência, pela subalternidade face às áreas centrais e aos locais de destino dos habitantes-pendulares”. O conceito de periferia aparece como uma oposição ao centro, à centralidade urbana.

Martins (2008, p.45), ao discutir a relação entre periferia e subúrbio, explica a errônea utilização de seus conceitos. O autor caracteriza o subúrbio por designar “a identidade específica de uma realidade espacialmente social entre a roça e a cidade, o produzir e o mandar, o trabalhar e o desfrutar”. Estaria o subúrbio no limiar da cultura urbana com a cultura rural.

As idéias de subúrbio brasileiro expostas por Martins (2008) e Soto (2009) são de locais de moradia de *camadas ricas* da sociedade. Neste caso ele exemplifica o subúrbio de São Paulo e Rio de Janeiro com o Alphaville e a Barra da Tijuca, respectivamente. Em Goiânia, o subúrbio também se destaca com bairros de alto padrão e condomínios fechados, denominados de Jardins.

Já a periferia, seria a “negação das promessas transformadoras [...] e até revolucionárias do urbano, [de seu] modo de vida [...] e da urbanização” (MARTINS, 2001, p.78). A noção apresentada está além de sua contraposição ao centro. Mesmo com os problemas socioeconômicos dos bairros periféricos, Martins (2008) destaca que a periferia “serviu para matar a concepção cultural e política de centro da cidade, sua monumentalidade e suas virtudes urbanas e urbanizadoras, emancipadoras e libertadoras, seu adensamento cultural” (op. cit., p.53).

A periferia comporta manifestações diferentes das apregoadas pela mídia. Em Goiânia, as festas de Folias reproduzem raízes e traços rurais. Os Grupos de Folias demonstram grande criatividade e capacidade de adaptação diante da dinâmica empregatícia urbana. Estes Grupos de Folias citadinos mantem forte suas características rurais, mesmo com as dificuldades urbanas. Tais dificuldades enfrentadas pelos Grupos para reprodução da tradição expressam e refletem aspectos e situações específicas vividas pelos foliões em Goiânia.

3.3 O “giro” e sua singularidade

O festejo das Folias de Reis é composto de três partes: a saída da bandeira, o “giro” e a Festa da recolhida. Esta estrutura permite a compreensão de que as Folias de Reis compõem

um ciclo cumprido anualmente, normalmente entre os meses de dezembro e janeiro (Figura 46).



Figura 46 – Ciclo do Giro e Festa de Folia de Reis

Fonte: Entrevistas com coordenadores dos grupos de folias de Goiânia

Organização: Rosiane Dias Mota

O ciclo se inicia com a Saída da Bandeira. Pessoa e Félix (2007, p.199-200) esclarecem que:

Sair com uma folia é embrenhar-se numa jornada de profundo respeito e sentimento religioso. Começa-se a realizar uma tarefa de interação com o sagrado e com a fé do povo. Para realizá-la bem, é preciso muita atenção e **dois cuidados básicos. Primeiro, deve-se confiar mais na proteção divina do que nas próprias forças [...]. Em segundo lugar, é preciso fazer sempre o bem, ser honesto, ter retidão de caráter** (op. cit., p.199-200 – grifo nosso)

De acordo com os autores há dois cuidados básicos para se realizar a “jornada” ou o “giro”: o folião deve confiar em forças divinas, que nas falas dos devotos trata-se da proteção do “Santo da Bandeira”, e deve-se fazer o bem. Este último está ligado à concepção de ser justo com os membros dos grupos e com aqueles que recebem a folia em suas residências. Neste caso, os mestres de folias lembram os foliões nos momentos de decisão, “com a mesma medida que se julga, será julgado”. Tais momentos estão relacionados à exclusão ou ao aceite de membro na “companhia”.

O embaixador e o gerente da folia saem com o grupo sempre à direita, de forma que toda vez que a casa de saída for observada no giro, ela estará ao centro. Esse é um aspecto da

retidão apontada pelo autor. Nos Grupos de Folia da Capital, na “saída da bandeira”, a maioria tem a preocupação de sair à direita da casa.

Nas Folias de Reis “de roça”, ainda se busca seguir a tradição de sair com a “Companhia de Reis” no dia 25 de dezembro. Mas, na cidade de Goiânia, as folias seguem o que chamamos de “calendário da conveniência”, conforme já citado (Quadro 6).

Apesar de alguns grupos terem seu calendário fixo, a maioria sai para o “giro” em datas e horários oportunos. Esta data pode ser, inclusive, após o ciclo natalino. Outros nem mesmo realizam giros, somente apresentações, como é o caso do Grupo de folias de Goiânia, Associação Cultural do Brasil, coordenado pelo senhor Orange Dias.

A segunda parte do percurso é denominada como “giro”, especificamente. Este consiste no trajeto feito a partir da casa de saída da folia até a casa do festeiro. O percurso está dividido, segundo Brandão (2004), em dois momentos: “giro” e pousos (Quadro 7).

POUSO DE JANTA	GIRO	POUSO DE ALMOÇO	GIRO	POUSO DE JANTA
Lugar de saída a cada manhã.	Percurso ritual do peditório de esmolas.	Pouso do meio-dia, para almoço.	Percurso ritual do peditório de esmolas	Lugar de chegada ao fim do dia, para jantas e repouso.

Quadro 7 - Jornada dos Três Reis Santos
Fonte: Brandão, 2004, p.351

As folias na cidade de Goiânia seguem o esquema exposto. Um único grupo de folia opta por “girar” apenas à noite, isto é, realiza-se somente o pouso de janta. Nas folias rurais, o pouso de janta significa pousar/dormir dos foliões na residência. Nas cidades, os grupos normalmente não dormem nas casas que oferecem a “janta”. Em Goiânia, todos os foliões dormem em suas próprias residências e retornam à “casa do pouso de janta” no dia seguinte para “levantar a bandeira” e retomar o “giro”.

Na casa do “pouso”, “dormem” apenas os instrumentos e a “Bandeira de Santos Reis”. Em alguns grupos de Goiânia, existe a tradição de o Palhaço dormir na casa do pouso de janta, com a função de proteger a bandeira, como é o caso do Grupo de Folias Estrela do Oriente e da Companhia de Reis Aroeiras. O Embaixador da companhia Aroeiras explica o fato: “O boneco é quem protege nossa guia, sem ela nós não giramos, não há folia”. O “pouso de janta, ou da bandeira” migrou de uma situação prática, de dar acolhimento, para uma situação simbólica, na qual o significado está no receber e dar abrigo aos “Três Reis” durante sua jornada até Belém.

Calendário dos Grupos de Foliás 2009/2010

GRUPOS DE FOLIA	DEZEMBRO – 2009							JANEIRO – 2010																						
	25	26	27	28	29	30	31	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
Grupo Aroeiras	S											C																		E
Grupo Estrela do Oriente	S											C																		E
Grupo Capitão Olídio		S														C														E
Grupo do Oriente para Belém								S									C													E
Grupo Nova Esperança							S					C																		E
Grupo São Joaquim										S		C																		E
Grupo Estrela Guia																				S		C								
Grupo Reizeiros da Bahia																	S											C		E
Grupo Ass Cultural		A							A	A			A			A	A						A							E

LEGENDA

S	Saída da Folia – Início do Giro
C	Entrega da Folia – Festa de Encerramento – Término do Giro
	Giro do Grupo de Folia
E	Encontro de Folia de Goiânia
A	Cantorias e Apresentações individuais – o Grupo não realiza Giros
-	Destaque para a maior concentração de Grupos entre Dezembro/2009 e Janeiro/2010

Quadro 6: Calendário dos Giros de Foliás de Reis dos Grupos escolhidos para o recorte dez/2009 a jan/2010

Fonte: Informações coletadas com os grupos de foliás antes e durante o trabalho de campo

Organização: Rosiane Dias Mota

Em Goiânia, a maioria dos grupos de folias “gira” durante o dia. Mas sabe-se que nem sempre foi assim. Brandão (2004), nas entrevistas e pesquisas com a Folia de Reis de Mossâmedes, mostra que ocorreu uma inversão nos horários de “giro” da folia em relação à “tradição dos primeiros tempos”. De acordo com o autor:

O certo seria fazer como os Três Reis Santos fizeram no tempo deles: caminhar durante toda a noite, em silêncio, pelas estradas sem cantar nada e sem sequer levar velas ou lanternas acesas; bater à porta das casas do giro e pedir entrada; cantar baixo e respeitosamente pedindo esmolas; agradecer e retirar-se, seguindo com o giro até de manhã, quando a Folia pousava até o começo da noite seguinte. (BRANDÃO, 2004, p.351)

O comportamento descrito faz parte das memórias saudosas dos participantes mais antigos do grupo estudado pelo autor. As escrituras bíblicas trazem os relatos da perseguição do “Rei Herodes” aos “Três Reis Magos”. Por isso “os foliões do passado cumpriam o ritual durante a noite e de forma muito menos festiva do que agora” (*idem*).

A concepção da folia como um momento sério e não festivo foi dada, também, pelo escritor goiano Carmo Bernardes (1981):

[...] a Folia de Reis não era uma diversão. As escrituras sagradas dizem – ou é o povo que acredita – que os três reis magos foram a Belém visitar o menino Deus guiados pela Estrela do Oriente. Por isso a folia gira de noite, porque estrela só existe de noite. É folia sem pouso, sem nenhum folgado, festa de jeito nenhum (op. cit., p. 145).

Uma das “folionas” da Folia de Reis do Capitão Olídio⁶³ explana que o grupo “gira” a noite porque “os Três Reis seguiam uma estrela que aparecia apenas a noite para eles”. Até aí a percepção de Bernardes (1981) se aplica. Contudo, quando se chega ao caráter festivo do “giro”, os grupos de folias de Goiânia não seguem a idéia apontada pelo autor. Ao contrário, são grupos festivos que “esbaldam” alegria e fazem daquele momento a oportunidade de fortalecimento da fé, devoção e também dos laços de amizade, solidariedade e parentesco.

O momento do pouso, assim como todo o giro de folias, é composto de etapas⁶⁴ (Quadro 8).

Ressalta-se que a estrutura apresentada consiste em uma versão completa, construída a partir da observação feita durante os “giros”. Contudo, nem todos os grupos a seguem. Alguns grupos não dançam catira ou forró, por exemplo.

⁶³ Grupo do Setor Universitário

⁶⁴ É no cumprimento de cada uma destas etapas que alguns devotos que possuem votos os pagam. Por várias vezes presenciou-se devotos deitados no chão, cobertos com um lençol para pagar votos feitos aos “Santos da Bandeira”. Esse assunto será aprofundado nos capítulos seguintes.

1. Chegada ao arco	A dona da casa normalmente faz um arco na entrada de sua residência. Quando chega, o grupo saúda o arco e “as belas flores que o enfeita”. Mesmo no meio urbano as pessoas enfeitam arcos para esperar o grupo de folia nos “pousos”. Algumas casas fazem mais de um arco e, para cada um deles, o grupo deve fazer uma saudação.
2. “Palhaços” buscam por presentes	A maioria das Foliás de Goiânia possui “palhaços”. Com a tradição de esconder presentes (que podem ser desde pequenos objetos, cigarros, bebida e dinheiro) os anfitriões dos pousos o fazem da melhor forma possível para que os “palhaços” “tenham bastante trabalho para achar”. Para começar a procurar o presente é pedida autorização para o anfitrião e pede-se também uma dica. “É tatu ou avião?”. Não são raras as vezes em que os “palhaços” ao tentar encontrar um presente, sobem nos umbrais das casas, nas árvores, ou nos portões.
3. Cantoria	Depois de encontrado o presente os “Palhaços” agradecem com uma bela rima e convidam ao embaixador para continuar a cantoria. Neste momento o embaixador saúda e pede para que a família receba a “guia” – que é a bandeira. Este é um dos momentos em que os devotos escolhem para pagarem seus votos. Os anfitriões entram com a bandeira acompanhada da folia e de seus convidados. A bandeira é colocada no Altar preparado pelos donos da casa. As cantorias são sempre encerradas com “vivas!” aos donos da casa, à família, aos foliões, aos visitantes convidados e demais presentes.
4. Reza do Terço	Todos os foliões, devotos e convidados são chamados pelo embaixador para rezar ou cantar o terço. Em Goiânia presenciamos as duas situações. Um rezador ou componente da folia puxa a reza e os demais acompanham. O terço cantado também pode ser misto: canta-se um mistério e reza-se outro.
5. Janta/Almoço	Para circundarem a mesa da refeição são convidados todos os foliões. Neste momento, o Capitão ou Mestre do Grupo de folia agradece a presença de todos e a comida, e todos rezam “um Pai Nosso e Três Ave Marias”. Os foliões se servem primeiro, e em seguida os convidados.
6. Agradecimento de Mesa	Após um descanso – “Quilo”, todos os foliões se reúnem à mesa para fazer o “Agradecimento de Mesa”. Neste momento canta-se em agradecimento aos anfitriões. Posteriormente, canta-se, normalmente, o “Bendito, Louvado Seja”
7. Catira/Forró	Após o agradecimento de mesa, os tocadores dos grupos fazem um momento de diversão para os foliões e convidados. Ora com forró e moda de viola, ora com catira quando há dançadores na “companhia de reis”.
8. Descanso e/ou Retorno dos Foliões para casa	Após o almoço, há um momento de descanso para a retomada do “giro”. Mas no caso do jantar, cada folião retorna para sua residência para descansar/dormir, voltando no dia seguinte para dar continuidade ao “giro”.
9. Saída da Bandeira	A cantoria de Saída da Bandeira é feita nos pousos de almoço e jantar. No almoço é feita no mesmo dia. No pouso de janta é feita no dia seguinte. Em ambos se agradece pelo alimento, pelo pouso, pede-se oferta, esmola, despede-se da família anfitriã e a convida para a entrega da folia.

Quadro 8 – Etapas ocorridas durante os Pousos de “Janta” e de Almoço em Goiânia - 2009/2010

Fonte: Esquema feito a partir do roteiro de observação aplicado no trabalho de campo na cidade de Goiânia durante os “giros” de folias no período de dezembro/2009 a janeiro/2010.

Organização: Rosiane Dias Mota

Neste conjunto de etapas destaca-se que a maioria das casas que oferecem os “pousos” são enfeitadas para receberem os Grupos de Foliás de Reis. Vizinhos e amigos dos donos dessas casas são convidados a se reunirem para receber a folia, participarem da reza do terço e das refeições. Esse preparo cuidadoso é presente em todos os “pousos”, desde a “saída da bandeira” até a noite da “recolhida”⁶⁵.

⁶⁵ Cada grupo possui uma formatação própria, tanto hierárquica quanto ritualística, como já foi dito. Mas a maior diferença estrutural foi encontrada quando “giram” com o grupo de folia baiana. A maioria dos grupos escolhidos, noventa por cento, tem sua origem nas tradições goianas e mineiras. E apenas um grupo, o de folia baiana, apresenta tamanha diferenciação: não possui “Palhaços”, não dançam e nem tocam catira ou forró. As

A terceira e última parte do percurso feito pelo grupo de folias é o seu encerramento, denominado pelos foliões como “remate”, “recolhida”, “festa da recolhida”, “recolhida da bandeira”, “entrega da bandeira” ou “entrega da folia”. Esta parte, o “remate”, é descrita por Nogueira (et. al., 1985, p.198) como um momento em que é feito “o encerramento solene [...] por cada grupo de folia de reis em época diversa do ciclo natalino. [É uma] Festa de fartura em comidas e bebidas [...] [além de constituir um] momento de socialização [...] [no qual] um pequeno altar é cuidadosamente preparado e uma grande mesa é posta para o jantar”. As “entregas de folias”, em Goiânia, possuem o mesmo principio festivo daquelas descritas pela autora, no entanto os grupos presentes realizam individualmente o encerramento de seus “giros”, diferente de algumas localidades do país.

A “recolhida” é considerada o momento mais bonito pela maioria dos foliões. Este consiste em um “verdadeiro momento de síntese de toda a jornada. Além dos foliões reproduzirem todas as situações rituais de chegada em cada pouso, eles fazem outras cerimônias [...]” (BRANDÃO, 2004, p.371). Neste momento a sensação de dever cumprido está presente nas falas e ações dos devotos, por meio da adoração do presépio, da cantoria e coroamento do novo casal de festeiros.

Na festa da “recolhida”, a identidade folia, festiva e rural, é expressa na decoração, que, se torna mais intensa que aquelas realizadas nos pousos dos “giros”. As casas são enfeitadas com bandeirolas coloridas, arcos de folhas, além de flores artificiais e naturais. A chegada no altar, onde está posto o presépio, é o momento máximo da cerimônia. Neste momento, realiza-se a cantoria/reza da profecia. Esta consiste no “cântico entoado pelos integrantes dos grupos de folia de reis diante de presépios, oratórios, estampas ou imagens de santos”, conforme Nogueira (et. al., 1984, p.184). A **profecia**, de acordo com os foliões, está relacionada ao anúncio do nascimento de Jesus centrado no Velho Testamento da Bíblia Sagrada. Neste caso, é principalmente o anúncio feito pelo profeta Isaías no capítulo 7, de seu livro. “[...] A virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel” (BÍBLIA SAGRADA - Versículo 14, capítulo 7, Livro Isaías, Velho Testamento, 2005, p.619).

Dessa forma, os versos cantados da profecia proferem a trajetória da concepção de Maria pelo Espírito Santo, sua gestação, nascimento de Jesus e fuga de seus pais do rei Herodes. Além da cantoria em adoração ao nascimento do menino Jesus, ocorre também a

casas daqueles que oferecem pouso de almoço ou janta para este grupo não são decoradas. Para compreensão do formato da Folia Baiana recorreu-se a leituras e materiais audiovisuais como documentários e fotos fornecidos por pesquisadores desta temática e pelo próprio mestre de folia desse grupo.

reza do terço em gratidão ao percurso cumprido e às “graças alcançadas”. Segue-se, a partir de então, toda a estrutura, já apresentada, do “pouso de janta”.

Mesmo na cidade, a reprodução de características próprias das festas de “recolhidas” rurais os símbolos se mantêm. Em algumas situações eles recebem novos significados. Nas “folias de roça”, colocar peças como ferraduras, estrelas, velas, laços na decoração tem um significado. Este é então, reproduzido na cantoria do grupo ao chegar à “recolhida”.

Tanto durante os “giros” realizados em Goiânia, quanto no momento da festa da “recolhida”, existe a participação de foliões e devotos de diferentes classes sociais, situações empregatícias e naturalidade. Nas “saídas”, “giros” e “recolhidas” a presença de representantes da Igreja Católica foi pouco notada. Referente ao assunto, Brandão (2004) confirma que os grupos de folias “reproduzem um ritual de culto e louvor sem a presença de agentes eclesiais e sem o uso de lugares oficiais de culto católico” (op. cit., p.381).

Em Goiânia, nos casos em que padres e celebrantes, entre outras “autoridades” da Igreja, se faziam presentes, eles se comportavam quase sempre como “expectadores” dos “ritos”. Alguns representantes da Igreja Católica receberam os grupos em suas casas, contudo foram os Embaixadores que dirigiram todo o “ritual”, a exemplo está um Padre que ofereceu “pouso” de janta no Jardim Novo Mundo para a Companhia de Reis Aroeiras.

Ocorre visualmente uma separação entre a Igreja Católica e a Folia. Nas leituras sobre essa dualidade, o Brandão (2004) aponta que a Folia de Reis é uma manifestação do catolicismo popular na qual “os devotos produzem um sistema de crenças sem o apoio da liturgia e dos princípios de fé da Igreja Católica” (op. cit, p.381). Ao tentar entender essa afirmação, questionou-se aos Capitães e Embaixadores o porquê da ausência da Igreja Católica na maioria dos grupos de Goiânia. Como resposta, um Folião da Companhia de Reis Aroeiras esclarece: “a maioria dos padres não apóia a folia porque eles não aceitam algumas coisas que nós fazemos, a forma que nós organizamos, a participação das mulheres no ‘giro’ e as nossas festas”. Um folião e pesquisador aponta sobre a relação da folia com os padres: “você não vê padres girando folia conosco. No dia da entrega eles até aparecem, mas é mais por uma questão de boa vizinhança do que de aceite da própria folia, sabe?”.

Alguns padres da Igreja Católica tomam diferentes posturas em relação as Folias de Reis. Os Grupos de Folias de Reis Nova Esperança e Capitão Olídio, por exemplo, possuem ligações diretas com a Igreja Católica. O primeiro grupo possui uma “parceria” com a Paróquia Nova Esperança, que emprestou cadeiras para o almoço de “saída da folia”, momento no qual um de seus celebrantes se fez presente. Já o segundo grupo, “do Capitão Olídio”, nasceu incentivado pelo Padre da Igreja São Francisco, Setor Universitário. A ligação

deste grupo com a igreja é tão forte que, em sua última “recolhida”, o festeiro era um dos celebrantes da Igreja Católica, e neste caso houve um auxílio do festeiro na reza do terço antecipada à “chegada da folia”, com o objetivo de adiantar o ritual. Enquanto em alguns grupos de folias a ligação com a Igreja Católica é intensa, em outros esta relação ocorre de maneira inversa e até mesmo conflituosa, e a Igreja se posiciona ausente no contexto ritualístico.

Assim, a heterogeneidade destes grupos nos espaços e momentos da folia produz um emaranhado de significados religiosos e de sentimentos ora pessoais, ora coletivos. Tais sentimentos estão ligados aos ritos reproduzidos e passados ao longo dos anos pelos grupos de Folias. São nas experiências e reinvenções dos “giros” que a tradição da festa de Folia de Reis da cidade de Goiânia se adapta e faz o contexto urbano receptível aos foliões, mesmo nas questões relacionadas ao trabalho e emprego.

3.4. Experiências e reinvenções do “giro” dos grupos em Goiânia

O emprego aparece como um empecilho na realização dos “giros”, mas é contornada com pedido e programação de férias para o período do “giro”. Há casos em que o indivíduo é autônomo, quando ele trabalha e se organiza para participar com o grupo das visitas às casas durante o ciclo natalino. Como relata este folião

Uns se organizam pra tirar as férias na época; outros trabalham por conta própria, outros giram mais no fim de semana, outros só trabalham meio período. Eu mesmo não vou viajar para “girar” na outra cidade aí, por causa do serviço. Não é fácil trabalhar assim, a gente faz porque somos devotos mesmo (folião, masculino, 38 anos, auxiliar de escritório).

Características próprias das Folias Rurais se fazem presentes nas casas e grupos urbanos. Nas fazendas, por exemplo, as folias rurais eram recebidas para os pousos com grandes arcos decorados com folhas de coqueiros e flores, bandeirolas, uma farta mesa e muita gente. Essas paisagens culturais próprias do meio rural se repetem, em menor intensidade, nas residências urbanas que oferecem pousos de jantas e de almoços para estes grupos em Goiânia.

A fartura dos “pousos de almoço” e “de janta” das “folias da roça” é reproduzida na cidade de Goiânia, mas em menor variedade. Tem-se em vista que a importância está na existência do banquete. Os grandes banquetes, verdadeiros festins, servidos nas festas, são destacados por Bakhtin (1987), ao estudar a festa popular na Idade Média e no Renascimento

por meio da análise das obras François Rabelais⁶⁶. Para o autor, o banquete não está ligado apenas ao ato de se alimentar, feito cotidianamente, mas, sim à satisfação desta necessidade alimentícia em uma “diversidade” que integra o indivíduo à festa. Assim, “o banquete é uma peça necessária a todo regozijo popular” (op. cit., p. 243).

Nas Folias, o banquete tem o mesmo significado, está relacionado à construção de territorialidades. É um momento de estreitamento das relações de socialização entre os foliões e dos foliões com os devotos. Observou-se maior interesse e disposição dos foliões em conversar sobre suas relações na “companhia de reis” e o significado desta para eles durante as refeições, principalmente nos “pousos” de almoço. Nas folias baianas, goianas e mineiras é muito freqüente uma recepção com mesas fartas, e estas se constituem em paisagens simbólicas para os foliões e devotos.

Dentre as folias acompanhadas durante o ciclo natalino 2009/2010 pode-se observar que, diferente das folias mineiras e goianas, a folia baiana, “Os Reizeiros da Bahia”, não têm o hábito de decorar e fazer arcos nas entradas das casas. Contudo, a mesa farta, do mesmo modo, se faz presente. A abundância de comida é uma característica própria das festas do meio rural, principalmente nas festas cíclicas que são ligadas às colheitas, como é o caso daquelas ligadas ao ciclo junino e natalino. Estas refeições ainda estão presentes na tradição de receber os grupos de folias para as saídas, pousos e entregas. São “comidas fortes que dão sustância para os foliões darem conta de girar e cumprir toda a missão.”⁶⁷. Essas comidas são preparadas, “na maior parte das vezes”, com banha de porco e muito tempero. O cardápio é sempre muito variado, contendo desde os tradicionais feijão tropeiro, arroz, tutu de feijão, galinhada, salada vinagrete, mandioca, carne de porco, macarrão com frango, macarronada, “carne de lata” e almôndegas, até os sofisticados *fricassé*, salpicão, salada primavera e *stroganoff* (Figura 47 e 48).

A reprodução das identidades é expressa na culinária e atrela-se à ruralidade da manifestação cultural e de seus participantes. O cardápio escolhido pelas cozinheiras apresenta um sentido de pertencimento em que “símbolos expressam valores” (AMARAL, 2006, s/p), já discutido no capítulo 1. O sentido de pertencimento excede a dimensão religiosa e remete ao sujeito, ao folião, ao devoto ou ao visitante, o saudoso gosto e aroma das comidas feitas em fogões a lenha, com banha e carne de porco, milho, e derivados do leite.

⁶⁶ Bakhtin (1987) apresenta François Rabelais como um escritor popular e democrático no Renascimento. Com o pseudônimo Alcofribas Nasier, François Rabelais foi padre, médico e escritor francês. Suas mais importantes obras foram “Gargantua” e “Pantagruel”. Bakhtin (1987) a partir destas obras discute a cultura popular e, principalmente, a festa de Carnaval, na Idade Média e no Renascimento.

⁶⁷ “Foliona” cozinheira em pouso de almoço de folia, ciclo natalino 2010/2011.



Figura 47 – Pousos de Almoço da Companhia de Reis Aroeira – Goiânia, Goiás.

A grande variedade de pratos é comum nos pousos de folias de Goiânia.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 28/12/2009



Figura 48 – Almoço para saída da bandeira do Grupo de Folia de Reis Nova Esperança – Goiânia, Goiás.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 31/12/2009

Nas refeições, os valores simbólicos da fartura e da fé estão no “milagre da multiplicação”. A refeição é o que o devoto tem para ofertar. O ato de algum presente se recusar em comer o alimento oferecido nos pousos ou nas casas durante o “giro” constitui-se uma ofensa para os anfitriões, os devotos e os foliões.

A “pausa do giro” para as refeições, além de ser um momento de socialização, torna-se uma oportunidade de os “Palhaços” recitarem trovas e divertirem os foliões e os convidados do dono da casa que lhes oferece a refeição. Esta iniciativa tem os “Palhaços” da Companhia de Reis Aroeiras. Após o almoço, todos são convidados a “rodearem” a mesa em que foi servida a refeição (Figura 49). Sob a mesa são colocados todos os pratos, panelas e vasilhas, e os “Palhaços” fazem versos e rimas dando vivas a toda a comida servida (Figura 50).

A “relação simbólico-expressiva do espaço”, apresentada por Almeida (2005, p.109), excede o ato de reunir-se à mesa: após o almoço tem-se uma “trova” enredada de brincadeiras. Nas rimas são incluídos aspectos do cotidiano dos convidados e dos foliões. O ato de reunir o grupo à mesa, tanto antes quanto após o almoço, está ligado à gratidão pela mesa farta, ao ato de abençoar a família anfitriã que deu “pouso” e descanso àqueles que estão reproduzindo o caminho do Oriente a Belém.



Figura 49 – Foliões e convidados em volta da mesa, após o almoço da Companhia de Reis Aroeira – Goiânia, Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 08/05/2010



Figura 50 – Brincadeiras dos Palhaços à mesa do almoço.
Palhaço da Companhia de Reis Aroeira durante a trova fazendo versos e dando vivas pela comida – Goiânia, Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 08/05/2010

Todos os significados e símbolos são expressos nas “trovas” feitas pelos “palhaços” em um ambiente de alegria, risos e brincadeira. Nas “trovas”, eles agradecem pela comida, saúdam os presentes e até usam os nomes dos próprios foliões em suas rimas. Como se descreve:

(abertura) “Palhaço” 3: Louvado seja e bendito seja o nome de nosso senhor Jesus Cristo!

“Palhaço” 1: Silêncio meu senhor, silêncio quero falar. Eu sou aquele poeta que raia neste lugar. Já que eu raio agora e não deixo nada para depois, vamos todos dar um viva nesta panela de arroz.

Todos gritam: Viva!

“Palhaço” 2: Silêncio meu senhor, silêncio quero falar. Eu sou aquele poeta que raia neste lugar. Todo mundo fala que eu desembarço tudo e que nada me “inguiça”, vamos todos dar um viva nesta panela de feijão com linguça.

Todos gritam: Viva!

“Palhaço” 3: Silêncio meu senhor, silêncio quero falar. Eu sou aquele poeta que raia neste lugar. Eu raio de hora em hora e como pouca salada vamos todos dar um viva nesta mesa atalhada.
Todos gritam: Viva!”

Trova realizada dia 3 de maio de 2010 pelos palhaços da Companhia de Reis Aroeiras (Conteúdo completo disponível no Apêndice 9)

Após as brincadeiras e trovas é cantado pelos foliões o “Bendito”

“Senhores dono da casa, queremos a vossa presença, ai
Queremo a vossa presença, ai

Pra louvar a vossa mesa, pedimo a sua licença, ai
Pedimo a sua licença, ai

Nós saudamos a mesa santa, com o santo da bandeira, ai
Com o santo da bandeira, ai

Viva o dono da casa, viva a nossas cozinheira.
Viva a nossas cozinheira.

Lá do céu desceu dois anjo, entre um lindo clarão, ai
Entre um lindo clarão, ai

Eles veio abençoano, esta bonita união, ai
Esta bonita união, ai

Santos Reis lhe dê em dobro, o que nesta tem, ai
O que nesta tem, ai

Em nome de Jesus Cristo, que nasceu lá em Belém, ai
Que nasceu lá em Belém, ai

Lá do céu desceu uma flor na mesa dos folião, ai
Na mesa dos folião, ai

Está flor é Jesus Cristo, que vem repartir o pão, ai
Que vem repartir o pão, ai

Nós saudamos a mesa santa, em nome da Santa Luzia,
Em nome da Santa Luzia, ai

Bendito, louvado seja, para sempre amém Jesus, ai
Para sempre amém Jesus, ai”.

(Bendito – Cantadoria feita durante o ciclo natalino 2009/2010, pelo Embaixador Olídio, Grupo de Folia de Santos Reis Capitão Olídio, Setor Universitário).

Tal situação mostra que o tempo-espaço produzido pelas Foliás de Reis é diferente daquele produzido na dinâmica do cotidiano e da concepção capitalista urbana. Na cidade, o indivíduo, enquanto empregado, é submetido a uma condição de horas trabalhadas e controladas pelo “relógio” em um dado espaço delimitado (DAMATTA, 1984).

Nos “giros” das Foliás de Reis esta temporalidade se dá de uma forma mais lenta, não existe uma preocupação com relação ao tempo empregado para uma cantoria, almoço, janta ou pouso em cada casa. Os grupos de folias chegam às casas, saúdam os moradores, saúdam as imagens dos santos presentes; se o dono da casa tiver presépio, eles cantam diante dele; se o dono da casa pedir para cantar para algum parente devoto falecido, o grupo canta também.

Em momento algum existe recusa, ou alguma submissão dos grupos de folias ao relógio. Os foliões e “folionas” possuem um trajeto predeterminado a ser percorrido, mas não existe a obrigatoriedade de “correr” para cantar em todas as casas daquela rua, ou uma ansiedade em cantar no maior número de casas possível por dia. Como afirma um Mestre de Folias: “na distância que a gente anda, a gente gira na faixa de 20 casas por dia, mas é de um dia pro outro, tem dia que gira menos, tem dia que gira mais. A gente gira de um dia pro outro em média de 20 casas, então é 11 dias, dá umas 220 casas por folia”.

É no trajeto percorrido pelos foliões que se dá a produção das territorialidades. De acordo com Almeida (2008), as territorialidades são produzidas no sentido de pertencimento do folião com os locais, com pessoas. Pelas músicas, rezas e, até mesmo, com os banquetes servidos nos pousos, a afetividade e a memória coletiva estão presentes e fortalecem o compartilhamento. Há uma produção do território festivo e afetivo composto por relações dos homens nas dimensões física, humana e/ou simbólica, ambas inseparáveis.

Nas Folias de Reis a dimensão física do território pode ser considerada a casa do folião ou devoto que recebe a bandeira. Os aspectos físicos da casa possuem significados para a “Companhia”/Grupo de folia, assim como os sociais. As relações sociais, marcadas no recebimento de um grupo de folia, produzidas pelos foliões, recriam tempos, espaços e às vezes afloram lembranças. As festas produzem territórios simbólicos, “recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais” (DAMATTA, 1984, p.81).

O percurso traçado para o “giro” é escolhido pelo “mestre de folias”, ou “embaixador”. Esse trajeto pode sofrer leves alterações no decorrer dos dias conforme pedidos de pessoas cujas casas não estejam no percurso proposto. Normalmente, os grupos de folias fazem as alterações necessárias para atender ao solicitado, já que seu trajeto não é engessado ou imposto.

Já no Encontro de Folias, um momento institucionalizado por agentes externos, a relação tempo-espaço é submetida ao relógio e a uma redução do tempo de duração e do tamanho das músicas para cada apresentação. Há uma delimitação do percurso a ser seguido pelo grupo durante a cantoria, bem como uma seleção dos elementos simbólicos presentes no “giro” para serem reproduzidos durante esse evento.

Durante este momento institucional, a pressa obriga a omissão da socialização das bênçãos dos devotos, do cântico de saudação ao dono da casa e do pedido da “oferta ao santo da bandeira”, assim como, do convite aos devotos para a festa de “entrega da folia”. Como afirma este relato:

A gente não pode misturar as coisas. Lá [no Encontro] é só uma apresentação, mas não vamos deixar sem falar dos três reis santos; uns falam do governador, do prefeito e nada dos reis santos. Nós não cantamos igual no giro. [...] Você não vai lá pra pedir, você vai pra apresentar. Se a gente canta, nós saímos fora da apresentação, a gente não vai pra pedir. Vamos apresentar os três reis santos que chegaram e estão batendo à porta de vocês, então a gente está apresentando eles. (Mestre de Folias, 54 anos, aposentado)

As relações sociais construídas no tempo-espaço dos “giros” e apresentações são diferentes. Em ambas, as folias se apropriam do espaço para constituírem seus territórios e sua territorialidade, mas de forma díspar. Na relação social, o território é compreendido por Massimo Quaini como um produto social, ou seja, produto das relações entre foliões e devotos durante os “giros” e produto das relações entre visitantes, devotos e foliões no Encontro de Folias. O produto social apontado por este autor é construído “histórica, econômica, política e culturalmente”, destarte “o território resulta das relações espaço-temporais” (*apud* SAQUET, 2009, p.75).

As relações espaço-temporais produzidas pelas Folias de Reis levam a uma reorganização do espaço. Nesta reorganização, o espaço é vivido continuamente pelos foliões, devotos e visitantes com suas experiências adquiridas durante o “giro”, os ritos, as cantorias, as celebrações, enfim, nas relações entre essas pessoas ao longo do tempo.

Nos “giros”, a construção histórica faz parte da relação tempo-espaço e está viva nas recordações dos devotos que recebem os grupos e nos fatos e acontecimentos que aquele momento representa. Para alguns, receber o grupo de folias remonta às alegrias da infância no meio rural e ao momento festivo proporcionado pelo grupo de folia. Para outros, algumas vezes a folia traz recordações saudosas de pessoas falecidas que participaram dos grupos, dos giros, dos almoços, pousos e deixaram um vazio no coração daqueles que os amavam. O “receber”, em ambas as situações, comporta uma “carga” simbólica representativa para aqueles que tocam a bandeira.

Conforme já foi mencionado, o simbolismo está ligado à produção das paisagens culturais. Nas recordações dos momentos “tribulosos” e o sentimento de gratidão “pela graça recebida”, a paisagem é interpretada diferentemente por cada folião, que atribui diferentes “valores” e significados à experiência vivida no festejo. Paisagens e territorialidades vinculam-se aos sentimentos, aos significados atribuídos, às memórias individuais e coletivas dos grupos em determinado tempo-espaço.

A relação tempo-espaço também é vivida nas dificuldades de deslocamento dos foliões. A locomoção é uma destas dificuldades sofridas pelos grupos. Os foliões nem sempre moram todos no mesmo bairro da folia. Quando longas distâncias são percorridas nos giros,

veículos dos próprios foliões são usados para o transporte de instrumentos e demais companheiros (Figura 51). Quando a família mora longe do trajeto sugerido pelo embaixador e deseja oferecer um “pouso” para um grupo de folia, ela se dispõe a buscar os foliões ou a pagar a locação de um carro para levá-los até sua casa (Figura 52).



Figura 51 – Transporte de Foliões em porta malas. No improviso para conseguir levar todo o grupo (Palhaço e tocador) de Folia de Reis Capitão Olídio, Setor Universitário – Goiânia, Goiás.
Foto: Rosiane Dia Mota – Data: 8/01/2010



Figura 52 – Transporte de Foliões em veículo alugado. A família que ofereceu o pouso de janta alugou um veículo para levar os foliões do Grupo de Folia de Reis Os Três Reis Seguindo viagem – Goiânia, Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 02/01/2010

Ao longo do ano, alguns grupos são convidados a cantar e se apresentar fora do trajeto do “giro” e fora da cidade de Goiânia. O consenso entre a maioria dos mestres dos grupos é de “quem convida paga” o transporte de ida e de volta e as despesas com alimentação e hospedagem, se houver. Como afirma um Capitão de Folia, “Nós vamos onde que a pessoa quiser, aí depende da pessoa [...]Depende deles nos levar e trazer, nós não temos esse preconceito [...] Nós já fomos daqui lá pro ‘Cruzeirão’, e de lá para Itaguaru”. Em caso de apresentações em eventos científicos e culturais ou com fins lucrativos, cobra-se uma taxa de valor considerado simbólico para a manutenção dos instrumentos e uniformes (Figura 53). O valor é cobrado “dependendo da pessoa, 300, 200, 400” e a justificativa pela cobrança é a de que “lá (no evento) todo mundo que está apresentando lá está ganhando, né. Por que eu não vou ganhar?”(Mestre de Folias, 54 anos, aposentado).

Os grupos também se apresentam fora do período de “giros”. Em convite da Secretaria Municipal da Educação, os grupos de Folias de Reis se apresentam em instituições de ensino da rede (Figura 54). Por cada apresentação, é paga uma quantia em dinheiro, utilizada para transportar o grupo, tida como mínima para a manutenção da “companhia”.



Figura 53 – Apresentação da Companhia de Reis Aroeiras na Abertura do Teatro Liberdade, Centro de Goiânia, Goiás.

Foto: Rosiane Dia Mota – Data: 27/02/2010



Figura 54 – Apresentação da Companhia de Reis Aroeiras em Escola de Goiânia, Goiás.

Foto: Tito Coelho – 1º Sem/2010

No entanto, o valor recebido nestas apresentações causa conflitos territoriais entre seus componentes. Coordenadores de Grupos, já constituídos em “associações” ou mercadologicamente organizados, afirmaram que o valor pago pelo organizador do evento provoca ciúmes entre os participantes, que exigem a igual divisão do dinheiro entre os membros, como forma de pagamento pelo serviço prestado. Os aspectos negativos do fator financeiro é a ofuscação do “real objetivo da folia” de “adorar o menino Jesus e reproduzir a viagem dos Santos Reis até o Rei”, como afirmam os Coordenadores destes Grupos.

Nas situações em que o dinheiro é distribuído entre os “foliões-apresentadores”, a Coordenação dos Grupos afirma se isentar da responsabilidade sobre a manutenção dos instrumentos. Mesmo com esta situação conflituosa a maioria dos foliões transmite o sentimento de pertencimento com o grupo em seus atos, em sua adoração e respeito ao “Santo da Bandeira”. Com isso, vários símbolos da folia permanecem ao longo do processo de apropriação do turismo e segmento de evento dessas manifestações culturais.

Um aspecto que chamou a atenção durante os “giros” de Folia foi a existência da grande quantidade de símbolos religiosos com características semelhantes nas residências dos devotos. Os símbolos se configuram em imagens e quadros de santos católicos como Nossa Senhora Aparecida, “Três Reis Santos” e Presépios. Este último tem grande importância nas falas e relatos dos foliões. A crença e o respeito fazem dos “Três Reis Santos” e do Presépio componentes da territorialidade festiva das folias, quando se entra em uma casa.

A representação do presépio consiste na forma como a pessoa vê o mundo. Para os foliões o presépio tem o mesmo significado e demanda o mesmo respeito e devoção que a bandeira. Esta possui o papel de “guia” do grupo, nela está retratado o presépio e,

principalmente, a representação dos “Três Reis Santos”. As representações nos levam à compreensão do “modelar” da paisagem, e permitem meditar sobre os significados e valores que a bandeira de “Santos Reis” carrega, ou que lhe é atribuído.

Os devotos, ao verem a bandeira de “Santos Reis”, expressam sua fé em qualquer ambiente. Durante os trabalhos em campo, não raras eram as situações em que o grupo de folia estava na rua e devotos o paravam ali mesmo, davam sua oferta, pediam para que o grupo cantasse para eles e, muitas vezes, se ajoelhavam enquanto era feita a cantoria e beijavam a bandeira (Figura 55).

Outra situação comumente presenciada foram as visitas, pelos grupos, a estabelecimentos comerciais, lojas, mercearias, farmácias e bares, no percurso do “giro” (Figura 56). O pequeno movimento e a caracterização de empresa familiar davam liberdade aos comerciantes de exercitarem sua devoção e receberem a bandeira oferecida pelos grupos de folias.



Figura 55 - Devotos dos “Três Reis Santos” recebem bandeira da Companhia de Reis Aroeira e pede cantoria na rua – Goiânia, Goiás.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 27/12/2009



Figura 56 - Devotos comerciantes recebem bandeira do Grupo os Reizeiros da Bahia em bar, durante expediente – Goiânia, Goiás.

Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 12/01/2010

Por se tratarem de bairros residenciais, onde as relações dos comerciantes e dos grupos de folias são de amizade e, em alguns casos, até de parentesco, a recepção dos grupos nestes locais sempre era com muito carinho. A existência de clientes nos estabelecimentos comerciais não era empecilho para o recebimento da bandeira dos “Três Reis Santos”. Os clientes aguardavam o fim do ritual para, então, realizarem suas compras (Figura 57 e 58).



Figura 57 – Devoto comerciante recebe bandeira dos “Três Reis” da Companhia de Reis Chácara São Joaquim em bar, durante expediente – Goiânia, Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 05/01/2010



Figura 58 – Devoto comerciante recebe foliões da Companhia de Reis Chácara São Joaquim, em mercearia – Goiânia, Goiás.
Foto: Rosiane Dia Mota – Data: 05/01/2010

O “Palhaço” bate na porta e pergunta “aceita a bandeira dos Três Reis Santos, patrão?”. A reação pode ser identificada de duas formas diferentes, conforme esquema, (Figura 59).

Se o morador aceita a bandeira, “recebe a folia”, o rito tem sua continuidade. Se o morador não aceita a folia ocorre o contrário. Ali, no momento em que é negado o recebimento da bandeira, o rito termina para aquela casa. Mas, se a folia seguir para a próxima casa e o mesmo morador que outrora não aceitou a bandeira agora decidir recebê-la? De acordo com os embaixadores, o grupo de folia não retorna a uma casa que negue a bandeira dos “Três Reis Santos”.

Existe, ainda, uma relação conflituosa entre a fé dos devotos e foliões e o descaso de moradores de casas que não aceitam as folias. As desculpas mais frequentes dadas por pessoas que não aceitam receber a bandeira é a de serem “crentes” ou de outra religião protestante, ou o fato de a “família não gostar” de folia. Os grupos comumente sabem quais as casas aceitam ou não a bandeira em determinada rua. O fato advém da frequência do trajeto percorrido e da residência por anos de um folião no mesmo bairro.

Para os devotos, receber a bandeira possui a representação de bênçãos, cura, devoção, é a afirmação de suas convicções e esperanças no meio urbano (ALMEIDA, 2003). No entanto, os não devotos, em alguns casos, até recebem a bandeira, mas nem sempre o ato representa algo para eles. O recebimento da folia, neste caso, se dá por cortesia ou pelo exercício de boa vizinhança e não por existir algum laço emotivo com o ritual ou alguma representação da festa.

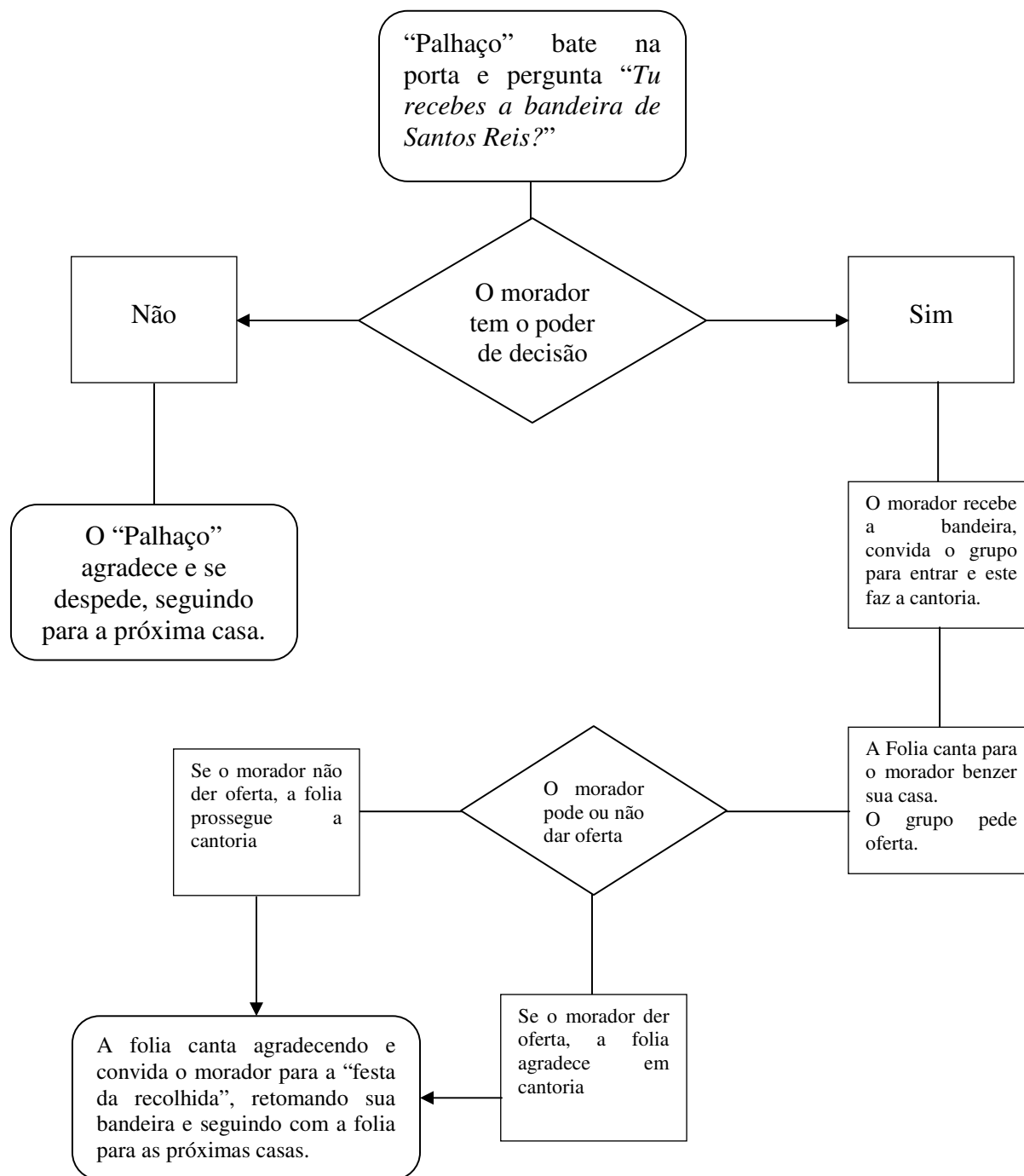


Figura 59 - A folia e seu aceite: o receber ou não da bandeira, até a saída do grupo de Folia de uma residência.
 Fonte: Pesquisas de campo desenvolvidas durante ciclo natalino em RMG - dez/2009 a jan/2010.
 Organização e Elaboração: Rosiane Dias Mota

No dia 25 de dezembro, natal de 2009, o palhaço, do Grupo de Folia de Reis Estrela do Oriente, saudou os moradores de uma casa e perguntou se estes recebiam a bandeira e a folia. O morador, sem camisa, aceitou a bandeira e convidou a folia para entrar. Ao entrar para a garagem da residência, o grupo se deparou com toda a família e amigos do dono da

casa sentados bebendo cerveja e falando alto, e assim permaneceram, sem qualquer respeito pela devoção impressa naquela visita da folia. Na tentativa de contornar tais situações, alguns grupos solicitam aos moradores que desliguem som, televisões e até mesmo computadores que estiverem tirando a atenção do morador durante a cantoria.

Para cada folião ou devoto que recebe a folia, a identificação, o sentido, o significado ocorre de maneira diferente. Para entender as paisagens culturais é necessário identificar os elementos que as compõem, seus signos. Aqui eles tiveram seus significados interpretados com a ajuda dos próprios foliões, assunto do próximo capítulo.

Capítulo 4. Cantoria, Dança e Prosa: Paisagem Cultural e Simbólica produzida pelas Folias de Reis na capital

Neste Capítulo faz-se uma reflexão sobre a paisagem de forma geral, e afunila-se as discussões para as definições e conceitos da paisagem cultural. Apresenta-se a metodologia de leitura das paisagens culturais e simbólicas proposta por Cosgrove (2004), e demonstra-se a aplicabilidade desta metodologia com a leitura das paisagens culturais dos Grupos de Folias de Reis presentes na cidade de Goiânia.

4.1 A paisagem e suas concepções

A concepção de paisagem perpassa diferentes áreas profissionais e científicas como Arquitetura, Urbanismo, Geografia, dentre outras. Todas elas utilizam o conceito *paisagem* para, em algum momento, discutir “coisas visíveis”. Cavalcanti (1998), ao refletir sobre a paisagem, no ensino de categorias geográficas, destaca dois aspectos: a referência, que consiste em descrever a paisagem, e a fração existente entre a dimensão natural e cultural da paisagem.

O aspecto descritivo da paisagem baseia-se em correntes da Geografia Tradicional. Nesta, a paisagem “era considerada a melhor expressão do relacionamento entre o homem e o meio, caracterizando as diferenças entre as áreas” (op. cit., p.97). A descrição, tão somente, limitava a leitura e interpretação da paisagem, mas, por vezes, desconsiderava sua dimensão abstrata.

A paisagem geográfica, no contexto descritivo, é tida por Andreotti (2007, p.14) como “generico: per esso basta l’interpretazione dell’uomo”⁶⁸. Contudo, a paisagem “física” é denominada por Mendoza (1988, p. 132) como “um sistema real cujos elementos e interações são o que são, com independência da percepção ou do significado que lhes dêem as pessoas carentes do distanciamento e dos instrumentos teóricos adequados para um conhecimento objetivo”. Nesta reflexão, o sujeito, ao atribuir à paisagem um significado, faz com que ela deixe a concepção de que “paisagem é aquilo que se vê” e passe a ser aquilo que se sente.

Santos (1979) afirma que a paisagem é “um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade ou qualquer outro critério” (op. cit., p.65). Neste sentido, todos estes

⁶⁸ Tradução livre do Italiano “uma paisagem geográfica é genérica, por isso basta a interpretação do homem” (ANDREOTTI, 2007, p.14)

aspectos, e frações levam à concordância de que a paisagem possui importante papel na vida do homem, além de se relacionar à suas marcas históricas. Andreotti (2010, p.4) afirma que “Il paesaggio, dunque, impronta l'uomo dal quale è improntato, lo rispecchia, ne è la storia”⁶⁹, e é a partir da perspectiva de valorização das marcas históricas que foi possível analisar as paisagens das festas de Folias de Reis. Essas manifestações imprimem marcas no espaço, sem esquecer que esta mesma paisagem compreende também o exame das formas naturais e culturais que as constituem.

No aspecto cultural, a paisagem é, portanto, “portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias: tem assim uma dimensão simbólica” (CORRÊA & ROZENDAHL, 2004, p.8). A dimensão puramente física e morfológica da paisagem é abandonada e um conjunto de significados passa a ser contemplado. A paisagem cultural ultrapassa a dimensão religiosa⁷⁰ e se forma, inclusive, pelas relações territoriais no espaço festivo.

No âmbito aqui discutido, a paisagem excede os aspectos visíveis e toma proporções relacionadas aos sentidos daqueles que a vivenciam, que se refere à paisagem cultural⁷¹. Essa última, também denominada festiva, é entendida, para fins desta investigação, como aquela ligada à subjetividade, percebida, que ultrapassa a dimensão material e se forma, inclusive, pelas relações territoriais e de pertencimento existentes no espaço festivo. A paisagem cultural tem em sua essência, portanto, “discorso della memoria, della storia e della cultura, e, come tale, paradigma di valori etici ed estetici.” (ANDREOTTI, 2007, p.4)⁷², e está continuamente em desenvolvimento, sendo ela modelada de acordo com as ideias da sociedade.

⁶⁹ Tradução livre do original em Italiano: “a paisagem marca o homem do qual ela é marcada, e o que ela reflete, é a história” (ANDREOTTI, 2007, p.4)

⁷⁰ A paisagem cultural inclui, de acordo com Trol (1996, p.2), “além dos fenômenos naturais, os pertencentes à economia, ao cultivo, ao tráfego, à população (com sua língua, sua tradição e sua nacionalidade) à estrutura social, às artes e à religião”.

⁷¹ É importante destacar que, na década de 1890, Otto Schultze publicou uma brochura sobre a paisagem. Nesta a paisagem é reconhecida como o objeto da geografia humana. O autor é um dos responsáveis pela constituição do conceito de paisagem cultural.

⁷² Tradução livre do Original em Italiano “o discurso da história, memória e cultura e, como tal, paradigma de valores éticos e estéticos” (ANDREOTTI, 2007, p.4). Destaca-se que a paisagem cultural também pode ser entendida em outra dimensão, na dimensão lida por Andreotti (2007), como espiritual. De acordo com a autora, a compreensão da paisagem cultural espiritual está centrada no reconhecimento, pertencimento e na afetividade do sujeito com o lugar, e constitui-se como única para cada um que a lê, porque existe uma cadeia, um emaranhado de elementos paisagísticos presentes na construção sociocultural de cada um, concepção não aprofundada nesta investigação.

Nesta investigação, o estudo da paisagem cultural complementa o exame das territorialidades produzidas pelas Folias de Reis na Capital. As marcas impressas por esta manifestação no território goianiense constituem-se em paisagens simbólicas, culturais ou festivas. Neste âmbito, concorda-se com Almeida, Mendes e Vagas (2010, p.7), ao afirmarem que as paisagens culturais compõem “uma dimensão do território, marcada por elementos patrimoniais, signos da trajetória da sociedade, ativando a memória, situando as pessoas e definindo identidades”. A Folia de Reis consiste em um “cenário festivo”, no qual os atores sociais se configuram em um processo de “trocas” e “movimentos” que leva a concretização do território festivo.

A paisagem cultural, de acordo com Cosgrove (2004), está apoiada na corrente da Geografia Humana, e está, também, ligada à cultura, às formas visíveis e à própria composição destas formas. Esta consiste, então, em “uma ‘maneira de ver’, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, em uma unidade visual” (op. cit., p.98). Rodrigues (2001, p.24), explica a “interpretação da paisagem está baseada na cultura”, na forma de ver o mundo de cada indivíduo.

A metodologia proposta por Cosgrove (2004) está relacionada à leitura da paisagem. A leitura desta é entendida diferentemente por cada autor, e também por cada ator que a compõe. Neste contexto, Cosgrove (2004), Guimarães (2003), Almeida, Mendes e Vagas (2010) afirmam que o exercício de interpretação da paisagem se dá por meio da “visão de mundo de quem o faz”⁷³. As paisagens culturais produzidas pelas Folias de Reis possibilitam diferentes leituras pelos foliões, pesquisadores, visitantes, turistas e visitantes. A “visão de mundo” está relacionada, portanto, à “carga cultural” que o observador possui para interpretar a paisagem cultural abstrata ou material (COSGROVE, 2004, p. 99). Neste caso, o observador pode ser, ou não, participante efetivo da manifestação.

Para conseguir realizar uma leitura das paisagens festivas produzidas pelas folias, é necessário entender que a “carga cultural” individual, existente na leitura e interpretação da paisagem, é denominada por Andreotti (2010), como um “potencial expressivo”. Na concepção da autora, a paisagem “detiene un potenziale espressivo che fa sprofondare negli infiniti motivi, nelle cause o nelle forze che lo hanno generato”⁷⁴. Sem este potencial uma paisagem cultural passa a ser somente uma paisagem

⁷³ (ALMEIDA, MENDES e VARGAS, 2010, p.8).

⁷⁴ De acordo com Andreotti (2010, p.4) a paisagem “detém um potencial expressivo que faz aprofundar nas infinitas motivações, nas causas ou nas forças que a geram”. (tradução livre)

geográfica. Neste contexto, para uma pessoa que não possui determinado conhecimento sobre a religião católica (a “profecia” do nascimento de Jesus Cristo, a visita dos “Santos Reis” e a fé que move os foliões), mas que decide acompanhar um grupo de folia, o rito não terá sentido. Ela nem mesmo se reconhecerá nos versos cantados e nos presépios adorados. Da mesma forma se dá com a maneira de interpretação de uma criança, com a chegada de um Grupo de Folia de Reis em sua casa, em relação a um adulto. O sentimento deste último é diferente, pois este, provavelmente, cresceu recebendo folias, e interpreta os ritos e a materialidade da paisagem cultural desta manifestação com uma carga de sentimentos e conhecimentos adquiridos ao longo da vida.

Essas considerações/reflexões que contempla o passado e o presente são para reafirmar que a paisagem aqui é interpretada em sua dimensão abstrata. Ela expressa uma materialidade da manifestação cultural e leva-se em consideração que as roupas dos foliões e os instrumentos são visíveis, formam uma paisagem material. Já as músicas e os sentimentos derivados compõem a dimensão abstrata da paisagem nas Falias de Reis. Essa dimensão abstrata é apontada por outros autores, como Santos (1994), como aquela que possui cheiros e gostos, além da dimensão visível. A expansão da paisagem em significados e sentidos captados e compreendidos nas festas religiosas, na vivência dos rituais e das manifestações, foi refletida também por Dardel (1952).

Nas Falias de Reis a paisagem simbólica apresenta-se em elementos diferenciados: na ornamentação das casas e dos instrumentos, nos “pousos de almoço” e “de janta”, nos altares, na reza e no canto do terço, nas roupas dos foliões, na farda do Palhaço, nas cantorias, no ato de beijar e de receber a bandeira, no passar debaixo da bandeira na saída de cada casa, no trajeto seguido, na reprodução das comidas rurais no contexto urbano, e em muitos outros aspectos.

São os elementos que compõem as paisagens festivas das folias que auxiliaram a concluir que as “formas de decifrar e compreender os símbolos interjacentes em uma paisagem tornam um mesmo lugar tão diferente para uma pessoa e outra” (GUIMARÃES, 2003, p.50)⁷⁵. Nestas festas a compreensão de suas paisagens depende do ponto de vista dos foliões. Para isso utilizou-se como suporte o método de leitura dos territórios simbólicos e das paisagens culturais.

⁷⁵ A autora, no estudo das paisagens do medo, atreladas aos ciganos, demonstra que pessoas e povos desenvolvem a leitura de suas próprias paisagens.

4.1.1 O método de leitura dos territórios simbólicos e das paisagens culturais

A proposta de realizar uma leitura dos territórios simbólicos e das paisagens culturais se apóia em vários autores, sobretudo naqueles que discutem aspectos relacionados à *linguagem*, à *comunicação*. Para fins desta investigação admite-se linguagem verbal como aquela cujos sinais são expressos por palavras. E não-verbal aquela cujos sinais não são expressos por palavras ou por uma linguagem formalizada, mas “vale-se de imagens sensoriais variadas, como as visuais, auditivas, cinestésicas (*sic*), olfativas e gustativas” (AGUIAR, 2004, p.25).

Nas paisagens produzidas pelas manifestações culturais, especialmente nas Folias de Reis, a comunicação é essencial na transmissão dos conhecimentos e da tradição ao longo das gerações. No que se refere a comunicação humana, a mesma autora detalha que esta

não se dá apenas de forma horizontal, entre os pares próximos ou distantes de um mesmo momento histórico, mas acontece verticalmente, entre o sujeito e o passado, com o qual ele entra em contato através dos **registros deixados** por homens de outros tempos, sendo-lhe possível, por essas vias, projetar o futuro” (AGUIAR, 2004, p.23 – grifo nosso)

A concepção de *registros deixados*, abordada pela autora, pode dizer respeito ao conhecimento das manifestações culturais deixadas para outrem, oralmente ou por escrito, e seriam as marcas históricas apresentadas por Andreotti (2010), discutidas anteriormente. A exemplo, são raros os casos em que embaixadores de folias guardam escritas as “rezas”⁷⁶ ou que as ensinam a outros que darão continuidade à tradição. Quando isto não ocorre, e quando não há a preocupação de realizar algum tipo de registro (escrito, áudio ou vídeo) o falecimento de foliões detentores de tal conhecimento implica na perda de todo um conhecimento outrora adquirido, além de afetar a continuidade da tradição.

Nesta perspectiva, os territórios simbólicos e as paisagens culturais são lidos a partir dos signos transmitidos pela linguagem não-verbal, principalmente, e da comunicação verbal. O presente método propõe a leitura apreendida por meio da identificação dos signos e significados obtidos na comunicação verbal e principalmente não-verbal, das Folias de Reis.

⁷⁶ Nestas incluem-se as músicas cantadas por eles, suas melodias e as trovas.

O signo é compreendido, portanto, como unitário, como algo dado, e não construído (SOUZA, 2004). Conforme Aguiar (2004), a sociedade ou grupo cria o signo para representar algo. O signo é a soma do significante e significado. O significante é constituído por algo material e significado expressa uma “representação psíquica da coisa” (op. cit., p.41).

Para facilitar a compreensão, tem-se a bandeira, o palhaço e o presépio como significantes, e estes remetem, como significados, os “Três Reis”, ao guardião da bandeira, à sagrada família, segundo o catolicismo popular. O significado é interpretado por aquele que se propõe a entendê-lo. Nas Folias de Reis esta leitura/interpretação dos signos é feita com o auxílio dos próprios foliões e participantes. Tal leitura consiste na apreensão dos significados da manifestação, dos ritos, das relações territoriais e das paisagens culturais ali produzidas.

A interpretação dos territórios simbólicos e das paisagens culturais é possível pela análise das “evidências”, segundo Cosgrove (2004). Na Lingüística, nos estudos Semióticos, o signo é interpretado pelo pesquisador, busca-se, portanto, nesta investigação, realizar a apreensão da evidência como “qualquer fonte que possa nos informar os significados contidos na paisagem para os que a fizeram, a alteraram, a mantiveram, a visitam, e assim por diante [...]” (op. cit., p.109). Nas Folias, as evidências estão nas falas, nos gestos, na decoração das casas, no cardápio do almoço, enfim em território festivo produzido para aquele momento.

Para entender e apreender as evidências, os sentidos e os significados dos “giros” e das apresentações feitas pelos grupos de folias, fez-se necessário “vivenciá-los”. Cosgrove (2004) propõe então, como método, que o pesquisador tenha “apenas a vontade de olhar”. Mesmo com o objetivo de exercitar essa “vontade de olhar”, a posição da autora, como pesquisadora, durante a investigação e a busca pela compreensão das territorialidades e da formação da paisagem cultural nas Folias de Reis, foi dosada de respeito e cuidado. A interpretação das territorialidades e das paisagens culturais é realizada sob o ponto de vista dos foliões e visitantes. As falas e entrevistas proferidas pelos sujeitos foram imprescindíveis para as discussões e reflexões realizadas sobre os elementos que compõem a paisagem simbólica das Folias de Reis em Goiânia.

4.2 A Paisagem Simbólica das Folias em Goiânia

Na paisagem geográfica de Goiânia existem diferentes manifestações folclóricas, como a Catira, a Folia de Reis, a Congada, a Quadrilha nas festas juninas, entre outras. Estas manifestações da cultura popular contribuem para a formação de uma paisagem cultural da cidade, que mistura elementos rurais, ora ressignificados, com outros reinventados e até mesmo criados pela modernidade. Contudo, ao refletir sobre esta paisagem, compreende-se que ela é fracionada em “blocos específicos” determinados por cada manifestação ou ciclo em que se insere.

Durante o período de dezembro a fevereiro diferentes manifestações produzem, juntas, a paisagem cultural do ciclo natalino goiano. Este é composto dos “giros” e festas de folias, das apresentações de corais e cantatas natalinas, das visitações a presépios, das missas e novenas, dos encontros de folias, das festas de padroeiros como São Sebastião, Santa Luzia, além das festas realizadas por terreiros, como a apresentação do Afoxé, entre outros. Como se pode observar, a paisagem cultural do ciclo natalino goiano transita por diferentes religiões e crenças, e se “consolida/unifica” na crença e devoção de cada participante (Figura 60).

No âmbito do ciclo natalino goiano tem-se que os devotos a “Santos Reis” e grupos de folias presentes na cidade compõem, juntos, a paisagem cultural das Folias de Reis goianienses, objetivo desta investigação.

Na paisagem cultural das Folias de Reis de Goiânia considera-se que, mesmo com a presença de especificidades, cada sujeito, folião e/ou grupo contribui para a formação desta paisagem, tornada alvo da mídia jornalística impressa nos meses de dezembro e janeiro, principalmente no período do Encontro de Folias da cidade.

Contudo, destaca-se que existem várias “folias” dentro de um único grupo de folias, e que para cada pessoa a paisagem cultural composta possui significados e valores diferentes. Dentro dos elementos existentes na paisagem emergem sensações e sentimentos diferenciados, próprios de cada participante. Cada grupo de Folias de Reis produz sua própria paisagem, como paisagem individual, assim como estes, individualmente, produzem suas próprias territorialidades, e, juntos, compõem a paisagem cultural das folias da cidade de Goiânia.

A existência de elementos e significados próprios de cada grupo de folia instiga a investigar a existência de signos e significados comuns destes grupos na leitura da paisagem cultural das Folias de Reis da cidade de Goiânia.

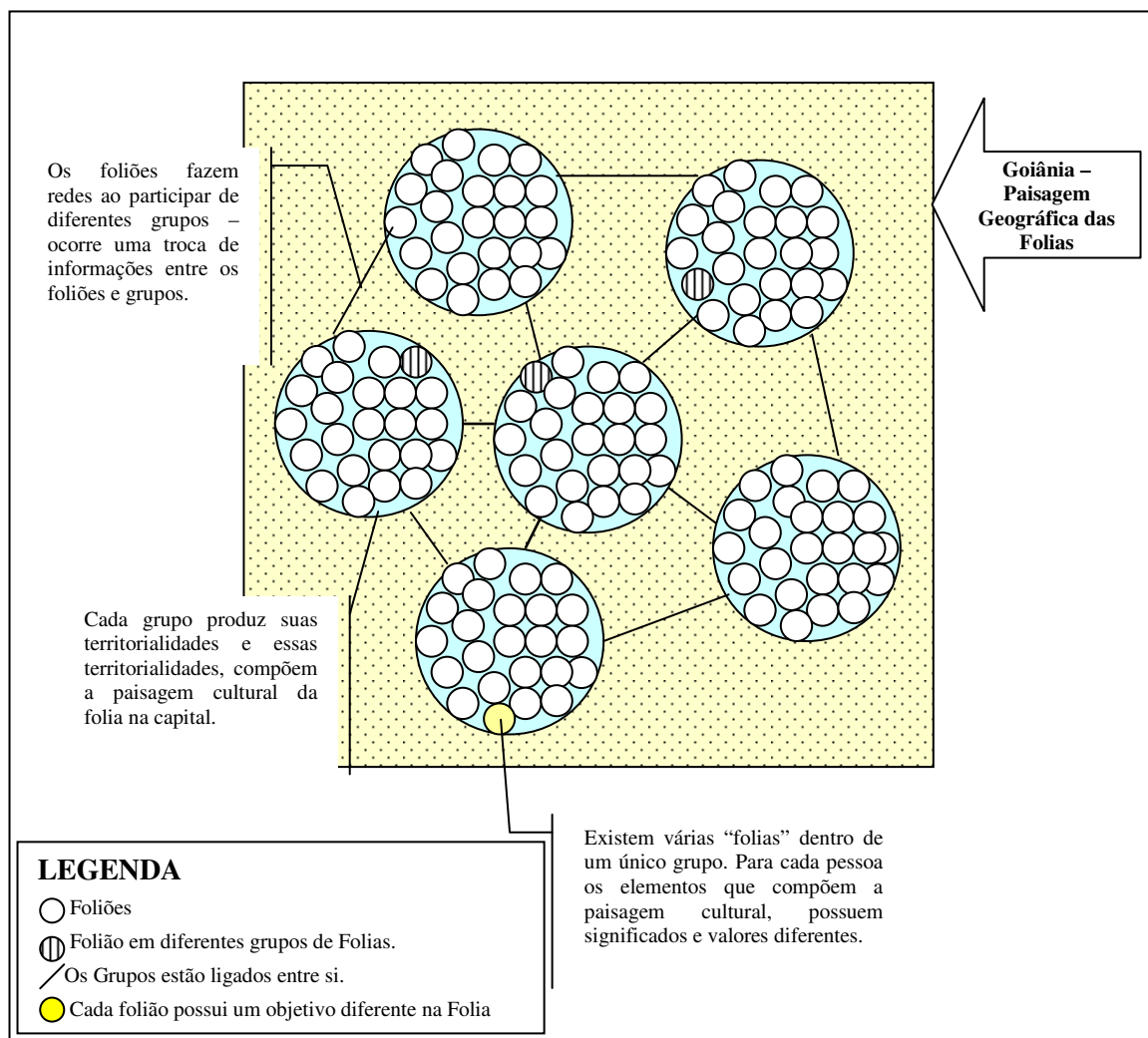


Figura 60: Esquema de demonstração da constituição da paisagem cultural produzida pelas Foliás de Reis na Capital

Fonte: Informações colhidas nos “giros” de folias 2009/2010 e 2010/2011

Organização: Rosiane Dias Mota

4.2.1 Uma leitura das Paisagens Simbólicas produzidas pela Foliás de Reis

Ao refletir sobre a concepção de que a “Geografia está em toda parte”, Cosgrove (2004) apresenta o conceito de cultura como aquele que é formada por símbolos. Estes símbolos por sua vez, estão presentes na produção da paisagem. O autor utiliza o que ele denomina de “tipologia tríplice”, cultura-símbolos-paisagem, para a decodificação das paisagens simbólicas. A metodologia proposta por Cosgrove (2004) consiste em uma leitura das paisagens simbólicas a partir das concepções de Paisagens da Cultura Dominante e Alternativa. A primeira é definida pelo autor como “a cultura de um grupo

que tem poder sobre outro ou outros” (op. cit., p.111). O poder neste caso está ligado a algum tipo de controle sobre o outro, principalmente no que tange aos meios de vida.

Já as paisagens alternativas, “por sua natureza, [...] são menos visíveis na paisagem do que as dominantes, apesar de que, com uma mudança na escala de observação, pode parecer dominante uma cultura subordinada ou alternativa”(op. cit., p.116). As paisagens alternativas são divididas em três: Residuais, nas quais retratam “muitos elementos da paisagem [que] pouco têm de seu significado original” (COSGROVE, 2004, p.117); Emergentes, consideradas transitórias e de baixo impacto sobre a paisagem; E, por último, Excluídas, que estão paralelas à cultura dominante, e representam uma apropriação cultural.

Ao refletir sobre as tipologias apresentadas pelo autor, define-se que as Folias de Reis constituem paisagens simbólicas na perspectiva de uma Paisagem Alternativa Residual. A decodificação da paisagem produzida por esta manifestação está relacionada diretamente com os cinco sentidos humanos, conforme refletido anteriormente. Estas são compreendidas como imagens sensoriais; assim, é possível afirmar que a paisagem simbólica das folias é produzida pela sonoridade no ouvir e se reconhecer nas músicas; pelo olfato e paladar por meio dos reconhecimento dos cheiros e gostos das bebidas e dos variados pratos servidos nas casas ao longo do “giro” e nos “pousos” de folia; pelo tato, no sentido de pertencimento que emerge ao oferecer uma esmola, ou ao tocar da bandeira, e nos cumprimentos e abraços dos foliões; e pela visão no reconhecimento das cores da bandeira, da decoração das casas, das vestes dos foliões, e da estruturação dos ritos.

A paisagem festiva alternativa e residual produzida pelas Folias de Reis da Capital possui diversos elementos que permitem aos foliões de se reconhecerem nela. E, a compreender como paisagem dominante para os próprios foliões e devotos, ao se refletir em uma escala de observação interna, dos grupos e de pessoas relacionadas à manifestação. Diferentes Grupos de Folias, com ritos e origem diferentes, possuem elementos paisagísticos comuns.

Apresenta-se em seguida uma leitura do presépio e da bandeira, como elemento paisagístico, sua importância e seu significado para os foliões; significado esse, apreendido durante a “vivência” dos “giros” e apresentações.

Na “entrega da folia”, elementos como arcos, altar, presépio, e extensa mesa para servir o jantar, são indispensáveis. O presépio consiste em um “Grupo de figuras que representam a cena de adoração ao Menino Jesus recém-nascido, na manjedoura de

Belém”, conforme Nogueira (et. al., 1985, p.183). Este símbolo natalino figura-se em uma representação do ciclo natalino. Este último teria sido criado, de acordo com a autora, na Idade Média, com o objetivo de difundir os ensinamentos cristãos e a doutrina católica. A criação do primeiro presépio é atribuída a São Francisco de Assis, no século XIII (PEREIRA, 1957).

O presépio é um costume português e tem tradicionalmente sua montagem no mês de dezembro e com permanência até dia 6 de janeiro – dia de santos reis – ou até dia 20 de janeiro – dia de São Sebastião. Raros casos os devotos o mantêm exposto ao longo do ano. A exemplo está a situação de apenas uma devota, esta mantinha seu presépio montado durante todo o ano. Sua justificativa foi: “é estranho as pessoas comemorarem o nascimento de Jesus só no Natal, daí, eu fico com o presépio montado o ano todo. Sempre que olho para ele sinto a alegria da casa cheia, quando todos se reúnem nas festas de final de ano” (Devota, 67 anos, aposentada).

Neste contexto, conforme afirma Cosgrove (2004), existem interpretações diferentes para a paisagem cultural. Cada ator, cada pessoa, fará uma leitura própria dos símbolos existentes nas casas, em especial do presépio. Os “Palhaços” fazem uma interpretação mítica/religiosa/ritualística do presépio, como uma paisagem cultural. Ao entrar em uma casa, eles sempre se mostravam atentos, “buscavam com os olhos”, ou até mesmo perguntavam aos donos das casas se estes montaram presépio naquele ano. É função do Palhaço avisar ao Embaixador da folia sobre a existência ou não do presépio na casa. Em caso afirmativo, o Grupo modifica sua cantoria para saudá-lo e essa saudação varia de um grupo para outro.

A relação do Palhaço com o presépio muda de acordo com as normas míticas que ele representa. No Grupo de Folias Estrela do Oriente, esse “personagem” não pode entrar com máscara no ambiente que tiver um presépio montado. De acordo com o embaixador deste grupo, o “Palhaço” estaria ali apenas para vigiar e, por isso, deve tomar distância. Da mesma forma que os vigias do Rei Herodes ficaram de longe observando, espiando, os “Três Reis Santos”. Já a Companhia de Reis Aroeiras tem uma relação diferente com o presépio. Este grupo desenvolve encenação e devoção durante a cantoria aos “Três Reis” e ao presépio. Os “palhaços” atravessam o recinto onde se encontra o presépio, de joelhos e com as máscaras levantadas, e lá o adoram. Na cantoria realizada diante do presépio, a emoção se “externaliza” em forma de lágrimas nos rostos de alguns dos devotos.

O presépio constitui uma paisagem simbólica, tal como menciona Almeida, Meneses e Vargas (2010), tanto para os grupos de folias quanto para a sociedade de modo geral. Inicialmente o presépio consiste em um conjunto de peças que retratam o nascimento de Jesus Cristo⁷⁷. Mas na leitura de paisagem proposta pelas autoras o presépio ativa a memória dos foliões e devotos, situando-os no contexto devocional. Essa paisagem significa, entre outras coisas: fé, esperança, gratidão, alegria e compaixão.

Quando se reflete as folias de reis na perspectiva das representações, tem-se em conta que

[...] o estudo das representações espaciais centra-se sobre as modalidades de apreensão do mundo e do status do real, isto é, o problema da adequação entre a realidade, o que nós percebemos e nossos discursos sobre a realidade. É através de um conhecimento das representações das pessoas que é possível captar toda a riqueza de valores que dão sentido aos lugares de vida dos homens e das mulheres; **pelos representações também é possível entender a maneira pela qual as pessoas modelam as paisagens e nelas afirmam suas convicções e suas esperanças.**(ALMEIDA, 2003, p.71 – grifo nosso)

Os presépios, como elemento da paisagem festiva, remetem a lembranças tais quais as emergidas durante as cantorias dos grupos de folias. Famílias montam seus presépios há várias décadas, as peças são passadas aos filhos e netos, com o compromisso de continuarem a tradição dos antigos. Contudo, durante os “giros” 2009/2010, “vivenciou-se” o lamento de uma devota ao afirmar que seus vizinhos tinham “virado crentes” e

iam jogar fora o presépio que tinha passado por três gerações [...] daí, eu fiquei muito triste. Falei para eles não fazer isso, não tinha nada haver ser crente, eles iam crer era naquele menino que tava ali no presépio, o menino Jesus, mas não adiantou! eles falaram para mim ‘se a senhora gosta tanto, fica com ele’, e me deram, um presépio bonito, desses que nem vem mais, pesado, mas bonito, bonito mesmo. [...] Hoje o meu vizinho nem vem aqui em casa quando é fim de ano, porque o presépio dele fica aqui montado.(Devota, 42 anos, diarista)

Para os embaixadores dos grupos de folia, a presença do presépio em uma residência reflete a mudança da cantoria, conforme dito anteriormente. O presépio, como elemento da paisagem festiva, leva o embaixador a ampliar a quantidade de versos cantados na casa. São cantados versos de saudação ao morador, como nas demais

⁷⁷ O presépio é composto das figuras: a sagrada família (José e Maria e Jesus) os “Três Reis do Oriente” com seus presentes, animais (ovelhas, vacas e entre outros), pastores de ovelhas e a “Estrela do Oriente”. Todos estes personagens são colocados em um cenário que reproduz um estábulo, conforme a narrativa bíblica.

situações, contudo, é cantado, também, o que os embaixadores denominam de “Nascimento”:

O Deus, vamos começar o santíssimo sacramento, adorando quem adorou o sagrado nascimento.

Adorando quem adorou o sagrado nascimento, ai ai ai

No mundo correu o anúncio que nasceu um Deus fiel, foi nascido na Judéia, entre os campos de Israel.

Foi nascido na Judéia, entre os campos de Israel, ai ai ai

Os Três Reis quando souberam a Deus a menino foram adorá, e ganharam a penitência de no mundo ir girá.

E ganharam a penitência de no mundo ir girá, ai ai ai

Senhora dona da casa, ajudante da festeira, os Três Reis vai sair girando, apresenta a vossa bandeira.

Os Três Reis vai sai girando, apresenta a vossa bandeira, ai ai ai

Para festejar o dia é convite dos festeiros a entrega da folia no dia seis de janeiro.

A entrega da folia no dia seis de janeiro, ai ai ai

(Trecho da Cantoria realizada no ciclo natalino 2010/2011, pelo senhor Olídio, embaixador da Folia de Santos Reis Capitão Olídio – Setor Universitário).⁷⁸

Após a cantoria do “Nascimento” nas situações de “pousos de janta” os palhaços de alguns “Grupos de Reis” fazem suas “trovas” em saudação ao presépio, como é o caso do “Bastião” e da “Bastiana” do Grupo de Folias de Reis Nova Esperança,

[...]Bastião: Vinte e cinco de dezembro, tudo isso aconteceu, aquele dia nasceu o Menino Deus. Os Três Reis quando souberam viajaram sem parar. [...] Os Três Reis chegando lá, tudo ali que se via, **entre os animais que ali se via estava também a vaquinha. O camelo que chegava, o galo que cantava e a estrela que brilhava.** Todo o mundo havia de dizer que de uma virgem concebida Jesus ia nascer. Pois a Deus quero adorar com meu joelho no chão, pedir a divina benção dos meus pecados, e meu perdão.

Bendito seja o Menino, que nessa terra nasceu, o mundo inteiro se alegro quanto aquela estrela no céu apareceu. Pois eu vim com os Três Reis, fazendo o que disseram: façam no Oriente o que em Belém fizeram. Os Três Reis lá em Belém o Menino visitou, voltando para o Oriente seu presépio eles formou. Mostrando como se deu, na hora que eles voltaram, a visita dos catorze hinos que eles haviam cantado. [...]

(Trecho de trova realizada no ciclo natalino 2010/2011, pelo Bastião, palhaço de folias do Grupo Nova Esperança. Transcrição completa – Apêndice 10 – grifo nosso)⁷⁹

⁷⁸ Identificou-se que este mesmo trecho cantado durante o “giro” 2010/2011 foi gravado em CD lançado pelo grupo no ano de 2010.

⁷⁹ Transcrição feita fielmente à forma falada para melhor compreensão das rimas.

Os elementos paisagísticos que compõem o presépio são cantados ou versados durante os ritos. À existência de elementos diferentes à concepção da natividade é solicitada a sua retirada, a exemplo dos crucifixos e objetos como ferraduras.

Para os devotos e foliões, de acordo com a “trova” descrita, a montagem do presépio foi uma maneira que os “Três Reis do Oriente” teriam encontrado para representar a situação vista e vivida em Belém. A partir de então, as pessoas teriam dado continuidade a uma representação, iniciada pela oralidade destes três indivíduos.

Atualmente, na cidade de Goiânia, o presépio, como representação natalina, está presente tanto em ambientes públicos quanto privados. São praças, órgãos públicos, igrejas católicas, escolas, além de residências e empresas (Figuras 61, 62 e 63).



Figura 61 – Presépio montado pela Prefeitura da Capital na Praça Almirante Tamandaré – Setor Oeste – Goiânia, Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 16/12/2009



Figura 62 – Presépio montado na Catedral Metropolitana de Goiânia.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 31/12/2010



Figura 63 – Presépio montado na casa do coordenador do Grupo de Folias de Reis Estrela do Oriente – Goiânia, Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 25/12/2009

Alguns presépios possuem caracterizações típicas da região goiana - animais, frutos, e personagens, como é o caso do presépio montado no Coreto de Goiânia em 2009, onde os “Três Reis” foram caracterizados pelos mascarados das festas de Pirenópolis (Figura 64). Outros são feitos de materiais diferenciados, entre eles estão o gesso, o vidro, o aço e o pano (Figuras 65, 66, e 67). Mas, de acordo com os devotos, independente da forma como foi montado, ou do material utilizado, todos transmitem a mensagem da cultura cristã, do nascimento de Jesus Cristo.



Figura 64 – Presépio estilizado montado no Coreto de Goiânia, Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 16/12/2009



Figura 65 – Presépio feito com chapas de aço montado pela Prefeitura de Goiânia na Praça Cívica - Goiânia, Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 16/12/2009



Figuras 66 e 67 – Presépio feito com bonecos de pano, montado pela Prefeitura de Goiânia, junto Papai Noel, sinos, a outros símbolos natalinos, na Praça Cívica. A mistura cria o ambiente lúdico “Vila do Papai Noel”, que atrai crianças e adultos - Goiânia, Goiás.
Foto: Rosiane Dias Mota – Data: 16/12/2009

A montagem e visitação a presépios na Capital está associada à paisagem cultural natalina de modo geral, composta, assim, de outros elementos paisagísticos